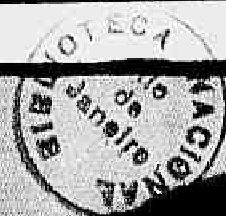
REVISTA DA SEMANA

PAULO ROBERTO AMA OS BROTINHOS

•

POR TRÁS DO TRONO DA INGLATERRA



Um perfume de Myrurgia

MADERAS DE ORIENTE



EXTRATO · LOÇÃO · ÁGUA DE COLÔNIA · PÓ DE ARROZ

• MYRURGIA •



ENTRE O RÁDIO E A MEDICINA. Paulo Roberto diz que escolheria a medicina No entanto, o radialista é que sustenta o médico E tendo milhares de fãs belíssimas. Paulo Roberto prefere os «brotinhos» recém-nascidos.

PAULO ROBERTO AMA OS BROTINHOS

RADIALISTA, MÉDICO, POETA E FAZENDEIRO ★ ADMIRA VOLTAIRE E É FÃ DE "BRUCUTU" ★ FALANDO UMA HORA COM O HOMEM DO "NADA ALÉM DE DOIS MINUTOS" ★ ADORA OS BROTINHOS DE QUATRO DIAS ★ O RADIALISTA SUSTENTA O MÉDICO ★ TÔDAS AS MULHERES SÃO ANJOS ★ 25.000 PÉS DE CAFÉ — E' CAFÉ PEQUENO!

Reportagem de ZÉLIA TAVARES

HAVERÁ nesta cidade ou mesmo no Brasil quem não conheça Paulo Roberto? Não acreditamos que exista alguém que não tenha ouvido «Gente que Brilha», «Honra ao Mérito», «Nada Além de Dois Minutos» ou o célebre «Obrigado Doutor».

Sim, todos nós gostamos de saber sempre um pouco mais a respeito daqueles que conhecemos de «ouvir falar».

UM ENCONTRO FELIZ

Há dias vínhamos alimentando aquela vontade, ou melhor curiosidade, de conversar com o autor de «Honra ao Mérito».

Estávamos no elevador do Edifício de A Noite, quando nêle entrou, meio apressado, sabem quem?

— Paulo Roberto. Era, positivamente, um encontro feliz. Nós com uma vontade grande de conversar com o discípulo de Roquete Pinto e êle aparecendo. Não é mesmo uma grande sorte?

Como todo repórter, aproveitamos logo a oportunidade e o agarramos, solicitando uma entrevista.

— Só se fôr depois do Programa, disse-nos com o mais franco dos sorrisos. Está bem?

— Que pergunta... Claro que sim, mesmo que

PAULO ROBERTO AMA OS BROTINHOS

tivéssemos que esperar tôda a noite, não perderíamos aquela oportunidade.

Como os leitores devem saber, Paulo Roberto é um homem ocupadíssimo. Tem tôdas as horas tomadas, pois, além de suas atividades radiofônicas, que não são poucas, ainda exerce a profissão de médico.

MODESTO E SINCERO

Terminado o programa, Paulo Roberto nos levou para uma das salas da rádio e ali ficamos por muito tempo palestrando. Sua conversa é interessante, prendendo a atenção daqueles que o ouvem.

— Por que você se lembrou de mim? — perguntou-nos.

Então explicamos que éramos fãs de todos os seus programas e tínhamos uma vontade grande de conhecê-lo em pessoa.

Sorriu e quis saber o que diziam dêle, por aí...

— Entre outras coisas, sabemos que Roquete Pinto, o mestre do Rádio brasileiro, disse coisas maravilhosas. E como as pessoas de valor merecem ser conhecidas, resolvemos apresentá-lo ao «seu público». Sim, ao «seu público», porque todo o mundo conhece Paulo Roberto. Todavia, muita gente não conhece o Dr. José Marques Gomes, não é?

— Menina, você é detective? Como descobriu êsse segrêdo? Depois, falando sério, começou Paulo Roberto: — Primo o que tenho a dizer é que sou um homem comum. Quanto ao que Roquete Pinto tenha dito de mim, só posso dizer que êle foi meu mestre de rádio. Suas opiniões sôbre mim são sobremodo honrosas. Não se esqueça, entretanto, que um mestre sempre costuma nos ver com bons olhos ou... nos ouvir com simpatia e boa-vontade.

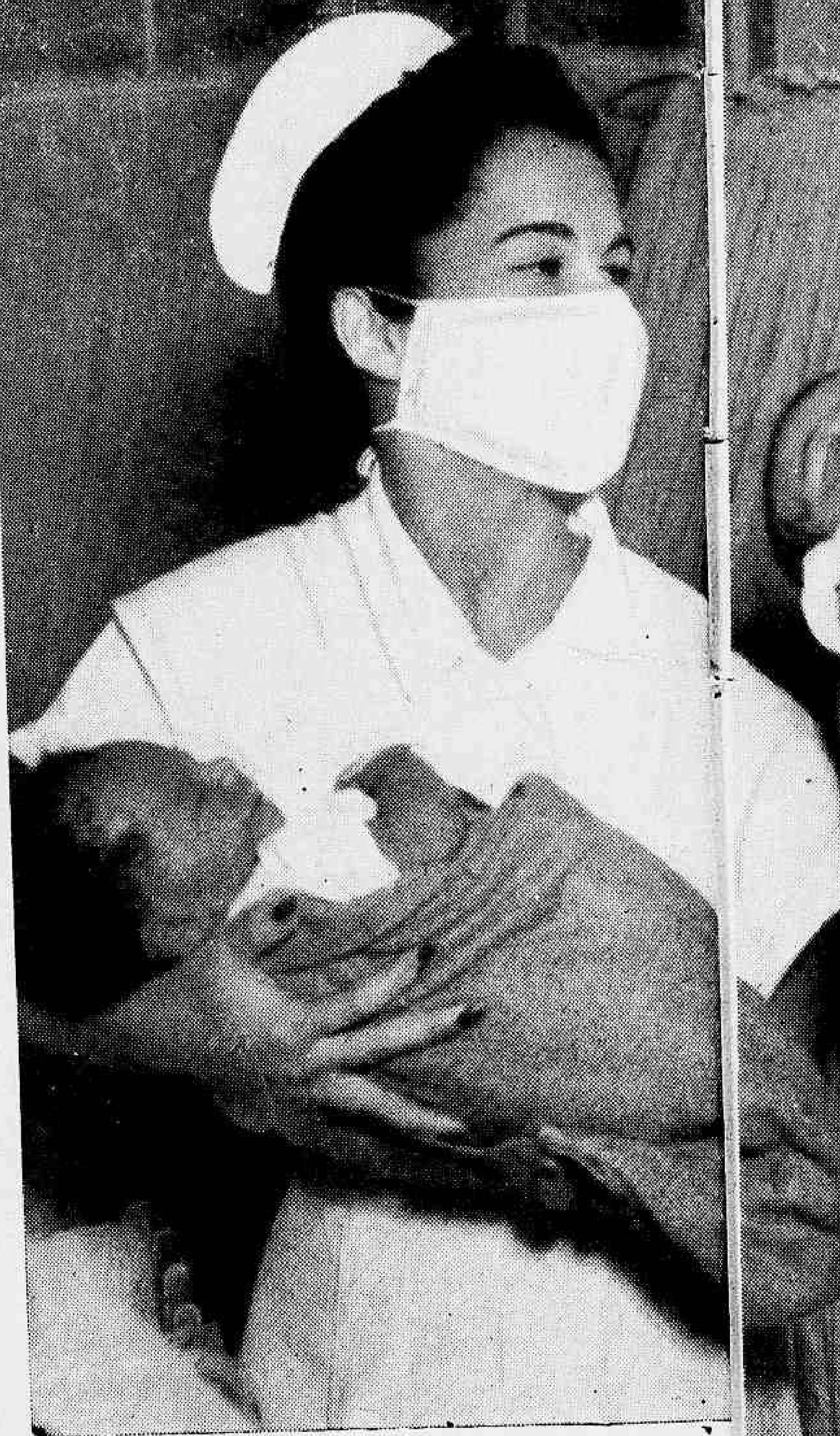
— E o médico como vai?

— Vai indo bem, obrigado. Nós é que dizemos — obrigado, doutor... Êle riu. E continuou: — O radialista que sou, é na verdade o trabalhador que «sustenta» o médico que sempre desejei ser, sou e serei. Como médico ganho muito menos do que como homem de rádio. Mas, se por acaso tivesse que escolher entre o rádio e a medicina, escolheria a medicina, com seus graves problemas, seus sacrifícios e aceitaria a situação dolorosa de «sacerdote», graças à qual a esmagadora maioria dos meus colegas vive por um milagre de boa-vontade e altruísmo.



COMO E' O TEMPÊRO? — Com a mesma meticulosidade com que organiza seus programas radiofônicos, o doutor José Marques (Paulo Roberto) fiscaliza a alimentação da Maternidade.





OBRIGADO DOUTOR — Paulo Roberto, que confessa o seu «fraco» pelos «brotinhos» recém-nascidos, segura dois bebêzinhos e a enfer-

ÊLE E O RADIO

Falando sôbre o radialista, interpelamos a Paulo Roberto sôbre seus programas.

— Faço quatro programas: — «Obrigado, Doutor», «Nada Além de Dois Minutos», «Gente Que Brilha» e «Honra ao Mérito».

— Qual o que lhe parece melhor?

Paulo Roberto ficou indeciso e respondeu: — São todos meus filhos, coitadinhos. Prefiro não citar o melhor. Cito o que me parece o pior — «Gente que Brilha», que é leve como uma bôlha de sabão.

— E qual é o mais ouvido?

— «Gente que Brilha».

— Agora gostaríamos de saber como surgiu, ou melhor, como nasceu a idéia de «Honra ao Mérito».

— A Standard queria fazer um programa diferente. Reunimo-nos, e eu sugeri que fizéssemos um programa no qual homenageássemos gente viva. Todos gostaram da idéia e foi assim que, no dia 7 de setembro de 1949, surgiu «Honra ao Mérito», homenageando a figura magnífica do mestre que é o professor Lourenço Filho.

— Paulo Roberto, você ganha muito dinheiro?

Quando acabamos de fazer essa pergunta, pensamos que nosso entrevistado não fôsse gostar muito da indiscrição, todavia, êle prontamente nos respondeu:

— Sim. Para um radialista brasileiro ganho muito. Na América, tendo escrito e apresentado o que já escrevi e narrei, estaria rico.

«GENTE QUE BRILHA», um dos programas de Paulo Roberto dá montanhas de cartas dos fãs e êle parece desanimado com a avalanche.



meira um. Nasceram na Maternidade onde o radialista se transforma em médico. E os bebês parecem querer dizer: «Obrigado, doutor...»

Continuando com a nossa indiscrição, arriscamos:

— E não está rico?

— Não. Gasto tudo o que ganho e ganho mais para poder continuar gastando.

FÃ DE BRUCUTU E FERDINANDO

Como todo homem culto, não poderia Paulo Roberto deixar de se referir à literatura. Depois de conversarmos mais um pouco, Paulo Roberto nos transmitiu as suas preferências, dizendo: — Gosto de Voltaire, Jorge Amado, Rudiard Kipling, Brucutu e Ferdinando. Isto é, com tôda a sinceridade gosto do mais sublime e do mais simples. Durante o dia estou com os grandes pensadores. Mas gosto de dormir lendo histórias em quadrinhos.

— Por que gosta de histórias em quadrinhos? — perguntamos.

— Todos nós, na infância, procuramos histórias para ler. E damos franca preferência aos livros ilustrados. As histórias em quadrinhos são uma ilustração em série, com os muitos bonecos que sonhamos quando crianças. Você não acha?

Tivemos que concordar com Paulo Roberto, pois com franqueza, é muito gostoso ler essas histórias em quadrinhos. Mas arriscamos uma pergunta, que tem sido causa de muitas discussões:

— Não acha que é prejudicial às crianças? que estimula o desvio da atenção?

— Como tôda a história, que prende realmente — explica Paulo Roberto. Mas nem tôdas as histórias em quadrinho estão indicadas para crianças. Há algumas péssimas. Por serem mal desenhadas, estimulando o mau-gôsto, e mal imaginadas, estimulando os maus instintos. Mas, pelo amor de Deus, não acusem os meus amigos Brucutu e Ferdinando!

E' O HOMEM DOS EXTREMOS

Como estivéssemos na hora do jantar, instintivamente, a nossa palestra passou para o terreno das comidas e perguntamos qual o prato que mais lhe agrada.

— Gosto de comer alimentos de sabor suavíssimo, disse Paulo Roberto. Arroz puro, alface, leite. Ou então, vou ao extremo das comidas mineiras e baianas, fortemente condimentadas.

— Disseram-me que você era fazendeiro.

— Tenho quinze mil pés de café. Ùltimamente plantei mais dez mil. Isso, como você vê, é «café pequeno».

— Como é que você costuma trabalhar? Onde? Tem escritório, secretários, etc?

— Trabalho de qualquer jeito, de qualquer maneira, em qualquer tempo e em qualquer lugar.

Já escrevi crônicas sentimentais, muitas, trabalhando ao mesmo tempo como locutor comercial. Acabava de ler um anúncio de formicida, anunciava um samba e enquanto o samba era executado, eu continuava a escrever. Assim, escrevi a série «Meu Bilhete», no



«AH, AH, AH, NADA ALÉM DE DOIS MINUTOS» ... ei-lo ao micro dosando coisas ótimas em pílulas que o Brasil digere deleitado aos domingos.





INJEÇÃO E' ESPÊTO? — Pela cara que o doutor faz, parece que sim, mas, pela das enfermeiras que o rodeiam e assistem ao ato, vemos que ninguém leva a sério o seu sofrimento.

Programa Casé, onde estreei como locutor e, mais tarde, cronista.

— Fatiga-se muito no trabalho?

— Trabalho muito e o trabalho enrijece meus músculos e estimula meus nervos. Trabalhar é uma questão de hábito. Há os que se habituam no trabalho, com a mesma fôrça com que outros se habituam a viver na malandragem.

AS MULHERES SÃO COMO OS ANJOS...

— Como julga as mulheres?

— Vejo nas mulheres os sêres mais perfeitos da criação. Estão entre os homens e os anjos.

— Mas, algumas são más, não lhe parece?

— Houve também anjos maus. Mas eram anjos...

— E as crianças?

— Ah! Adoro as crianças. Se andasse com um fotógrafo atrás de mim, pareceria um ditador. Gosto de acariciar as crianças que encontro. Na maternidade em que trabalho, namoro os «brotinhos» de quatro dias com verdadeiro encantamento.

Uma curiosidade nos invadiu, quando Paulo Roberto se referiu às mulheres. Por que seria que êle insistiu em dizer que adorava as mulheres, comparando-as tôdas com anjos, mesmo as más? — E voltamos a conversa para aquêle terreno.

Então, êle nos contou uma história:

POR QUE ADORO AS MULHERES

— Quando eu era pequeno, era muito feio. Meus irmãos sempre caçoavam de mim e eu procurava me esconder. Vivia sempre só, fugindo de tudo e de todos. Quando ia a alguma festa com minha mãe e passava num salão onde houvessem muitas pessoas, conversando, ficava logo pensando que falavam da minha feiúra. Adquiri um complexo tremendo.

Só depois de homem perdi o tal complexo.

Tinha então, dezoito anos, passava por uma rua em Ponte Nova, quando uma jovem de rara beleza, que era cortejada por todos os rapazes do lugar, olhou para mim. Olhou e sorriu. Fiquei surprêso. Não era possível, aquela linda jovem me olhar e sorrir, quando outros rapazes menos feios que eu, a cortejavam. Nesse instante senti que o complexo se transformava em ousadia e, erguendo o peito, tomando uma pose altiva, cheguei perto da moça e...

— Boa-tarde.

— Boa-tarde, respondeu-me com o mais lindo sorriso.

Depois começamos a conversar e acabamos por nos tornar namorados. Foi assim que o garôto feio e tímido, se transformou num homem ousado e, para ser franco, feliz.

Por isso digo sempre que adoro as mulheres, pois desde a minha mãe, devo a muitas mulheres o meu triunfo. Depois daquela, que foi a minha primeira namorada, tive outras, até que conheci Elisa, essa mulher sublime que é minha espôsa, mãe dos meus filhos.

— Sabemos que você tem duas filhas adoráveis, duas verdadeiras artistas.

— Sim, tenho quatro filhos, dois rapazes e duas meninas, dos quais me orgulho.

Embora Paulo Roberto não nos tenha dito nada mais sôbre seus filhos, sabemos que êle os adora. O rapaz mais velho, Roberto, é um estudante que honra bem a família a que pertence.

Breve será um engenheiro-agrônomo.

Maria Célia, a segunda filha de Paulo Roberto, é uma verdadeira artista.

Tivemos ocasião de conhecê-la em São Lourenço, em uma festa de arte da Sociedade Teosófica Bra-

(Cont. na pág. 50)

E, AGORA, «HONRA AO MÉRITO» producão do radialista de talento, que sabe apresentar programas que, divertindo, não sòmente instruem como também elevam o moral do povo.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 44 ★ 1-11-52

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Paulo Roberto ama os brotinhos (Zélia Tavares) 3/ 6
O círio de Nazaré (João Gusmão) ... 10/11
Diário íntimo de Eva Braun 12/15
Por trás do trono da Inglaterra 18/20
Vai levando, Rita 27/29
Um marciano campeão na terra 32/33
O salão de 1952 (Alberto Lima) 44/47
A ronda da meia-noite (Armando Migueis) 55/57

LITERATURA

A Cleofas o que é de Cleofas, a Simões o que é de Simões 7
Veneno nas veias — conclusão (Mary Howard) 23
Semana Literária (Edmundo Lys) 34

SEÇÕES PERMANENTES

A Revista há 50 anos 8
A semana em revista 8/ 9
A personagem da semana (Cardeal D. Jaime Câmara) 9
Puxe pelo cérebro (Renato Cartaxo) .. . 14
Passatempo 15
Lido... Visto... Ouvido... (Jim) 16/17
Conta-me teus sonhos (Maria Paula) .. 22

ROMANCE

Um príncipe em minha vida (Michel Davet) 24/25

FOLHETINS

Arabelle 43
Filho, meu filho 52/53

FEMININAS

Estampado prêto - branco 35
Uma sugestão de... 36
Para a noite 37
Dois modelos 38
Conversa de mulher (Isolette) 42
Rotina de beleza 42
A saúde do bebê (Dr. Saboia Ribeiro) . 46
À luz da psicanálise (Dr. Luiz Fraga) .. 47

CURIOSIDADES

Balança mas não cai 21/22
A terceira vítima 30/31
A vida de Noel Rosa (Almirante) 39/41

CAPA

Yvette Dugay (Universal - Int.)

A Cleofas o que é de Cleofas... A Simões o que é de Simões...

EDUCAÇÃO, Srs. Ministros Simões Filho e João Cleofas, é, como sabeis, problema fundamental em nossa Pátria. Não direi que seja o único e que resolvido êste, resolvidos estarão todos os demais, porque não existe um problema nacional, mas o Problema Nacional subdividido em sem número dêles, e Alberto Tôrres deixou bem acentuada sua interdependência e entrosamento. Assim, aliás, é tudo neste mundo de Nosso Senhor do Bonfim e de Nossa Senhora do Carmo, padroeiros da Bahia e do Recife.

A Ciência é uma só e as sudivisões infinitas, em que se vai cada vez mais repartindo em especializações, não existem senão por uma questão de método e em face desta nossa infinita pequenês e precariedade humanas, incapazes de abarcá-la num só todo.

A educação, no entanto, em nosso país prima pela sua importância. Ruy Barbosa disse muito bem que todos os esbanjamentos feitos com a educação seriam ótimo emprêgo de capital. De fato, de nada carece tanto êste país. Educação, em todos os sentidos, nos mais variados setores e esferas. Da massa inculta, que precisa do abc das letras, que lhe abrirá novos mundos, e do abc da técnica, que a fará dominar nossa terra e transformá-la no desejado Eden dos nossos mais doirados sonhos patrióticos. Educação cívica, educação política, educação comercial e industrial, que ensine moderação na ânsia dos lucros exagerados e fáceis, educação das elites na compreensão de suas responsabilidades e de seu papel em face do povo e de si mesma. Educação rural... E aí chegamos ao ponto nevrálgico, meus caros Ministros, que hoje democràticamente vos divide, em troca de cartas e de entrevistas, para gáudio dos que não têm ainda o espírito convenientemente preparado para apreciar essas supremas delícias do regime da livre opinião.

Entende o amável e educado Ministro da Educação, que Educação é o seu setor e, pois, que a educação rural é da alçada de seu ministério. Não assim o Ministro da Agricultura. Para êste tudo quanto se relacione com Agricultura lhe pertence. O primeiro escreveu, em resposta a um ofício dêste, uma carta anatoliana, cheia de «finesse» e, como tem bem cuidadas barbas brancas, tratou o colega da Agricultura com ares quase paternais e afáveis. O Sr. João Cleofas parece que não gostou. E concedeu entrevista à imprensa declarando que o seu ilustre colega preferira responder ao seu ofício numa carta, a que dera ampla publicidade, «parecendo assim que, no caso, preferia salientar a sua condição de emérito jornalista». E afirmando haver lhe escrito uma carta, declara que também quer vê-la publicada.

Divergem os Ministros e o fazem pela imprensa e não no segrêdo dos gabinetes. Tudo é uma questão de educação. De educação democrática, naturalmente, a que nos estamos acostumando e fazendo o nosso duro aprendizado. Enquanto isto o Presidente Vargas propende, como é natural, para um entendimento. E' o que se depreende de seus despachos às exposições de motivos dos ministros sôbre as divergências no apreciar o caso. Em têrmos bíblicos, atendendo a Cleofas e Simão, digo Simões (aliás aquêle, irmão de São José, era pai de Simão — o que reduziria o caso a uma questão em família), lembra a resposta getuliana do Mestre, quando o quiseram embrulhar com aquela história da moeda: dai a Cleofas o que é de Cleofas e a Simões o que é de Simões...

GENEROSO PONCE FILHO

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50.

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na capital a cargo da Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

Redator-chefe
GENEROSO PONCE FILHO

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Desenhos de
ALBERTO LIMA

Redator-chefe de Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha, Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
R. Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

Diretor
GRATULIANO BRITO

Assistente
RENATO DE ALENCAR

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York, N.Y. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na argentina: «Interprensa», Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. — Êste número tem 60 páginas.

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

A REVISTA há 50 anos

2 de Novembro de 1902

CHRONICA — Percorro com exemplar pachorra os jornaes
dos sete dias decorridos desde a ultima
chronica, recosto-me em uma espreguiçadeira e dou tratos á minha
pobre cabeça em busca de um assumpto que possa interessar os
leitores e principalmente ás leitoras da REVISTA. Tempo perdido,
baldado empenho. Afora os casos da policia e a impertinente in-
triguinha politica não ha facto que mereça o esforço de um com-
mentario. Paira sobre a cidade um tedio profundo, e já o calor,
meu figadal inimigo, entra de fazer das suas. As mesmas facadas,
os mesmos tiros, os mesmos suicidios com uma leve variante na
causa: começa a apparecer gente que se mata por amor. E' bo-
nito. Até aqui, o genero era quasi desconhecido.
Parece que a proximidade do quinze de novembro distrahe de
todos os outros assumptos as attenções dos que têm vagar para
distrahir-se. Não que liguem a menor importância ao lado moral
do novo governo, á sua influencia nos progressos do paiz. O mo-
tivo é outro; a causa é diversa. O nosso caracter messianico, o
feitio mystico e presidencialista dos nossos temperamentos compraz-se
na anciedade do mysterio politico como se ao **Martyr do Calvario**
houvesse mão profana addicionado um quadro novo, logo pro-
curado com afan pelas creaturas quebrantadas pelo soffrimento
ou pela ociosidade. O nosso desalento, o nosso desespero, o mal
estar geral fazem-nos invocar o auxilio de tudo quanto o azar
inventou para substituir a energia, o trabalho, a luta. Desde o
jogo do bicho, em suas infinitas combinações, até á cartomante,
não ha expediente a que não recorra o nosso abatimento moral.
Tudo menos o trabalho methodico, pautado, regular! «Trabalho
fez-se para os negros!» — exclamam ainda, com um grande ar
de desdem, centenas de milhares de creaturas, esquecendo que
já não há escravos e que os que o foram vão desapparecendo pouco
a pouco, eliminados pela lei cruel da selecção natural. Mas este
prestigio, esta omnipotencia do azar é tão grande que nem o estran-
geiro recem-chegado lhe resiste e logo azeda ao cahir na vinagreira.

Uma destas noites con-
versava eu com al-
guns artistas da compa-
nhia dramatica portu-
gueza no **foyer** do Apollo
quando, de repente, me
impressionou uma com-
plicada série de algaris-
mos traçados a lapis nas
costas de um papel com
que negligentemente brin-
cava um dos actores mais
em voga.

— Que tens ahi na mão?

— O meu papel na **Catharina**.

— Deixa vêr!

— Para que?

— Deixa vêr!

Confiou-se o manuscripto; peguei-lhe; examinei-o e soltei uma exclamação de pasmo! Na ultima pagina, em cailigraphia impeccavel, copiara o artista o plano completo do jôgo do bicho!

JACQUES BONHOMME

★

Um avarento encontra, num espectaculo theatral em beneficio de uma associação philantropica, um amigo, a quem diz:

— Tenho immenso prazer em assistir a este espectaculo a bem da pobreza.

— Ficam-lhe muito bem esses sentimentos.

— Mas é que o sr. não pode calcular que trabalho eu tive para arranjar um bilhete de favor!

LA BELLE KERRO



Cantora cosmopolita do Casino Nacional

OS THEATROS — **Realizou-se no theatro Recreio Dramatico a festa artistica do actor Grijó, a quem tenho dedicado, por vezes, largas referencias nestas chronicas. A razão é simples. Tudo quanto representa valor em bloco ou valor trabalhado, me seduz, e o meu maior desejo seria vel-o reconhecido e acclamado por toda a gente. Ora, Grijó é estudioso, ama a sua arte, possue curiosidade mental; quer aprender a saber. Creio, pois, plenamente justificados os motivos do meu interesse. «Badejo, Primo Alv'ro e Natal na Aldêa»: um espectaculo inteiramente original, escolhido pelo joven actor por um delicado sentimento de affecto aos que com verdadeiro interesse acompanham a sua carreira artistica. — FARFALLA**

CONCURSO DE... LAGRIMAS

As idéas dos americanos mantêm o record da extravagancia.

Certo numero de senhoras dos Estados Unidos, pertencentes á boa sociedade de Chicago, imaginaram fazer uma aposta de lagrimas, em que ganharia o premio a que chorasse mais e por mais tempo.

O concurso verificou-se em presença de cento e cincoenta testemunhas de ambos os sexos e os periodicos yankees, sempre ansiosos do record, ainda que sejam ridiculos, fazem conhecer o nome, idade e condições lacrimatocias das quatorze concurrentes.

Basta dizer que o primeiro premio de cem dollars foi alcançado por miss Green, uma graciosa morena de 19 anos, que conseguiu, sem ajuda de nenhuma nigromancia, verter 31 lagrimas em cinco minutos. A senhora Webb ganhou o segundo premio, de 25 dollars, com 19 lagrimas authenticas.

Parece que os espectadores deste match original riram tanto que choraram mais do que as que disputavam o prêmio.

A Semana

O suicídio de uma criança

DIVULGARAM os jornais de sábado, 17 de outubro, um dos mais dolorosos casos de suicídio de que há memória nesta capital. Uma criança, um menino de catorze anos, abriu as torneiras de gás e esperou, deitado no banheiro de sua residência, que a morte lhe fechasse os olhos pelo veneno mortal. A causa? Deixou-a no rascunho de uma carta a um dos colégios da capital. Matava-se porque a direção do estabelecimento o expulsara, e êle rogava que reconsiderassem o ato. Confessava que o colégio agira com justiça. Êle, o menino, era levado mesmo. Havia desperdiçado o dinheiro de sua avó, que era a custeadora dos seus estudos. Sua mãe, pobre, vivendo debruçada sôbre uma máquina de costura, cosendo para fora, a fim de poder manter-se e mantê-lo, nada sabia ainda de sua expulsão. Sua avó, que residia fora do Rio, deveria chegar a esta capital para submeter-se a tratamento de saúde. Se a velhinha soubesse do caso, poderia morrer de desgôsto, ou retirar a mesada para seus estudos. O menino fazia angustioso apêlo ao colégio. Que lhe dessem uma chance. Êle prometia corrigir-se, dedicar-se aos estudos, tornar-se um estudante exemplar. Teria chegado às mãos dos diretores essa carta patética, sincera, de uma clareza adamantina? O fato é que Carlos Alberto acabou com a vida aos catorze anos, levando para a cova todo o amargor de sua desilusão da vida e dos homens.



Tudo é futebol

DEPOIS dos jogos de domingo, 19 de outubro, tôda a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro só falava em futebol, e, em sua maioria, discutia-se a vitória do Flamengo contra o Bangu. Isso no domingo. Na segunda-feira, todos os ajuntamentos que se viram em lugares públicos, colégios, escolas superiores, fábricas, etc., o assunto era o mesmo: futebol. Os nomes do Fluminense, do Flamengo, Botafogo e outros clubes cariocas, vencedores, ou não, estavam sendo comentados, muitas vêzes com a maior veemência, como se se tratasse de fatos de que dependesse a salvação de nossa pátria. O fenômeno futebol deve ser encarado com a maior atenção pelos poderes públicos, não para combater-se o jôgo, mas para que seja conseguido tirar-se dessa pandemia que envolve todo o território nacional, o que de mais útil possa encerrar. Até aqui o futebol tem sido apenas um meio de enriquecer clubes, de manter jogadores a preços de «astros» do cinema norte-americano e comprometer a cultura, a ilustração da mocidade. Qualquer estudante brasileiro do curso secundário e, muitas vêzes, do superior, conhece com minúcias a formação dos times, o nome dos «cracks», como foi feito êsse ou aquêle «goal»; mas será incapaz de dizer como se processou a libertação dos escravos, quais os fundadores da chamada «Arcádia» brasileira, ou citar uma obra de Ruy. E ainda dizem que futebol é esporte. Já foi.



O

com
espe
seu
o co
da
da
cad
cini
serv
rioc
Por
reli
app
E' u
mel
do
lho
cin
que
nic
apr
poi
tóp
por
ter
sós
gra
ma
qu
mé
lhe
est
ser
pe
(C
mi
ne
ris
ga
un
bo
es

Em Revista

O cinema é um termômetro de observação social. De acôrdo com as reações psicológicas dos espectadores podemos aquilatar do seu grau de percepção da vida, o conceito que se faz da liberdade, da religião, da política, da cultura, da justiça, do crime. O filme «Pecadora Imaculada», de Rafael Mancini é excelente «cobaia» para observações. Como o recebeu o carioca? Com explosões de chacota. Por quê? Porque o filme tem caráter religioso. Não há cenas de «sex-appeal», de alcova, de prostituição. E' uma história ingênua, argumento melodramático, cheirando a coisa do passado; mas não merece a galhofa com que os espectadores dos cinemas «Metro» o recebem. Nãc queremos entrar na análise técnica da película, muito falha; nem apreciar a atuação dos artistas, pois não se destina a crítica êste tópico. Aproveitando o momento, porém, desejamos destacar a interpretação de D'Andréa Neto, um sósia de Akim Tamiroff, capaz de grandes papéis no gênero homem-mau. Mas «Pecadora Imaculada», que é drama, se converte em comédia pela galhofa que a platéia lhe joga na cara. Nossa mocidade está num declive de deboche, de sensualismo, de despudor que dá pena. E quando o Padre André (Catalano) procurava cumprir sua missão sacerdotal, não cometendo nenhum ato que pudesse provocar risos, os espectadores caíam na gargalhada, como se aquilo fôsse uma farsa... O Brasil precisa de bons psiquiatras. Sua população está próxima da demência...

Pecadora imaculada

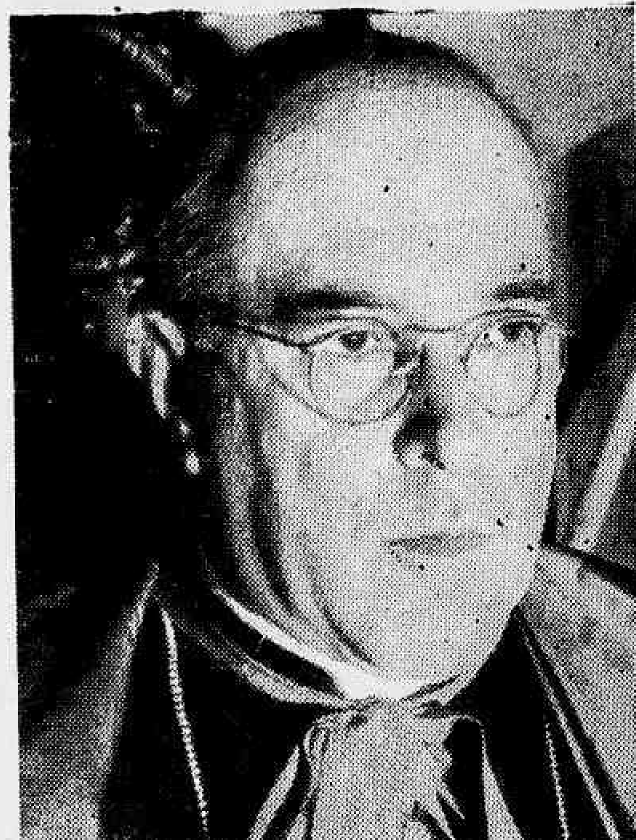


Injeções nas farmácias



ANTIGAMENTE, em cada farmácia, podia haver um médico para atender ao público. Depois de 1930 ficaram proibidas as farmácias de manter um facultativo, como era comum. Quem quisesse médico, que fôsse aos seus consultórios, ou aos Institutos oficiais. Mas continuou livre a prática de injeções nas farmácias. Também isso agora vai ser proibido. O art. 28 do Decreto-lei nº 19.606, de 19-1-1931, e o art. 29 do Decreto-lei nº 20.377, de 9-9-1931, acabam de ser modificados para proibir a aplicação de injeções como se vinha fazendo até hoje. As exigências são as seguintes: as injeções só poderão ser dadas mediante receita médica, e aplicadas por médico ou seus auxiliares autorizados. Ora, todo mundo sabe que injeção intramuscular não é nada de mais. Em tôdas as casas de família há sempre o aparelhamento necessário para tais coisas, e uma pessoa da casa que sabe aplicar os líquidos. E nos casos de emergência? Um cidadão se sente, de súbito, atacado de asma, de perturbação cardíaca, de gripe; corre à farmácia mais próxima e pede uma injeção adequada a seu caso. Já não lhe será possível evitar o mal e mesmo a morte, pois a lei lhe exige que vá procurar um médico... Francamente. Como se conspira tanto contra o povo? Será que os farmacêuticos não têm advogados? Será que legislar neste país é apenas complicar a vida nacional?

A PERSONAGEM da SEMANA



Cardeal D. Jayme de Barros Câmara

A Igreja Católica sempre estêve na linha de frente de nossas conquistas nas letras, nas artes, na política e na administração pública, registrando-se ainda sua atuação em movimentos revolucionários que transformaram a fisionomia política do país. Em face dos sérios problemas que preocupam o govêrno, o Clero Católico tocou reunir, e, sob a presidência de S. Emª D. Jayme Câmara, cardeal-arcebispo do Rio, realizou-se a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, de 14 a 1º de outubro último, na qual foram debatidos os mais importantes assuntos de caráter nacional, com seja a reforma agrária, responsabilidade em face da imigração, atividades do apostolado leigo, ajuda espiritual, cultural e econômica ao clero, etc. A Igreja Católica se mobiliza para uma batalha de envergadura, sob a presidência do Cardeal do Rio de Janeiro.

Filhos sadios



As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua bôa disposição física lhes permite ser activas, espertas e bem-humoradas.

É, de facto, uma verdade incontestavel que a inteligência, o espirito inventivo se desenvolvem mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças. Tôdas as pessôas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favorável ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é património precioso, é indiscutível factor de éxito. Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

Sentir-se-á, decerto, muito mais feliz a criança inteligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jogos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, vitima da inexperiência dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos, tão comum nas crianças e nos adultos, e da qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de apetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

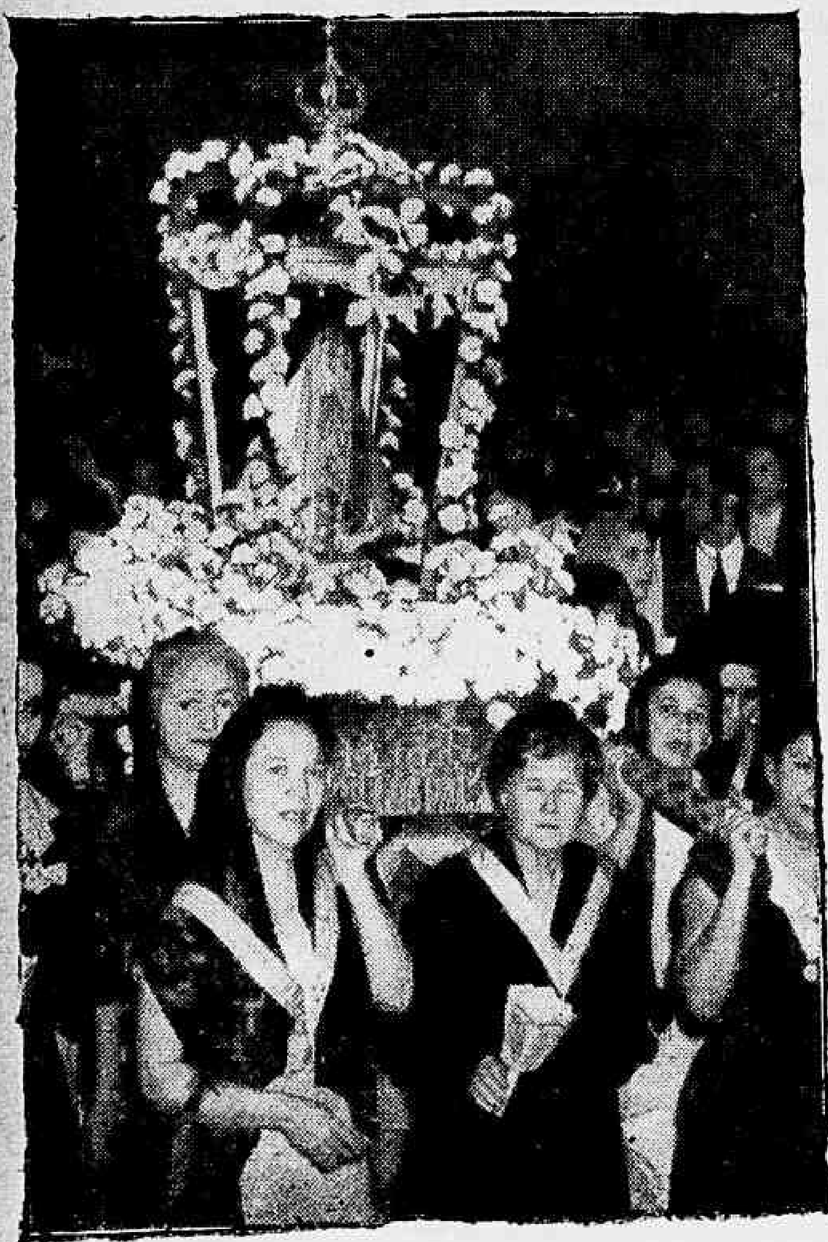
Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, **Ventre-Livre** é largamente usado pelas mães experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais paises onde penetrou.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante.



Os paraenses do Rio conduzem em grande procissão a imagem da Virgem de Nazaré, da igreja de S. Francisco Xavier, para o templo dos Capuchinhos, em Haddock Lôbo, repetindo o «Círio» que se realiza todos os anos na capital do Pará, a maior festa religiosa do país.





O CÍRIO DE NAZARÉ

DESDE 1924, conforme desejos do saudoso Arcebispo e Cardeal D. Sebastião Leme, se festeja no Rio o dia de N. S. de Nazaré com sede na Matriz de S. Francisco Xavier do Engenho Velho; mas, a fundação da Devoção pròpriamente dita se realizou a 25 de outubro de 1942, sob os auspícios do Revmo. Monsenhor Dr. Francisco Mac Dowell, prestigiado pela grande colônia paraense do Rio de Janeiro. Êste ano a procissão do Círio teve grande concorrência, e só não assumiu o aspecto da que se realiza em Belém, porque o número de devotos não pode chegar à magnitude de lá, e o meio se diferencia muito daquele que é banhado pelas águas do Rio-Mar. Aqui usam o andor, como se faz comumente em tôdas as cidades do país, enquanto no Pará a imagem da Virgem de Nazaré é conduzida na «berlinda». As festas





A transladação da imagem se faz no sábado, 11 de outubro, à noite, cada devoto empunhando uma lanterna com uma vela a arder, queimando «fogos de bengala» durante o



trajeto. No domingo se verifica a missa solene e a volta da imagem para a igreja de sua sede. Aqui também, os paraenses souberam nutrir aquela mesma chama de devoção à Virgem.

A festa de Nazaré em terras cariocas constitui uma das mais belas provas da unidade religiosa.

REALIZADA TAMBÉM NO RIO A FESTA TRADICIONAL DA SANTA PADROEIRA DE BELÉM DO PARÁ ★ NEM "TUCUPI", NEM "TACACÁ", NEM "AÇAÍ", MAS O MESMO ENTUSIASMO E A MESMA FÉ

de Belém se estendem por duas semanas batidas, desde o segundo domingo de outubro, até ao último do mesmo mês, com o «re-círio» de quebra, na segunda-feira.

Mas, seja como fôr, sem o «tucupi», sem o «tacacá», sem o «açaí» e o panorama sensacional da afluência de povo de tôda a imensidão amazônica e de vários Estados vizinhos o dia de N. S. de Nazaré foi festejado com grande alegria e devoção pelos paraenses domiciliados no Distrito Federal, mantendo a chama votiva de sua fé na Virgem, orando para que Ela abençoe o Brasil e o ajude a vencer tôdas as dificuldades que nos afligem.

No Rio as festas começaram regularmente no dia 11 de outubro, às 19 horas, com a trasladação da imagem da Matriz de S. Francisco Xavier, para a Matriz de São Sebastião, na

(Cont. na pág. 50)



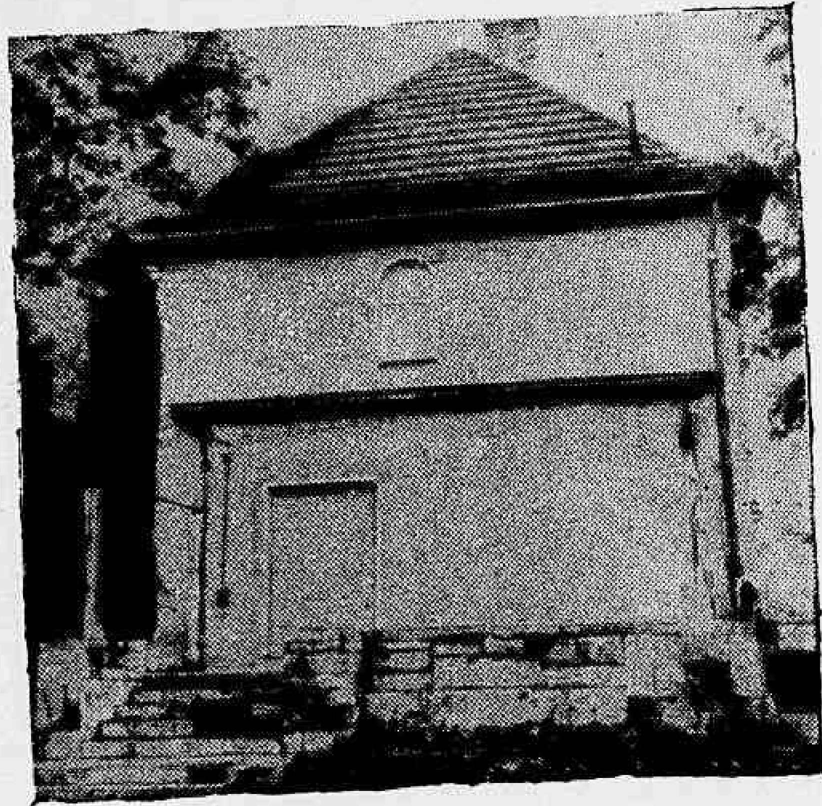
DIÁRIO ÍNTIMO DE EVA BRAUN



A MULHER QUERIDA, A FAVORITA DE ADOLF HITLER, DETESTADA PELAS GRANDES DAMAS ALEMÃS, ESCREVIA, DIA A DIA, A HISTÓRIA DE SUA VIDA ★ "DEVO COMEÇAR HOJE ESTA OBRA PRIMA"... ★ "ÊLE ESTÁ DISPOSTO A COMPRAR-ME UMA LINDA CASA" ★ "ESTOU DESESPERADA"...



EVA E ADOLFO num instantâneo tirado na intimidade do seu escondido Shangri-Lá, no caso o célebre «ninho da águia», em Berchtesgaden.



ESTA CASA em Munich, a cidade natal de Eva Braun, foi presente do apaixonado Hitler à sua amada, antes de ser construído Berchtesgaden.

NINGUÉM conheceu Hitler tão intimamente como aquela loura voluptuosa natural de Munich, chamada Eva Braun. Essa mulher, por quem Hitler se apaixonou em 1930, se houvesse sobrevivido à catástrofe de Berlim, seria inesgotável fonte de informações históricas acêrca do famoso anti-semita germânico. Eva estêve unida a Hitler por muito mais tempo do que qualquer outro político. Essa circunstância sempre pareceu de maior importância para as autoridades militares aliadas que tudo fizeram para capturar a discutida espôsa do chefe nazista. Não sendo isso possível, tôdas as atenções do U. S. Army Intelligence se voltaram para o «Diário Íntimo» de Eva Braun, cujo conteúdo seria de inestimável importância para os aliados. Descoberto o «Diário», tudo foi autenticado e divulgado em primeira mão pela «Police Gazette». Confrontadas outras fotos dela e dêle, com as do «Diário», verificou-se que tudo estava legal, sendo êsse documento histórico o único registro de seus amôres com Hitler.

O «Diário» foi descoberto na Bavaria, num cofre que, além de álbuns fotográficos, encerrava ainda baixelas de prata do Século XVIII com as armas da Coroa Polonesa, avaliadas entre 500 mil a um milhão de dólares, broches num total de 50 mil, 50 diamantes e milhares de dólares em dinheiro. Tôdas estas coisas eram arrecadadas pelo ditador em suas incursões pelos países da Europa sob influência, oferecendo-as à amante. Em meio de outras coisas as autoridades aliadas encontraram o uniforme ensangüentado que Hitler usava a 20 de julho de 1944, quando foi vítima de um atentado que, por pouco, não o liquidou. Para Eva Braun era essa relíquia uma das mais estimadas por ela, que a conservava como fiel guardiã de seu amado, julgando-se privilegiada por isso. Eva era possuidora de qualidades femininas capazes de atrair qualquer homem, mesmo um como Hitler, ocupado em assuntos de Estado, de administração, de guerras e política partidária. Sua estatura era de 5 pés e 3 polegadas, bem proporcionada, com bonitas pernas e um sorriso encantador.

O seu encontro com Hitler se deu de maneira inesperada. Trabalhava ela no atelier fotográfico de Heinrich Hoffmann, um dos mais conhecidos e reputados fotógrafos alemães, especializado em fotos de lindas mulheres. Eva, que trabalhava como uma aprendiz de Hoffmann, fôra incumbida por êle, de tirar fotos de Hitler aí pelo ano de 1920, quando era êle chefe do nazismo, mas muito longe de sonhar com o fastígio a que chegou anos depois. Ao fotografar o fundador do Nacional Socialismo Alemão, Hitler sentiu intensa simpatia por ela e não tardou em apaixonar-se. Por sua vez, ela também correspondeu-lhe os afagos.

Poucos anos depois Hitler sugeriu que ela deixasse o emprêgo no atelier de Hoffman, no que foi atendido. Eva costumava pintar os cabelos tornando-os ainda mais louros; mas, desde o dia em que sua vida se uniu à dêle, passou a manter a côr natural dos cabelos, a pedido do amante.

Desde o comêço costumavam passear os dois num «Opel» de pequeno porte, bem como quando iam a reuniões do partido, ou a qualquer outra finalidade. Logo que o nazismo cresceu e, com êle, o poder de Hitler, ela abandonou seu pequenino «Opel» e adquiriu um «Mercedes», oferecido por êle. Pouco depois Hitler a presenteou com uma «vila» em Munich, sua casa de residência, que estava a poucas horas de viagem do refúgio de Berchtesgaden. Em 1938 muitos dos seus amigos íntimos declararam que êle estava disposto a desposar Eva, tendo mesmo oferecido um anel de noivado e presentes de casamento. Mas, para azar de Eva, Hitler teve que adiar tudo isso em face da eclosão da segunda guerra mundial, cujos problemas lhe monopolizavam tôdas as atenções, o que fêz mudar os planos.

Por outro lado, Eva aparecia com maneiras diferentes e muito retraída. Mas sempre se mostrou «smart» na elegância e consciente de seu fascínio para os homens, — Hitler e outros.

Ela se constrangia em face de sua condição de amante de Hitler, em lugar de sua espôsa, e isso a forçava a manter-se arredia. Enquanto tinha ela





FESTA INTIMA dada pelos chefões do Partido Nazista a Max Schemeling, campeão mundial de box, em Berchtesgaden, com a presença de Eva Braun, de Adolfo Hitler e onde a alegria reinava, apesar de Eva Braun não haver conseguido nunca o seu lugar oficial de espôsa do Fuherer.

que ficar na penumbra, as espôsas de Frick, Goebbels e Goering iam puxando Hitler para os meios sociais. Levavam-no a bailes, apresentavam-no a senhoras de proeminentes membros do nazismo, que sugeriam que êle tratasse de casar-se com alguma dama da alta sociedade. Por êsse tempo muitas histórias surgiram sôbre certas farras a que Hitler comparecia, e quando os pares dançavam despidos. Êle procurava explicar-se perante Eva, dizendo que isso era apenas de interêsse exclusivamente artístico. Por sua vez, quando Hitler não estava com ela, nem ela ficava em casa tricotando, ia divertir-se, flertava, dançava, e muitas vêzes fazia suas farrinhas com guardas da SS lá em Berchtesgaden. Dentre os seus amôres se contam belos jovens do Partido Nazista de Bavaria. Por êsse motivo três dos seus apaixonados tentaram suicidar-se. Como tôdas as famosas amantes da História, Eva também teceu suas intriguinhas. Eva fazia do ninho de Hitler o lugar para encontros com sua irmã Gretel e sua íntima amiga Herta Ostermyer. A irmã, grande namoradeira, casou-se com Hermann Fegelein, antigo jóquei, com seus 37 anos, e que se tornou um dos oficiais nazistas; mas, tal era a influência de Eva perante Hitler, que êste, embora contra a vontade, chegou a promover Fegelein ao generalato das SS, as tropas de elite da Alemanha. Mas, tendo-se emaranhado com uma conspiração para derrubar o regime nazista, foi êle executado, apesar dos pedidos e lágrimas de Eva.

Os seus biógrafos ficam perplexos diante da personagem de Eva. Por que se tornara assim tão importante? Não era uma intelectual; não sabia discutir política inteligentemente, com pessoa alguma, nem mesmo com Hitler; quando ainda menina de escola, era atrasadíssima e não conseguira fazer

Eva neste maiô, ainda não se usava bikini... faz sua ginástica e toma banho de sol numa praia, enquanto ainda brilhava o sol radiante de Hitler.



PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1—EM QUE ANO FOI LUTERO EXCOMUNGADO PELO PAPA LEÃO X:

— 1502?
— 1499?
— 1520?

2—COMO SE CHAMAVA O CARRASCO QUE GUILHOTINOU O SÁBIO LAVOISIER:

— Sanson?
— Jean Perrier?
— La Bruyère?

3—O ESTADO DA BAHIA, NA DIVISÃO REGIONAL DO BRASIL, ESTÁ NA PARTE:

— Leste setentrional?
— Leste meridional?
— Nordeste?

4—QUANTOS SÃO OS ESTADOS DO BRASIL NÃO BANHADOS PELO MAR:

— Dois?
— Quatro?
— Cinco?

5—QUAL O ESTADO DO BRASIL QUE SE ESTENDE DO AMAZONAS AO PARANÁ:

— Goiás?
— São Paulo?
— Mato Grosso?

6—QUE SIGNIFICA MIRITI:

— Uma palmeira?
— Uma ave?
— Serra escalvada?

7—QUAL A TRADUÇÃO DE «CAATINGA», PALAVRA INDÍGENA DO BRASIL:

— Mau cheiro?
— Assombração?
— Mata branca?

8—QUAL O NOME VULGAR DA SERPENTE «CROTALUS TERRIFICUS:

— Cascavel?
— Jararaca?
— Caninana?

9—QUE VEM A SER «SAMBURÁ»:

— Uma espécie de canoa?
— Cêsto de bôca apertada?
— Sinônimo de camarão?

10—COMO SE CHAMA A ÂNCORA DE PEDRA USADA PELOS JANGADEIROS:

— Ajôjo?
— Tauaçu?
— Guriatã?

11—QUAL O PRIMEIRO PAÍS DA EUROPA QUE CONHECEU O CHOCOLATE:

— A Alemanha?
— A Grécia?
— A França?

12—DE ONDE PROCEDE O CACAU BAIANO:

— Do Pará?
— Da África?
— Do México?

13—EM QUE LUGAR SE COLOCA O BRASIL COMO EXPORTADOR DE CACAU NO MUNDO:

— No primeiro?
— No quarto?
— No segundo?

14—QUANTO TEMPO LEVOU GUTTENBERG NA IMPRESSÃO DA BÍBLIA, HÁ CINCO SÉCULOS:

— Dois anos e um mês?
— Cinco anos?
— Oito anos e meio?

15—QUEM FOI PAGANINI:

— Famoso general italiano?
— Célebre pintor?
— Grande violinista?

(Respostas na página 50)

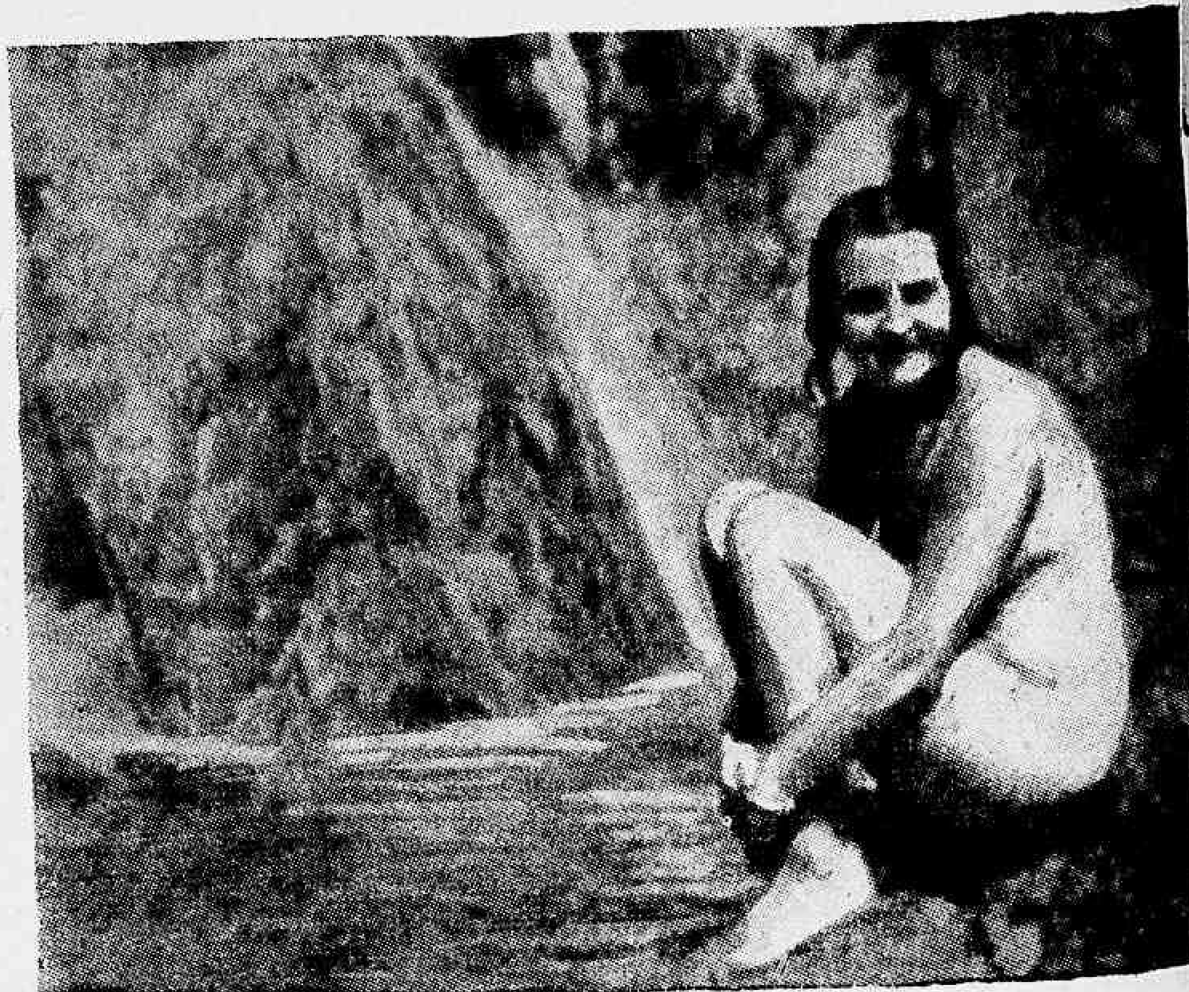
DIÁRIO DE EVA BRAUN



AMOR E PROPAGANDA — Adolfo Hitler, feliz, quando se dizia que êle não era como os outros homens, tirou esta fotografia agarradinho com uma camponesa. E Herr Goebels se incumbiu do resto: PROPAGANDA.

progressos. Suas decepções foram muitas, e ela sempre se apresentou como uma frustrada. Por várias vêzes tentou o suicídio. Os apontamentos de seu «Diário» dão uma amostra do que foi a famosa amante de Hitler, justamente no período mais sensacional da vida de ambos. Vejamos algumas datas, as quais transcrevemos certos pontos:

6 DE FEVEREIRO DE 1935 — *Penso que devo começar hoje esta obra-prima. Completei meus 23 anos, felizmente. Recebi flores e telegramas. Comprei dois bilhetes de lo-*



A IRMÃ DE EVA? — Esta foto foi publicada como sendo de Eva Braun e muita gente aceitou. Mas vieram depois e explicaram: não, esta é



A NOIVA DE HITLER — Afinal o fuherer ficou noivo de Eva Braun. Mas já os russos se aproximavam de Berlim. Aconselharam-na a fugir da capital alemã. Mas, como Clara Petacci com Mussolini, ela ficou até o fim.

teria hoje. Devia ir hoje a Zugspitze (a mais alta montanha alemã nos limites com a Áustria) com Herta, Gretel, Ilse e mãe; mas a viagem não se realizou.

11 DE FEVEREIRO DE 1935 — *Êle (Hitler) estêve aqui. Não me trouxe nem cachorro, nem presentes. Nem me perguntou se eu queria um presente de aniversário. Mas eu comprei, por mim mesma, algumas jóias, colar, brincos e um anel. Tudo muito bonito. Espero que êle goste. Se não, terá que comprar alguma coisa para mim.*

15 DE FEVEREIRO DE 1935 — *Parece que o caso de Berlim vai realizar-se. Mas só creio quando estiver na Reichschancellery (Hitler estava arranjando para ela um apartamento na Chancelaria de Berlim). Mas esperemos.*

18 DE FEVEREIRO DE 1935 — *Ontem êle (Hitler) chegou quase inesperadamente, e fazia uma linda tarde. Êle está disposto a comprar-me uma linda casa. Nem ouso acreditar nisso. Como estou encantada! Charlotta (uma das amiguinhas dos SS de Munich) está doente e não pôde vir a Berlim conosco. Eu estou felicíssima porque êle me ama, e não sei o que faria se um dia êle deixasse de amar-me.*

(Continua na pág. 50)



irmã, e não ela. Chama-se Gretel e vive na zona inglêsa da Alemanha. Não tardará que a procurem levar para o cinema, como a irmã da Petacci...

PASSATEMPO

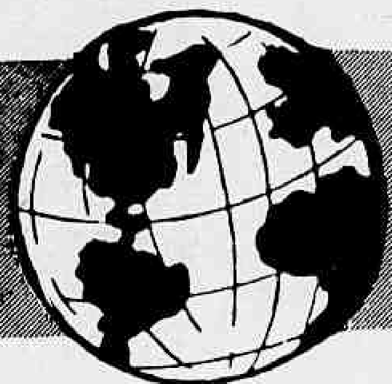
LIDERGRAMA N.º 27

A	Idiomas →	29	3	68	98	52	122	44
B	Poema de Homero sôbre a guerra de Tróia →	23	120	61	1	57	81	
C	Base, falda →	8	49	92	79			
D	Agradáveis à vista, lindos →	116	7	24	43	74	110	38
E	Órgão da visão →	9	104	121	36			
F	Enfado, mau humor →	5	30	113	71			
G	Estado gasoso de uma substância →	2	28	80	13	94		
H	Ente mitológico, filho de Dédalo →	26	45	73	102	63		
I	Ato de repelir um ataque (pl.) →	6	17	69	39	48	115	87
J	Encontrar o que se procura →	11	88	109	58	47		
K	Cerne, a parte mais dura do lenho →	4	40	10	95	53	60	
L	Em que lugar →	105	32	12	112			
M	Inseto que ataca homens e animais →	27	96	85	108	93		
N	Influiu, pôs em ação →	83	19	46	91	67		
O	Dotado de destreza →	42	51	18	118	14	75	
P	Conserto →	22	15	90	55	100	111	70
Q	Passe para dentro →	31	108	64	56	84		
R	Pequeno osso da parte posterior do nariz →	54	89	114	86	76		
S	Primitivos habitantes do Peru →	66	35	25	103	16		
T	Calcular, avaliar →	34	50	97	117	62		
U	Jornadas, partidas →	77	59	119	37			
V	Guardarás em teu poder →	82	99	33	101	65	20	41
W	Justapor, aplicar →	107	21	78	72			

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra numa casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

	B 1		G 2	A 3	K 4	F 5		I 6	D 7	C 8		E 9
K 10	J 11	L 12	G 13	O 14	P 15	S 16		I 17	O 18	N 19	V 20	
W 21	P 22	B 23	D 24	S 25	H 26	M 27	G 28	A 29	F 30	Q 31	L 32	V 33
T 34		S 35	E 36	U 37		D 38	I 39	K 40	V 41		O 42	D 43
A 44	H 45	N 46	J 47	I 48	C 49	T 50		O 51		A 52	K 53	
R 54	P 55	Q 56	B 57	J 58	U 59	K 60	B 31	T 62	H 63		Q 64	V 65
S 66	N 67	A 68	I 69	P 70		F 71	W 72	H 73	D 74	O 75	R 76	U 77
W 78		C 79		G 80	B 81	V 82	N 83		Q 84	M 85	R 86	I 87
	J 88	R 89	P 90	N 91		Ç 92	M 93	G 94	K 95		M 96	T 97
	A 98	V 99	P 100	V 101	H 102	S 103	E 104		L 105		M 106	W 107
Q 108	J 109	D 110		P 111	L 112		F 113	R 114	I 115		D 116	T 117
O 118	U 119	B 120	E 121	A 122						@Faner-Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA N. 26 — DRUMMOND — PASSEIOS NA ILHA — "Se se trata de harmonizar o homem com o mundo, não se vê porque essa harmonia só será obtida através do extermínio generalizado e da auto punição dos **melhores**."



LIDO... VISTO...

O SENADOR E A ÍNDIA

O senador João Vilasboas, de Mato Grosso, goza de três famas, que lhe aureolam a simpática personalidade. Político habilíssimo, verdadeiro João Paulino, que não cai nunca, «blaguer» impenitente, de verve sempre pronta e, como impenitente solteirão, the last but not the least... a de irresistível Casanova...

Em tôrno ao elegante senador correm histórias e mais histórias, e êle as ouve, sorri, não confirma nem desmente, pois é perfeito «gentleman», de grande discrição.

A última, a seu respeito foi contada pelo seu colega de representação, o aparentemente sisudo senador Vespasiano, que esconde debaixo daquela austeridade, espírito malicioso e mordaz. Falava-se, no gabinete do secretário do Senado sôbre a índia Diacui, que um gaúcho apaixonado luta para desposar, quando o senador Vespasiano contou:

— E vocês sabem o que aconteceu com o Vilasboas e uma índia? Todos se mostraram interessadíssimos e ouviram então o singular relato.

— O Vilas — assim no diminutivo à que o chama — vinha de avião, de Cuiabá, quando se desarranja o motor e o avião, felizmente, aterrissou perto de uma aldeia de índios, já meio civilizados, que foram gentilíssimos com o senador e os poucos companheiros de viagem. Alojaram o senador numa maloca, onde havia duas rêdes, uma em cima, outra em baixo. Em baixo ficou uma índia, que, de acôrdo com os hospitaleiros costumes indígenas, tinha a incumbência de ajudar o hóspede a passar menos mal a noite. E o senador Vespasiano explicou que essas incumbências eram as de espantar os mosquitos com um leque de penas de araras e a de manter aceso, num canto um braseiro para aquecer o ambiente na noite fria. Mas, às tantas, pela madrugada, o senador sentiu que uma mão bôba lhe acariciava a cabeça... Não estaria a índia se excedendo na hospitalidade? Já teria chegado até ali a sua fama? E Vilas pergunta, com voz meiga:

— Que é que você quer, minha filha?
— Se eu pedir uma coisa você me dá?
— Dou. Que é, meu bem?
— A rapadura.

E' que a gulosa vira, à noite, o senador guardar uma rapadura que trouxera de Cuiabá e pusera na valise.

RESPONDA ESTAS:

86 **Quando se pode saber que a água de um aquário precisa ser mudada?**

87 **O que é Devakan?**

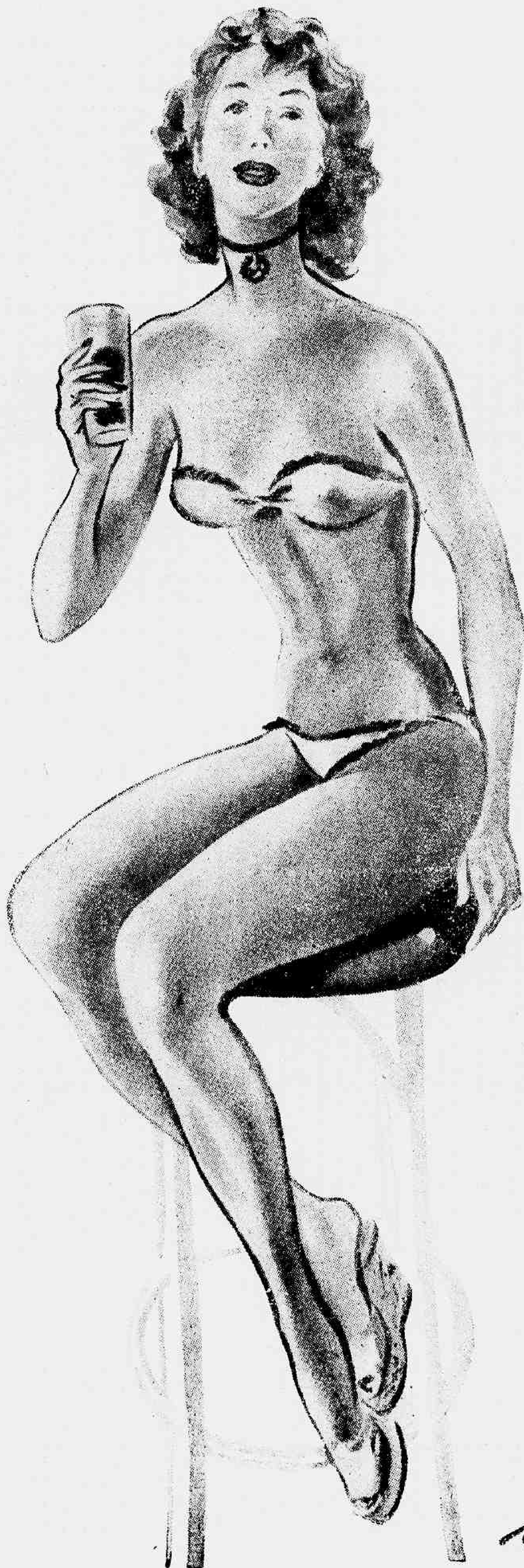
88 **Quem foi e o que fêz Dona Clara Camarão?**

89 **Quantas espécies de pássaros existem no mundo?**

90 **De onde é originária a fruta-pão?**

RESPOSTAS DO NÚMERO ANTERIOR:

81 — Do romance de James Hilton, «Lost Horizon» (Horizonte Perdido). Shangri-La era um templo, um refúgio escondido no alto de montanhas inacessíveis; 82 — O capitão-mor Alexandre Moura teve parte saliente na luta contra os franceses no Maranhão em 1615, vencendo Lavardière, em São Luís; 83 — 30 de junho; 84 — O nome primitivo de Paris era Lutécia; 85 — «Toi et Moi» é um famoso livro de poesias românticas de Paul Geraldy.



NO BAR DA PRAIA... — Moço, o Sr. quer me dar êste uísque fiado? Não tenho nada para dar em garantia...

OUVIDO...

ONTEM, HOJE, AMANHÃ...
(JIM)



PICASSO E AS CABRAS...

OS gênios têm todos os direitos, inclusive o de terem mau gênio ou de fazerem coisas do arco da velha. Assim o velho Picasso, que já em 1903 pintava coisas que inspirariam o nosso Portinari, nascido em 1904, estava em Vallauris (Alpes Marítimos) quando lhe pediram para fazer o cartaz da Exposição local. Picasso, que ali reside já há cinco anos, dando celebridade à cidadezinha pintou isso que aí está. Os críticos modernistas acham logo uma maravilha na concepção, na execução, no diabo a quatro. Cabras danados êsses mestres modernistas...

POUCAS E BOAS...

● TESTE

Há escolas para «chauffeuses»... e professôres escolados. Contaram-nos esta de um dêstes, que levava ao lado graciosa, encantadora aprendiz, destas que parece terem o direito até de atropelar a gente.

Iam pela Quinta da Boa-Vista, Madame dirigindo, **tant mien** que mal, isto é, assim assim, quer dizer, bem ruinzinha, quando o instrutor sùbitamente lhe diz:

— Mas afinal, a sra. me conheceu hoje e já está se caindo tôda para o meu lado... Que negócio é êsse?

— Desaforado! — responde-lhe vivamente a grã-fina e... quase dá com o carro no lago, não fôsse a mão segura do «chauffeur», que lhe tomou a direção, dizendo-lhe:

— A sra. viu? Eu quis lhe experimentar, apenas. Aconteça o que acontecer, pelo amor de Deus, a sra. não desvie nunca seus olhos do caminho. Viu o que ia acontecendo?

Era um teste, não há dúvida. Mas, experimentaria êle a «chauffeuse» ou a ilustre dama?

Chi lo sa?

● **FRANQUEZA**

Milton, não o poeta, mas Milton Easley, em Toledo, Estados Unidos, foi apanhado por dois guardas, entrando num carro alheio, estacionado.

— Que estava fazendo num auto que não é o seu?

— Roubando, parece, foi a sincera resposta dêsse Milton, que teve, assim, também o seu Paraíso Perdido...

● ESTRANGEIRA... NO DURO

O Comendador vai a um Curso que anunciara aulas de línguas estrangeiras e leva o Manuelzinho.

— Professor, quero que êle estude uma língua estrangeira.

— Sim, senhor. Mas qual?

— A mais estrangeira possível. Não faço questão de despesa.

● *TELEVISÃO*

Instrumento que permite à gente que não tem nada que fazer de olhar gente que não sabe fazer nada...

QUEM DISSE ISTO?

86 **«Falso como escadas de areia.»**

87 **«Êsses ilustres desconhecidos.»**

88 **«A crítica é fácil, a arte é difícil.»**

89 **«E' mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha que um rico entrar no reino dos céus.»**

90 **«A fortuna ajuda os audazes.»**

RESPOSTAS AS ÚLTIMAS:

81 — O poeta Virgílio; 82 — Byron, o grande poeta inglês; 83 — La Rauchefoucauld, em suas famosas máximas; 84 — Moore; 85 — Goethe



A Inglaterra é uma nação cuja História oferece ao mundo os mais interessantes exemplos de firmeza política e de lutas sociais; entretanto, não há país no mundo que obedeça tanto às tradições e costumes multicentenários, como a Grã-Bretanha. A figura do Rei sempre foi aclamada e respeitada, embora sem atuação objetiva na política e na administração. Vive o Rei entre o conceito do seu povo, sem precisar dos votos do seu país, nem cortejar Ministros ou beijar crianças. Os Winston Churchills e os Clement Attlees se sucedem, há mudanças profundas na política britânica; mas a figura do Rei fica sempre estável, sem subir às cumiadas, nem descer ao vale dos mexidos partidários.

Já agora, porém, as coisas estão um tanto diferentes na Inglaterra, porque os assuntos do Rei se transformaram em assuntos da Rainha. Acresce ainda, que, naturalmente, desde que Elizabeth sucedeu a George VI, o homem mais íntimo, mais ligado ao trono inglês é o seu espôso, Philip, Duque de Edinburgh.

Muitos britânicos pensam nos dias atuais, que a figura real de Philip atuando ao lado da Rainha Elizabeth II, ainda está muito longe de ser esboçada. Todos vêem, agindo por detrás do jovem par, a sombra de um homem elegante, ereto, de bela estatura, cuja presença completa o quadro real. Quem será êsse homem? O Conde Mountbatten, fabuloso desportista em seus vinte e tantos anos, milionário, confidente da realeza, soldado e estadista. Além de tudo, foi a êle que Philip deveu sua exaltação na Inglaterra, tratado pelo Conde como a um filho, e não como sobrinho, que é.

Desde a morte de George VI têm estado os inglêses a beber sua cerveja através de todo o país, falando sôbre Lord Louis. Dizem que é êle o braço que age por detrás do trono, o esteio do Rei, o executor da coroa. Que histórias não se inventam em tôrno do elegante Conde? Claro que nada de obscuro. Aos cinqüenta e dois anos de idade, não tem um só nervo em mau estado. Não é provável que Mountbatten ceda seu lugar ao sobrinho e se contente em que o mesmo use calças enquanto Elizabeth usa o trono.

No final das contas o papel do conde na realeza pode depender de Philip que está situado entre duas fôrças — a família de sua mulher, os Windsors, dominada por duas Rainhas viúvas, e sua própria família, os Mountbattens.

Em política, é Mountbatten, estritamente, um não-conformista, e, provàvelmente influiu com isso o seu sobrinho Philip. Com certeza o Duque adquiriu a autoconfiança de seu tio, sua afeição a crianças, especialmente se ninguém está vendo. Também lhe ensinaram o valor da boa publicidade, e êle herdou de seu tio o sentido da democratização, libertando-se da Côrte britânica.

Eis aqui um fato que pode levar Elizabeth a certas dificuldades, a menos que ela consiga anular o time de Mountbatten. Hoje está o conde em posição única. Poderá, se assim o desejar, influir na monarquia britânica como poucos homens podem. Pode captar as atenções de qualquer um dos

POR TRÁS DO TRONO DA INGLATERRA



A Coroa do Rei da Inglaterra, com o famoso rubi «Black Prince» ao centro, que data de 1367, além de muitas outras jóias de imenso valor, cedeu lugar à da Rainha, que vê um vulto de homem por trás do trono.



S. M. Elizabeth II, cujo espôso é sobrinho de Mountbatten, o homem que começou a aparecer por detrás do trono inglês, embora não seja isso de maneira visível, o que seria contra o protocolo e a tradição.



Com o peito coberto de condecorações, Lord Louis dança com a Rainha da Inglaterra que, pelos laços de família, passa também a ser sua sobrinha, por afinidade. O baile foi em Londres, para fins caridosos.

A EMINÊNCIA PARDA ★ MOUNTBATTEN — UM NOME TRADUZIDO DO NOME GERMÂNICO BATTEMBERG ★ COMO SE CHAMARÁ O PRÍNCIPE CHARLES, HERDEIRO DA COROA — WINDSOR OU MOUNTBATTEN?

maiorais da política inglêsa: Conservadores, Trabalhistas, ou Liberais. Constitucionalmente êle não exerce nenhum cargo de natureza estatal-administrativa; mas êle góza de vital prestígio. Nenhuma porta se fecha diante dêle.

É significativo que Churchill não menospreze o conde. O Primeiro Ministro se refez inteiramente do desprazer que sentiu quando Mountbatten aceitou o convite do Govêrno Trabalhista para tornar-se Vice-Rei da Índia em 1947 e presenciar o Socialismo Britânico estabelecer uma Índia independente. «Supremo», como era designado quando estava no Supremo Comando Aliado do Sueste da Ásia na última Grande Guerra, é agora comandante-em-chefe da armada britânica do Mediterrâneo, e a algumas horas de vôo de Downing Street 10, ou Buckingham Palace. Mesmo nos dias que correm, os primeiros ministros apreciam as relações estreitas com o Palácio.

Mountbatten, afilhado de Nicolau, Czar da Rússia, conquistou uma posição considerada das melhores do mundo. Começou bem. Sua mãe era neta da Rainha Vitória. Quando Mountbatten desposou a herdeira Edwina Cynthia Annette Ashley, filha do Lord Mount Temple, em 1922, o Príncipe de Gales era o seu melhor amigo. O Rei Jorge V e a Rainha Mary assistiram ao casamento.

Edwina, com seus milhões de libras, ofereceu ao conde um Rolls Royce como presente de núpcias. O Príncipe de Gales e os Mountbattens lideravam a juventude real nos seus vinte e trintanos passados. Chefiaram festas excelentes com champanha e caviar, caçadas, corridas de autos e iates.

POR TRÁS DO TRONO DA INGLATERRA

aos catorze anos. Amigo de infância de Churchill, chegou às mais altas posições na Marinha Britânica, sofrendo a mais violenta oposição do povo inglês durante a primeira Grande Guerra. Seu filho, o Conde Mountbatten of Burma, não esquecera o episódio. Êle, o único dos Mountbatten, (em 1917 os Battenbergs inglêses, a pedido de George V renunciaram a êsse nome de família passando a usar o inglês Mountbatten), está em condições de apagar a humilhação que seu pai sofreu quando foi demitido do Almirantado.

O prestígio dos Mountbatten (tradução inglêsa do nome Battenberg alemão, significando exatamente Mountbatten) cresce cada vez mais, e já está despertando perguntas indiscretas como esta: como se deverá chamar o Príncipe Charles, atualmente com três anos de idade, filho de Elizabeth e Philip? É êle herdeiro do trono, e é um Windsor, ou um Mountbatten? Diante de tais dúvidas, já Elizabeth se declarou, afirmando que o filho era um Windsor.

O povo inglês não pensava muito em Lord Louis até a morte do Rei George VI. Depois disso, verificando que o Conde figurava na vanguarda do grupo que recepcionava a Rainha e seu espôso quando regressavam da África, apressadamente, pela morte do Rei, chegaram à conclusão que Mountbatten estava na primeira linha do prestígio perante o trono. Essa convicção cresceu mais, quando coube ao Conde a honra de recepcionar as pessoas das famílias reais da Europa, ao irem à Inglaterra prestar homenagens ao morto. E nos funerais do Rei, imediatamente por trás dos quatro duques, — Gloucester, Edinburgh, Windsor e Kent —, estava o Conde Mountbatten.

Em face de tudo isso, continuam os inglêses a tagarelar em tôrno da famosa personagem britânica dêstes últimos tempos e perguntam se êle foi novamente descoberto como elemento de alta importância para os assuntos do trono, terminando com esta interrogação: Que fará êle, no futuro?



Tio e sobrinho (Mountbatten e Philip) palestram em companhia de Lady Mountbatten num campo de pólo, de que ambos são apaixonados. Mas não estão tratando de política, e sim de esporte.

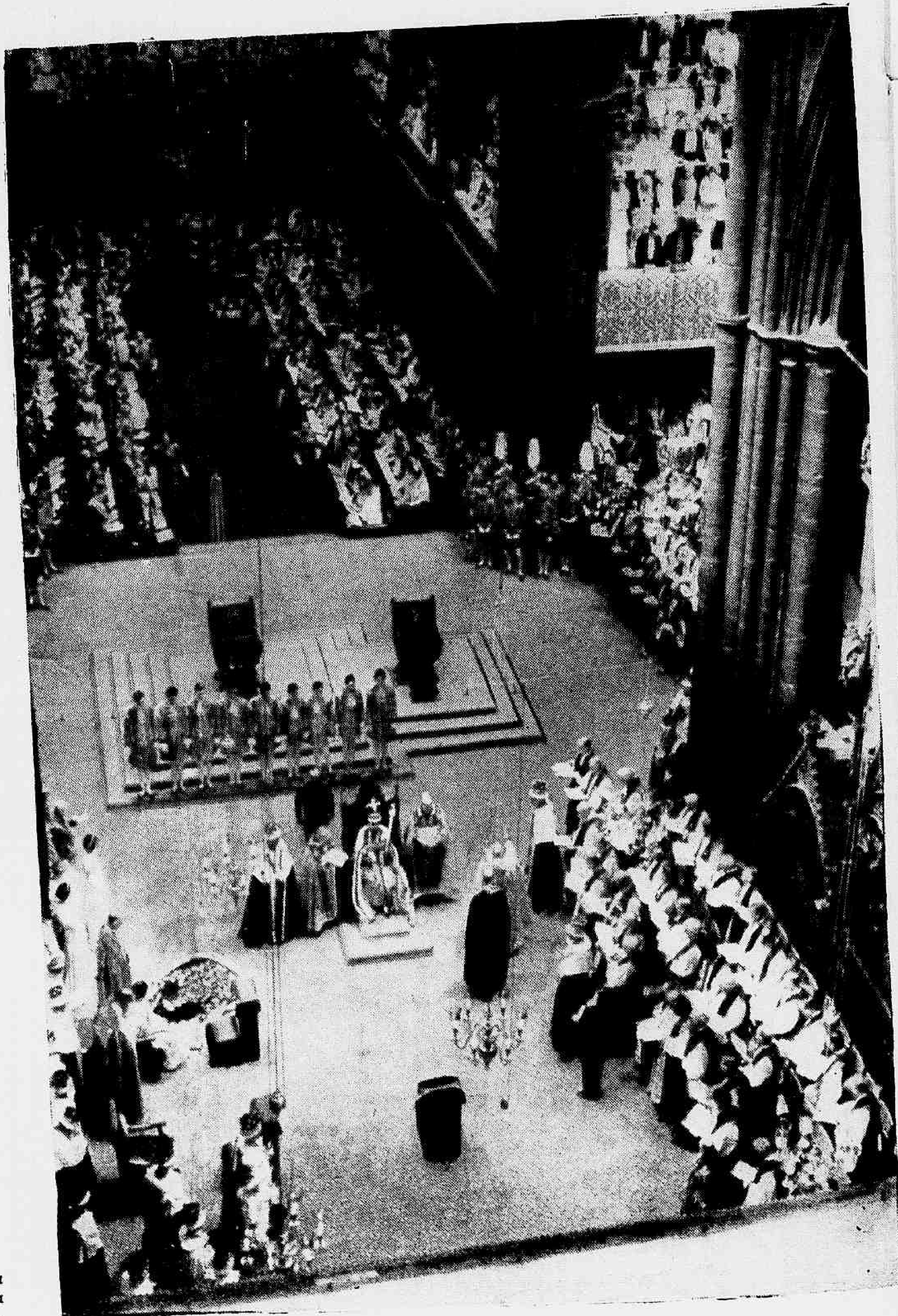
Seguro em suas amizades, na carreira naval em que se iniciava ainda moço e sempre bem provido de dinheiro, êle atravessou excelentemente a quadra dos seus vinte anos. Mandou inscrever nas placas de seu Hispano-Suiça as iniciais L.M. e varou as águas das costas da Inglaterra numa lancha que poderia desenvolver velocidade superior a quarenta nós.

Durante êsse vertiginoso período de sua vida, os registros só apresentam uma contrariedade a afligi-lo. Em 1926 fôra rejeitado pelo Royal Yacht Squadron de Cowes, provàvelmente o mais exigente clube na Inglaterra. Os sócios mais idosos apresentaram vários motivos que desaconselhavam a admissão de Mountbatten ao Clube. Em 1933 o «Royal Yacht Squadron» modificou a decisão anterior, aceitando a entrada do conde; mas êste recusou a honra. Vingava-se...

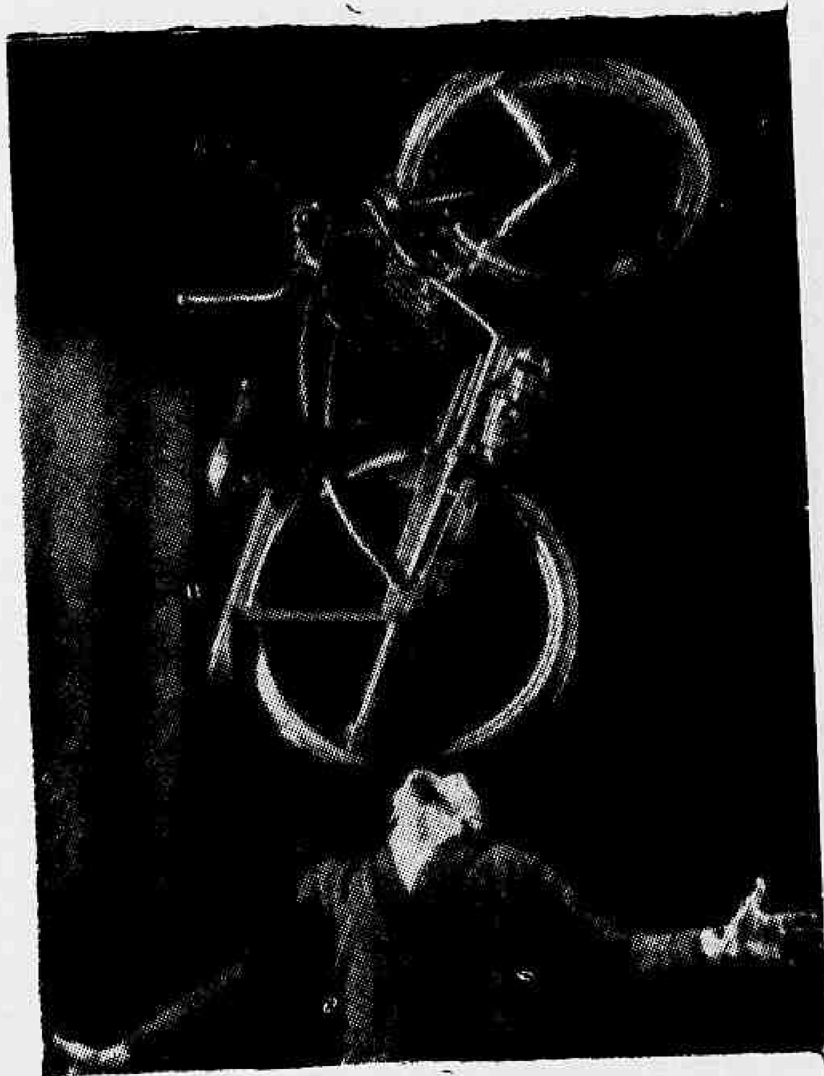
De um momento para outro o Príncipe de Gales se tornou Rei da Inglaterra. Os Mountbattens, com Mrs. Wallis Simpson se viram envolvidos numa controvérsia que ameaçou destruir a «Royal House of Windsor». Eduardo VIII voltou-se para o conde e Winston Churchill, para o Conselho. Mas o Rei não foi Rei por muito tempo. Durante êsse período Philip ia crescendo. Êle se tornou íntimo de duas princesas: Elizabeth e Margaret, com as quais se divertia. Novos liames se foram desenvolvendo na engrenagem da Monarquia Inglêsa e maior se foi tornando o poder dos Mountbatten perante o trono da Inglaterra.

O grande ano seria, porém, 1947. Philip, filho do Príncipe Andrew da Grécia e da Princesa Alice, adquiriu a nacionalidade britânica, tomou o nome Mountbatten de seu tio e desposou Elizabeth, sua amiga de infância. Neste mesmo ano outros acontecimentos importantes sucederam entre a gente de sangue real da Inglaterra, destacando-se a aceitação de Lord Louis ao convite de Attlee, para o pôsto de Vice-Rei da Índia, e, mais tarde, o de Governador-Geral do mesmo país.

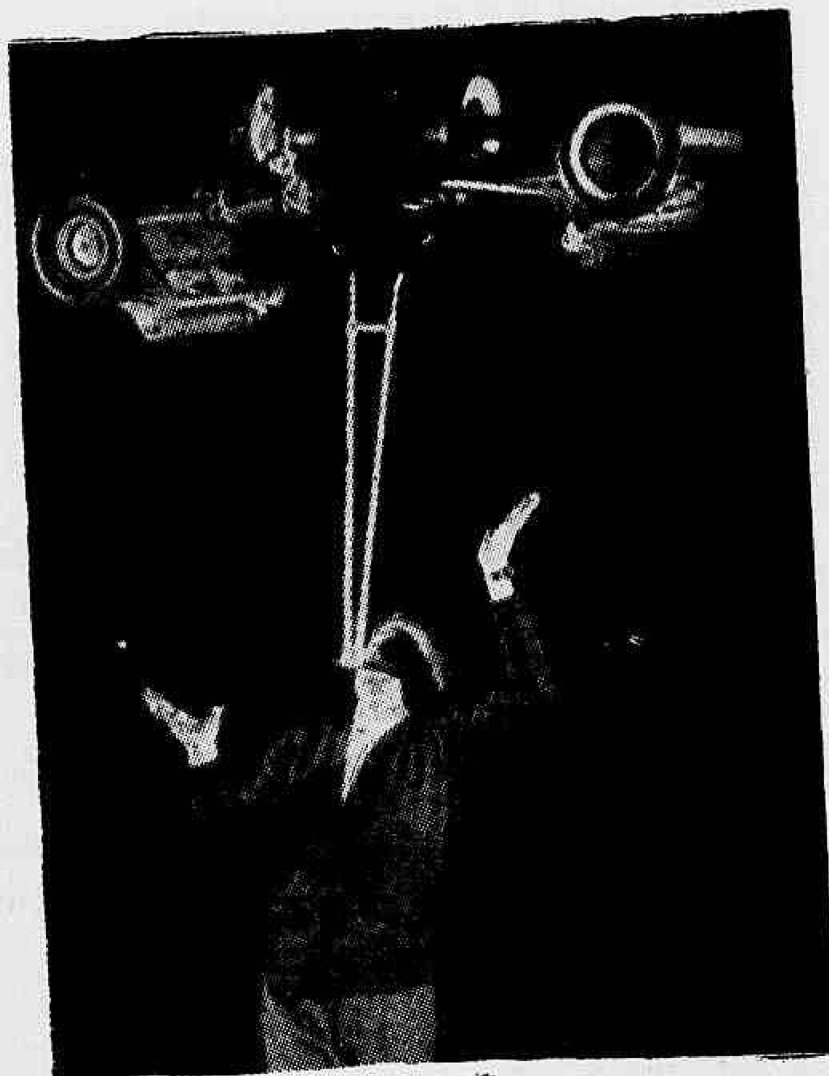
O nome Mountbatten inspirava certos ódios entre inglêses pela história do Príncipe Louis Battenberg, da Casa Alemã de Battenberg, naturalizado inglês



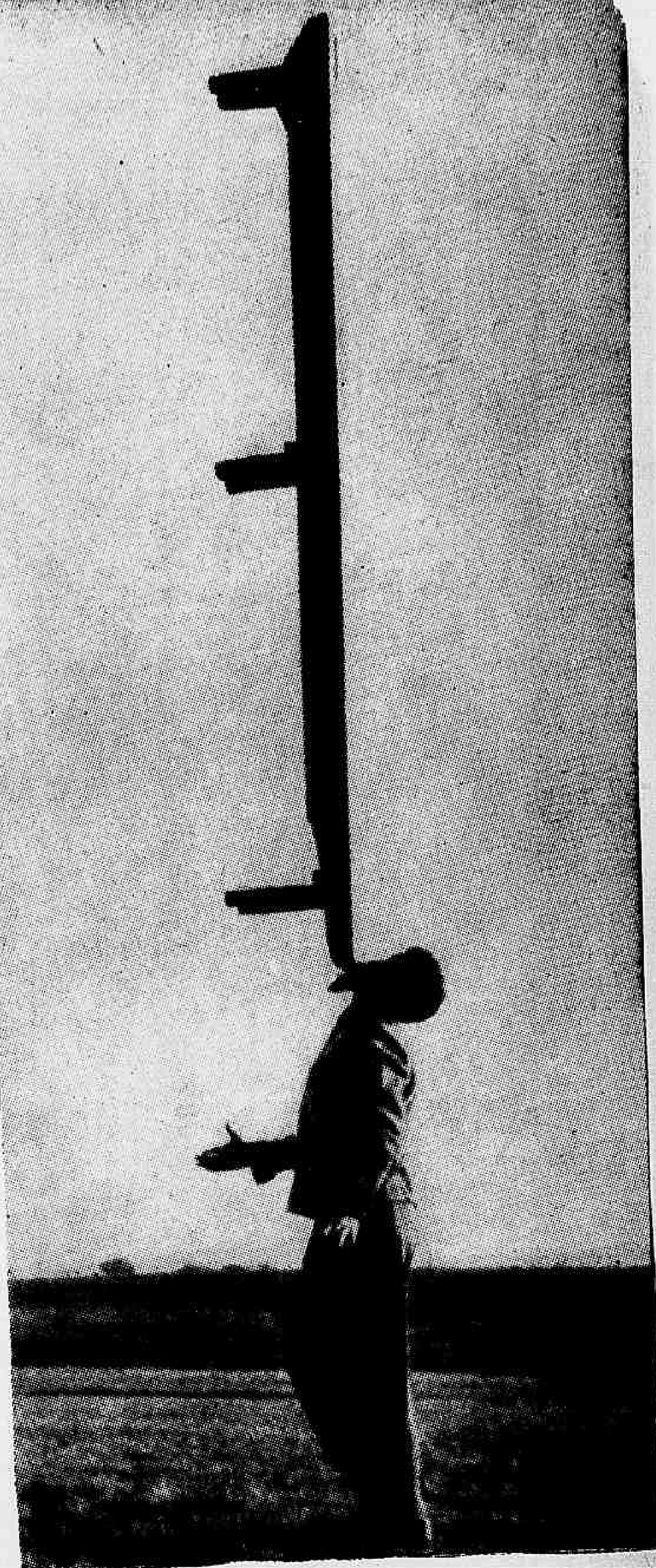
Não há cerimônia na Europa que encerre tanta pompa e ritual tão impressionante, como o da coroação de um Rei ou Rainha da Inglaterra



Com os dentes comprime o pneu da bicicleta, que balança... balança... mas não cai. E' fácil? Pois o leitor experimente repetir a façanha.



Aparelho para capinar jardins, com o pêso de 145 libras, se ergue sôbre o queixo de Dotzauer, capaz de, havendo espaço, equilibrar um trem.



Um equilibrista burocrata... que não sabe como é de circo...

EM virtude da sua incrível capacidade para equilibrar objetos no queixo, no nariz, na bôca, o sr. Robert Dotzauer of Lisbon, de Iowa, Estados Unidos, foi apelidado com o nome de **foca**. Todos sabemos que a foca é um animal que nasceu para fazer equilibrismos nos circos, é claro, pois em suas terras glaciais, ela passa tôda a sua existência procurando equilibrar a vida de sua espôsa, sempre assediada pela ferocidade e intriga dos vizinhos. Mas, adestrada por técnicos capazes de ensinar minhoca a usar suspensórios, a foca se converte em grandes atrações circenses, com os seus malabarismos equilibristas e as indefectíveis palmas a ela mesma, no final dos números. Todo mundo gosta de ver uma foca trabalhar.

Pois o nosso amigo Bob of Lisbon nasceu com grandes tendências para o equilibrismo. De onde lhe veio tal privilégio? Êle mesmo não sabe explicar isso.

Vamos ver como foi que êle se iniciou na difícil arte de manter de pé um objeto sôbre seu queixo, desde o pão matinal até uma escada enorme, com um cêsto de vime no tôpo, e, dentro dêle, um gato. O fenômeno começou quando Robert tinha nove anos de idade. Era

(Cont. na pág. 50)

Quando êle manteve êste banco no queixo, o vento soprava a 20 milhas por hora. Para proteger a bôca, Dotzauer forrou com um lenço.

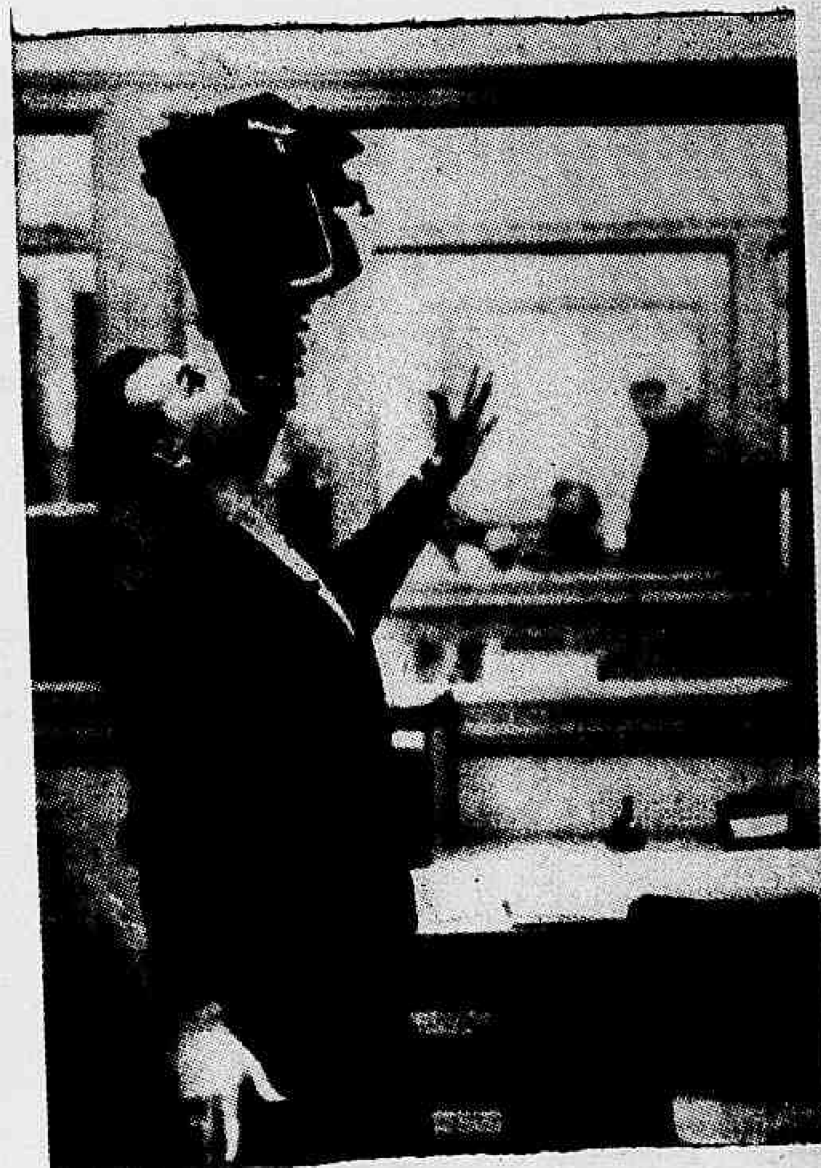
BALANÇA... MAS NÃO CAI!



Quando vai deitar-se, depois de afanoso dia de trabalho no escritório, treina na cama, como vemos, a equilibrar, ao nariz, esta boneca.



Ao almôço dá êste espetáculo. Comumente costuma levar o pão equilibrado ao nariz. O número desta gravura é dos mais difíceis, creiam.



No escritório, em horas de folga, o nosso artista faz dessas: equilibra ao queixo pesada máquina de escrever, diante de colegas surpresos.



E o gato cochila a uma altura de quase oito metros, sem saber que a integridade de suas costelinhas está dependendo da segurança equilibrista de um homem que, apesar de nervoso, é um herói do equilibrismo.

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

O pensamento depende de dois processos: percepção e reflexão. Pelo primeiro, conhecemos objetivamente as coisas; o segundo é a lógica aplicada ao conhecimento subjetivo. E' de capital importância, tanto para o indivíduo, quanto para a coletividade, investigar e conhecer a natureza dos assuntos pessoais, com o fim de selecionar as boas coisas. A natureza humana, isto é, o intelecto, tem mais facilidade em distingüir e aceitar os fatos, tais quais se apresentam, do que em refletir e raciocinar, joeirando o que deve ser aproveitado ou inutilizado. Dêste modo errôneo de pensar e de agir, resultam graves conflitos anímicos na luta entre o bem e o mal. Neste estado de consciência, o pensamento se movimenta em vibrações e entra em seu próprio mecanismo, desenvolvendo o intelecto. No entrechoque da consciência e da superconsciência, o subconsciente fica de parte, como observador imparcial e vai absorvendo os acontecimentos bons e maus que foram revelados pelos sentidos. Mas o «id», que é o reservatório onde as idéias fermentam, tenta expandir-se, no que é impedido, dando-se, então, o sonho, essa sensação ilusória que se apresenta no estado «crepuscular», entre o sono e a vigília.

● Por êsse motivo é que os sonhos nos deixam conhecer a verdadeira invidualidade humana e nos ajudam a reconstruir a personalidade e a entrosá-la na vida social.

● MARIKA (Rio)

SONHO: — Sonhei que subia uma íngreme ladeira que me levava a um templo indu. À minha esquerda, caminhava meu pai, já falecido; ao atingir o sopé da colina, meu pai passou para meu lado direito.

INTERPRETAÇÃO: — Sua vida deve ser uma contínua e penosa luta pela conquista de um ideal elevado (templo) e talvez haja no recesso do seu íntimo um pendor acentuado pelos assuntos orientalistas. Nesse sonho, você transfere a voz do seu próprio coração para a memória de seu pai, elegendo-o seu guia espiritual. Quer-me parecer que você tem uma vida já um pouco espiritualizada. Também acredito que tenha por seu pai verdadeiro respeito e amor espiritual.

● INTRIGADA (Rio)

SONHO: — Eu era um príncipe oriental, moreno, e me vestia todo de branco, como um rajá. Estava regressando de uma viagem em meu barco de madeira escura, cravejado de pedras brancas e transparentes (iguais às de um colar que tive em minha adolescência), e dirigia-me ao encontro de minha namorada. Encontrei-a muito aflita e pediu-me que a esperasse por uns vinte minutos. Logo, porém, resolveu levar-me em sua companhia para mostrar-me o que tanto a afligia. Caminhamos juntos por uma varanda que ia terminar junto a uma casa, dando acesso a um quintal. Sentindo qualquer coisa cair no chão, abaixei-me e apanhei uma fita de couro cravejada de pedras brancas, que pertencia ao meu barco. Nesse momento surgiu uma velha feiticeira, figura horrenda, que começou a perseguir-nos, querendo matar-nos. Correndo sempre, entramos no W. C. Para afastar a velha, mostrei-lhe a fita de couro; esta, porém, se transformou numa pelica fina (igual à massa de um pão que minha irmã costuma fazer), e impediu que a velha nos alcançasse. Consegui, assim, voltar ao meu barco, em que deveria fazer uma viagem.

INTERPRETAÇÃO: — Seu sonho tem íntima correlação com sua vida de solteira, cheia de sonhos e ilusões, e sua vida de mulher casada sem filhos. Na sua adolescência, tudo parecia brilhar (pedras transparentes) e você esperava realizar a continuação de sua própria existência nos filhos que você não teve (pedras iguais ao seu colar de mocinha). Você se sente culpada e julga que sua esterilidade tem absoluta necessidade de ser corrigida. Por «transferência» (sua troca de sexo) você procura outra mulher (sua namorada) para concluir o que o casamento não trouxe... Você esperou «algo» que até hoje não chegou (vinte minutos de espera) e isso a desaponta... Com certa tristeza, viu que tudo o que mais acalentaria, se transformava numa vida fictícia, adornada de belas aparências, mas que, na realidade é vazia e sem objetivo. Ora você se culpa a si mesma. Ora empresta a responsabilidade de certos fatos a alguém que já a fêz sofrer bastante e julga que êsse «alguém» matou seus sonhos de menina (a feiticeira horrenda). Transmudando seu sofrimento em bondade (couro que se transforma em pão) impediu que o ressentimento (ainda a feiticeira) tomasse conta do seu coração e com isto conseguirá comandar seu «barco» na passagem desta vida... Seus sentimentos são bons, sua mente é vibrátil e seu coração afetuoso. Na verdade, nada de esquisito há em seu sonho. Nem revela desejo de mudar de sexo; o que você sente, é, apenas, o humaníssimo desejo de ser feliz...

(CONCLUSÃO)

E Helen começou as apresentações. Tomou os presentes, enquanto os garotos olhavam espantados. David, mais tímido que nunca, nem sabia se continuava a plantar ou se acendia um cigarro. Adela facilitou a decisão apresentando a cigarreira de ouro.

— Helen me falou a seu respeito e eu tenho estado aflita para ajudar de algum modo.

— E' muita gentileza sua. — Falou David, meio nervoso.

As crianças continuavam a olhar encantadas a moça bonita.

— Vou deixar você conversando com David enquanto preparo um pouco de chá.

Quando voltou, pouco depois, para chamá-los, Helen encontrou Adela sentada no banco que circulava a macieira com a cabeça romànticamente encostada na árvore e David com o pé sôbre o banco com o cachimbo na mão gesticulando animado enquanto falava sôbre a nova peça. Da porta, apertando os olhos por causa do sol, Helen teve a impressão de que Adela não estava nem ouvindo o que David dizia. Fitava-o apenas com seus doces e inocentes olhos, embora a bôca nada demonstrasse de inocência e admirava-o, decorando-lhe as feições e os olhos.

Pela primeira vez, Helen teve uma sensação esquisita de dúvida e ansiedade que a fêz perguntar num tom meio inseguro:

— O seu marido já voltou da viagem de negócios?

— Oh! sim — falou Adela, com um doce sorriso — e parte outra vez amanhã. E' curioso como um artista sempre acha tempo para gozar a convivência da família, enquanto os homens de negócios não conseguem esquecê-los um minuto sequer...

E ela voltou a olhar para David com admiração.

Depois do chá, Adela levantou-se para ir embora e, calçando as luvas finas e elegantes, falou:

— Barney Mercer é meio difícil de encontrar. Está sempre tão atarefado... mas assim que eu conseguir encontrá-lo avisarei a vocês. — E estendendo a mão para David: Agradeço a acolhida, é tão interessante encontrar gente de verdade...

Helen e David acompanharam-na até o carro e Helen, que ficou um pouco atrás, viu quando David se curvou para falar junto à porta do carro e Adela olhou-o com infinita fascinação, e pensou que precisava controlar-se, pois era tudo para o bem do marido, e voltou para dentro resignada.

Alguns dias depois Adela telefonou — desculpando-se por não ter avisado com antecedência para que pudessem arranjar alguém para ficar com as crianças, mas fôra convidada para um «cocktail» e acabava de saber que Barney também iria e convidava-os... Helen respondeu que realmente não poderia ir, mas que David iria. Então Adela lamentou muito e pediu que David a fôsse buscar em casa, Westminster 25, às seis e trinta. Helen concordou. Telefonou para o escritório do marido e escovou e passou o melhor terno dêle. Na hora êle estava muito alinhado e nervoso.

Êle voltou depois das dez horas, animado e falante. Havia conhecido uma porção de gente interessante.

— Helen, como é bom a gente sair e conhecer novas caras.

— E que tal o Barney Mercer?

— Bem, êle não pode ir. A dona da festa, amiga de Adela, disse que êle telefonou desculpando-se (mas, êle sorria feliz). Eu não fiquei nem um pouquinho nervoso. Você ficaria admirada se me ouvisse falando para tôda



Veneno nas veias

aquela gente estranha. Adela tem um jeitinho especial de pôr a gente à vontade.

— Fico muito contente com isso, mas, êste «cocktail» acabou muito tarde... não acha?

— Oh! não. Acabou as oito, mas Adela insistiu para que eu fôsse jantar na casa dela.

— Só vocês dois? — perguntou Helen meio admirada.

— Bem, tinha o mordomo também. O marido dela está fora. Êle a deixa muito só. Eu achei que ficaria melhor se eu a levasse para jantar fora, mas ela é muito amável e insistiu tanto...

— Bem, embora ela não confesse, tenho a impressão de que êles não são muito felizes... assim como nós. (E Helen segurou as mãos do marido com ternura).

— Ela vive tão só — falou David — e a única coisa que ela diz contra êle é que êle não lhe dá a devida atenção.

Então David sentou-se na beira da cama e tirou os sapatos com um suspiro de alívio. Helen pensava na falta de atenção do marido de Adela, lembrando o enorme automóvel cinza, as jóias, os vestidos caríssimos, o luxo... tudo isso devia somar por mês muito mais do que muitas vêzes o ordenado de David. Certamente Fitzjames não ligava para o dinheiro.

David, satisfeito com o «cocktail» e os pratos que jantara, trocou o pijama e, depois de beijá-la sonolento, atirou-se na cama.

(Cont. na pág. 60)

Ilustração de RAMON

Conto de MARY

UM PRINCIPE EM MINHA VIDA

Novela de MICHEL DAVET

EU o olhava aterrorizada. Malique me falava com uma veemência inusitada e suas palavras e o tom de voz traduziam uma espécie de censura a mim, como se eu fôsse responsável pelo seu amor não correspondido.

— Quer deixar-me sòzinha aqui? — perguntei.

— Mas você crê que seja vida para um rapaz viver isolado, longe de tudo, quando vê, a todo instante, uma moça a quem êle ama, vivendo sob o mesmo telhado, passando por êle a cada momento? Ah! Bertille, minha querida cotovia, não quer você nada de mim? Era desejo de Manoue que vivêssemos sempre unidos, eternamente juntos. Uma noite, ao sentir-se mal, chamou-me a um canto desta mesma sala e me falou: «Olha, Malique! Será que você não quer Bertille para espôsa?» E eu lhe respondi que sim, pois que, desde muito eu te amava... Desde que eras pequenina, aquela garotinha encantadora e alegre, eu sentia uma alegria imensa ao ouvir o teu rir... Bertille, levanta um pouco a tua cabeça, olha-me bem, Bertille...

Naquele instante eu tive vontade de confessar-lhe tudo, dizer-lhe tudo o que se passava comigo. Êle esperou; em seguida se afastou e seguiu pela noite fora, iluminando o caminho com sua lanterna surda, a balançar.

No dia seguinte eu mal o vi. Malique se entregava à faina cotidiana, indo e vindo de um lugar para outro, do curral das vacas ao galinheiro, do poço ao varal das ovelhas. Era costume seu, pela manhã, enquanto tratava de tôdas estas coisas simples e encantadoras, cantar uma canção nativa, reflexo de seu feliz estado dalma, ou de alguma esperança que se ocultava dentro de seu coração. Lá fora a manhã estava serena e clara. Os bois pacientes com aquêles olhos mornos; a nossa gatinha, de patas estiradas, descansava cochilando sôbre uma tábua. Eu sentia estranho sentimento de culpa a torturar-me o peito. Debalde esperamos, eu e os nossos animais amigos, pela canção de Malique naquela manhã. Êle não cantou e tôdas as coisas nos pareceram sem vida. Não cantou naquele amanhecer. Não podia cantar depois da conversa que tivemos na noite anterior. Tudo parecia tristeza nos olhos dos bois, no silêncio da gata, no balido das ovelhas, no aspecto de abandono de nossa velha charrete.

Quando êle terminou todo o trabalho matinal, colocando tudo em ordem, recostou-se à escada que dava acesso à nossa casa e cruzou os braços. De tempos a tempos êle erguia os olhos e olhava como quem está procurando alguma coisa... Eu adivinhava que sòmente um nome, um único nome, uma só imagem lhe ocupava o pensamento, seu coração atormentado de amar sem ser amado. A gatinha veio molemente e começou a coçar-se contra seus tamancos. Eu o vi enxotá-la com um gesto brusco, como quem está amolado, de péssimo humor. Depois o vi partir não sei para onde, sòzinho, desolado, os braços moles, balançando.

Um pouco antes da noite, ao ir cuidar da cabra, eu o vi. Como ia eu na sua direção, não pude evitá-lo. Eu não queria, de maneira alguma, que êle me deixasse sòzinha naquela casa. Também não desejava que passássemos a ser como estranhos um para o outro, quando tínhamos vivido, durante tanto tempo como irmãos sob o mesmo teto, lado a lado para viver, crescer e trabalhar, unidos sob a proteção da boa velha Manoue, velando-lhe o sono quando ela adormecia sob as árvores do terreiro, chorando-lhe a morte, quando fechou os olhos para sempre.

Tôdas estas particularidades de nossa vida passada remontavam à minha memória, às lufadas, como eu sentia o perfume das flores dos campos, dos lilases à borda dos caminhos, e eu sabia que, por mais

Tradução de RENATO DE ALENCAR Ilustração de RAMON

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:

Bertille era ainda muito criança quando foi adotada por uma tia, Manoue, em cuja casa rural já havia um menino, Malique, também órfão, sob os cuidados da velha Manoue. Ambos cresceram e se estimavam como irmãos. Quando, porém, Bertille chegou à condição de mulher, muito bonita, Malique passou a amá-la em silêncio. Nesse interim, apareceu diante de Bertille um moço estrangeiro ao qual ela tomara por um «Príncipe Encantado», influenciada pelas histórias que lhe contava Manoue, quando era criança. Bertille, apesar disso, sentia certo ciúme por Malique. Quando Manoue morreu, o padre da aldeia aconselhou-o a casar com ela. Bertille ouviu a conversa confidencial. Mas Malique não achava jeito de manifestar-se, até que um dia desabafou e confessou o seu amor. Mas Bertille só pensava no Príncipe...

que nos esforcemos para esquecer e encontrar outros derivativos, nada nos poderia separar, dividir-nos e jogar cada um para longe de nossa casa, daquele velho edifício onde vimos Manoue dormir e morrer.

Eu pressenti que êle estava disposto a ir-se embora. E lhe falei com voz trêmula:

— Não, Malique! Não! Você não vai partir e deixar-me aqui completamente só! E se os javalis vêm de noite comer milho aqui à nossa porta, e se os ladrões sobem até cá e roubam as galinhas e me estrangulam!

Malique começou a rir. Riu e ajuntou:

— E se um rato saltar do depósito de trigo...

— Você ri, Malique, você ri... Mas como terá você coragem de partir e deixar ao abandono a velha casa de Manoue e sua pobre filha?

— Bertille, ouça-me pela última vez... Não quer você compreender? Eu a amo e você não me ama... Ao vê-la ir e vir, assim ao pé de mim, roçando em meu corpo, sempre muito linda, isso me tortura, isto me rói até ao fundo do meu ser. Não é por minha culpa, e eu cortaria antes minha mão, a tocar em você, num só cabelo; mas acho que é melhor eu ir-me embora. Um dia, talvez, quando já a houver esquecido, poderei voltar a vê-la, se ainda me quiser aqui, e se o homem a quem você escolher não se opuser a isso, por orgulho...

Êle cerrou os dentes e voltou a cabeça para não fitar-me. Então eu coloquei minhas mãos sôbre suas espáduas.

— Não, Malique... não fale de outro homem aqui que não seja você, você, que tem tomado conta da propriedade, da casa, que tem feito prosperar estas terras; você a quem Manoue amava como se fôsse o seu filho... Além disso, Malique, eu penso que jamais me casarei...

Êle abriu desmesuradamente os olhos com a maior surprêsa; mas eu não lhe dei tempo de responder-me nada. Fugi para esconder minhas lágrimas.

À tardinha, quando nos sentamos à mesa, a gata, que estava deitada sôbre o banco ao pé da mesa, ergueu-se e colocou as patinhas no bordo do móvel, ao lado de Malique, que a acaricia e me olha em seguida. Todos os gestos familiares, os hábitos, as amizades, tudo isto poderia desfazer-se, esquecer, perder-se para sempre? Quando Malique retirou da sopeira uma concha fumegante, deixando rolar uma cascata de pérolas, eu lhe envolvi o pescoço com os meus braços.

E lhe falei com a voz mais terna de meu coração:

— Não é tão ameno viver aqui? Onde iria você encontrar, por aí, uma sopa tão apetitosa como esta? Então... Fica?

— Eu não posso partir mais, pois que você me amarrou assim com os seus braços em volta de meu pescoço. Além disso, eu não teria bastante fôrça para deixar de vê-la mais. Não se preocupe mais comigo, filhinha. Tentarei anular para sempre meus pensamentos.

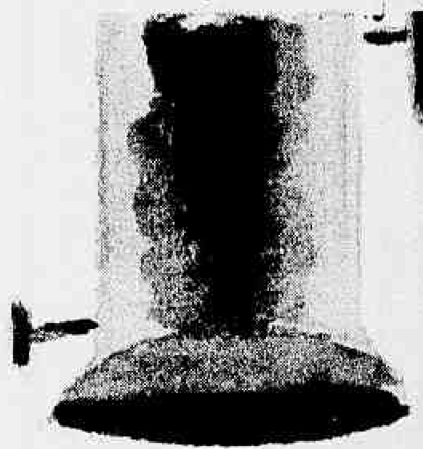
Capítulo XXI

Às primeiras horas da manhã, corri ao bosque, inquieta, atormentada por não sei que maus pensamentos. Ainda hoje me recordo dessa louca alegria de amar, dessa paixão que me perturbava e ser enquanto eu corria para êle... De súbito, sem uma palavra, êle me apertou em seus braços. E nos beijamos apaixonadamente, os dois num só desejo, num só frenesi de amor.

Desde as primeiras vêzes eu me habituara ao sabor queimante, à carícia estranha e flácida de seus lábios; mas naquele dia, eu senti nos seus beijos um sabor de enfermidade e de morte.

Já as cerejeiras do mato abrolhavam suas flores fanadas e amarelas. Elas caíam sôbre nossos cabelos. Sùbitamente, êle estacou ao ver um passarinho que voava com uma palha ao bico.

— Está vendo? Está vendo? Êle vai fazer seu ninho! Um outro



passarinho o espera lá em baixo. À noitinha, êles se encontrarão unindo os seus corpos quentes um ao outro, e a noite será para êles como uma festa.

Tomei-lhe a mão com calor, sem lhe responder, e já um desejo indefinido me invadia.

— Eu também desejaria ser a andorinha do seu ninho!

— Você!

Estacou, e, com um sorriso amargo nos lábios, murmurou com tristeza:

— Você! Você não tem coração, Bertille...

Penso que empalideci; mas êle não me olhou mais. Continuou a falar para si mesmo, para as árvores, esquecendo-se de que sua mão me apertava e que suas palavras me atingiam o coração, mais duras, mais mortificantes do que golpes de sabre.

— Quando se é acalentado num sonho, sonho de longo tempo, a metade de uma vida, e, ao vermos que estamos perto da conquista da ventura, tudo na mais intensa alegria, não sendo possível esperar fracasso, e, de um momento para outro, vemos que tudo se desmorona, tudo soçobra, tornando-se dificultoso e desolador, que deveremos fazer? Acho que nada temos que fazer, desde que uma coisa não tenha remédio, nem na vida, nem na morte. Ou melhor; é preciso que edifiquemos um outro sonho ainda mais elevado, muito mais alto para que tome forma, e não possamos viver senão dentro de nós mesmos. Que sonho é êste? Será você, menina? Já tem frio? Mas estamos ainda apenas no fim do verão. Bertille, Bertille, se você soubesse como o seu nome é lindo, e como você é bela! Penso que de todos os meus sonhos com mulheres, é o que tenho por você, o mais lindo, o mais encantador, o mais querido. Não zombe de mim como as outras zombaram. Você tem sido amável comigo, por piedade, talvez, ou por cálculo; você soube tão bem mentir, que eu me enganei. Mas fui feliz um momento! Que digo? Você continua a ser a minha luz, continua a estar no meu coração! E eu a sinto medrosa sob o meu braço. Meu Deus todo-poderoso! Como é delicioso abraçar-se uma mulher! Apertá-la em nossos braços! Detenha-se, Bertille! Quando é que você será minha? Mas eu a desposar?... Porém, eu não posso! Ah! Você vai alegar que eu sou um doente, que não sou como os outros, que a felicidade para mim é proibida, que meu pai era louco, que meu irmão era louco, que eu também saí assim louco... Por Deus! Você me inspirou dizer tais coisas, e eu as disse, eu o disse quase a gritar a fim de que outros saibam, de maneira que não seja eu o único a saber! E agora me dê um beijo, um beijo! Depois pode chorar, pode gritar, pode até bater-me!

Suas grandes mãos que eu adorava estavam nervosas, brutais... Êle tomou-me fervorosamente em seus braços, procurou volver-me, e eu não podendo mais lutar, vociferei também nervosa, numa mistura de amor e de cólera. As árvores tranqüilas olhavam a brutal demência dos amôres dos homens... Sùbitamente êle me larga, como que atordoado, sem contrôle, a bôca torta, os olhos em delírio. Suas mãos se agitaram, como que em busca de um apoio, um ramo de mato ou talvez a minha mão, que eu não lhe estendera mais. E cai ao solo. Vi-o rolar sôbre a relva sem flores a gemer em soluços roucos.

No seu rosto diabólico, sòmente brilhavam os seus olhos como se estivessem a gritar, a gritar por socorro, numa impotência muda e cheia de terror. Então, eu me pus a correr, fugindo dêsse monstro humano a espumar sôbre o chão forrado de ervas, e desabalei como louca, a tropeçar nos tocos, a cortar-me nos ramos e lianas do meu caminho, alucinada e arrependida.

Capítulo XXII

Eu ia ainda correndo quando Malique, atravessando o caminho com um balde de leite, viu que eu estava aflita. Minha blusa estava aberta, as tiras pendendo. Imediatamente pousou o vaso ao chão e me perguntou alarmado, dirigindo-se apressadamente para mim:

— Que houve, Bertille? Olhe-me! Fale, Bertille! Que lhe sucedeu?... Está doente? Que aconteceu? Está assombrada?...

(Continua no próximo número)





Rafael

O arcanjo da costura de Paris criou para praia êste gracioso conjunto esportivo. Blusa branca, chemisier em sêda natural. Short em shantung fraise, bolsos kanguru com botões. Um amor.



A vida de Rita Hayworth dá «pano para as mangas» — como vemos por esta demonstração coreográfica de espavento. A bela Rita não quis ser mais princesa e se vem dedicando inteiramente à Arte nos estúdios cinematográficos de Hollywood, nos Estados Unidos da América.

VAI LEVANDO, RITA...

POUCAS artistas de cinema têm estado na ordem do dia, como a deliciosamente bela Margarita Cansino Judson Welles Aly Khan, ou seja a estrêla de Hollywood, Rita Hayworth. Desde que começou a aparecer nas telas viu consolidada a sua fama de artista sedutora e talentosa. Dança, canta, interpreta papéis dramáticos e de comédia, podendo provocar lágrimas, ou fazer rir as platéias do mundo. Está atualmente com seus trinta e três janeiros bem contadinhos, e goza da justa fama de ser uma das criaturas mais belas fisicamente falando, com linhas de perfeição venusina, como atestou oficialmente a «United States League of Health Education».

Mas Rita não se tornou famosa apenas pelos seus encantos como mulher nem como estrêla de Hollywood; o que lhe deu maior repercussão pelo mundo a fora foi a seqüência de seus casamentos, cada qual mais sensacional. Primeiramente se uniu pelos sagrados laços do matrimônio ao milionário e magnata do petróleo, Mr. Edward Judson, com quem pouco viveu, divorciando-se para voltar à vida

Quem foi Rainha sempre será Majestade, e ela que tôda vida dominou as platéias do mundo cinematográfico, torna a emergir à luz das telas como verdadeira «estrêla» de primeira grandeza em novos filmes.





Êste foi o seu primeiro marido, Mr. Edward Judson, magnata do petróleo, de cujo matrimônio não resultou nenhum filho para atrapalhar.



Orson Welles, segundo marido de Rita, muito nosso conhecido. Dessa união nasceu a menina Rebecca, por quem Rita tem um amor imenso.

de solteira, isto é, de divorciada. Entregando-se a seus pendores artísticos, ela abandonou a união com um homem de grandes responsabilidades, riquíssimo, senhor de considerável fortuna; mas era a correnteza de sua vida agitada sempre a conduzi-la para os estúdios, para a interpretação da vida artística.

Depois que se desligou do milionário do petróleo, ela se casou com outro nome mundial do cinema: Orson Welles, que também irrequieto, chegando mesmo às raias da alucinação, não poderia permanecer por muito tempo sob o mesmo teto com Rita. Mas dessa união, que tanto comentário provocou nos meios sociais e artísticos do mundo, ficou um marco indelével: a graciosa menina Rebecca, filha de Orson Welles, e a quem Rita dedica a mais profunda afeição. Depois disso, ela convolou núpcias com o disputadíssimo Aly Khan, uma espécie de Príncipe Encantado que surgia entre as cinzas da lareira da nova Cinderela...

Aly Khan se apaixonou pela estrêla e passou também a dedicar a Rebecca uma afeição paternal. A menina já está com seus sete anos, é graciosa, parecidíssima com o pai, o rechonchudo Orson. Mas Aly, um oriental de costumes ocidentais adquiridos nos mais adiantados centros da Europa, não viu na presença da menina qualquer impecilho aos seus amôres para com a fulgurante estrêla de Hollywood. E o casamento se realizou. O que foi essa festa esta mesma Revista já expôs aos seus leitores. Um acontecimento de histórias de trancoso. Aly Khan, possuidor de iates, de vilinos à beira-mar na Côte d'Azur, cobriu



Os habitantes de Nápoles viram Rita, quando ela regressou do Congo Belga, aonde foi para caçar leões com o terceiro marido, Aly Khan.



Charles Feldman — agente de Rita — ao ver-se bloqueado por fotógrafos, faz um gesto dramático, temendo complicações perante o divórcio...

sua linda e fascinante mulherzinha de tudo o que poderia ser ambicionado por uma criatura de saias, vaidosa e com a natural ambição de luxo e opulência bebida nos anais de Hollywood.

Rita lhe daria um filho. E assim foi. Nasceu Yasmin, linda garotinha que está hoje com apenas dois anos de idade, e vive em companhia de Rita, ao lado da outra irmã, Rebecca.

Mas Rita não gosta de ficar parada muito tempo a contemplar panoramas fora dos estúdios. E se separou de Aly, apesar das preces a Alah. Não houve ainda o divórcio porque ela está exigindo verbas positivamente astronômicas, não para ela, mas para a filha dêle. Aly resiste e a separação é apenas de **fato**, não de **direito**. De quando em quando vem seu nome a público: Rita vai novamente unir-se a Aly! Rita se reconcilia com o famoso Príncipe! Rita isso, Rita aquilo outro. O caso já se tornou motivo até de apostas. Mas a irrequieta Cansino não se cansa de fornecer motivos para crônicas ao mundo inteiro.

E volta a filmar. «Affair In Trinidad», «Salomé», «The Dance Of The Seven Veils» são produções que atrairão milhões de fãs, não apenas pelo fato de serem filmes com Rita Hayworth, mas, especialmente, porque na tela todos iremos ver a artista que abandonou uma vez um Astro e duas vêzes a Fortuna em pessoa, nas pessoas de duas pessoas multimilionárias...

Isto é que se chama zombar do Destino, levar a vida na «flauta». Vai levando, Rita; vai levando...

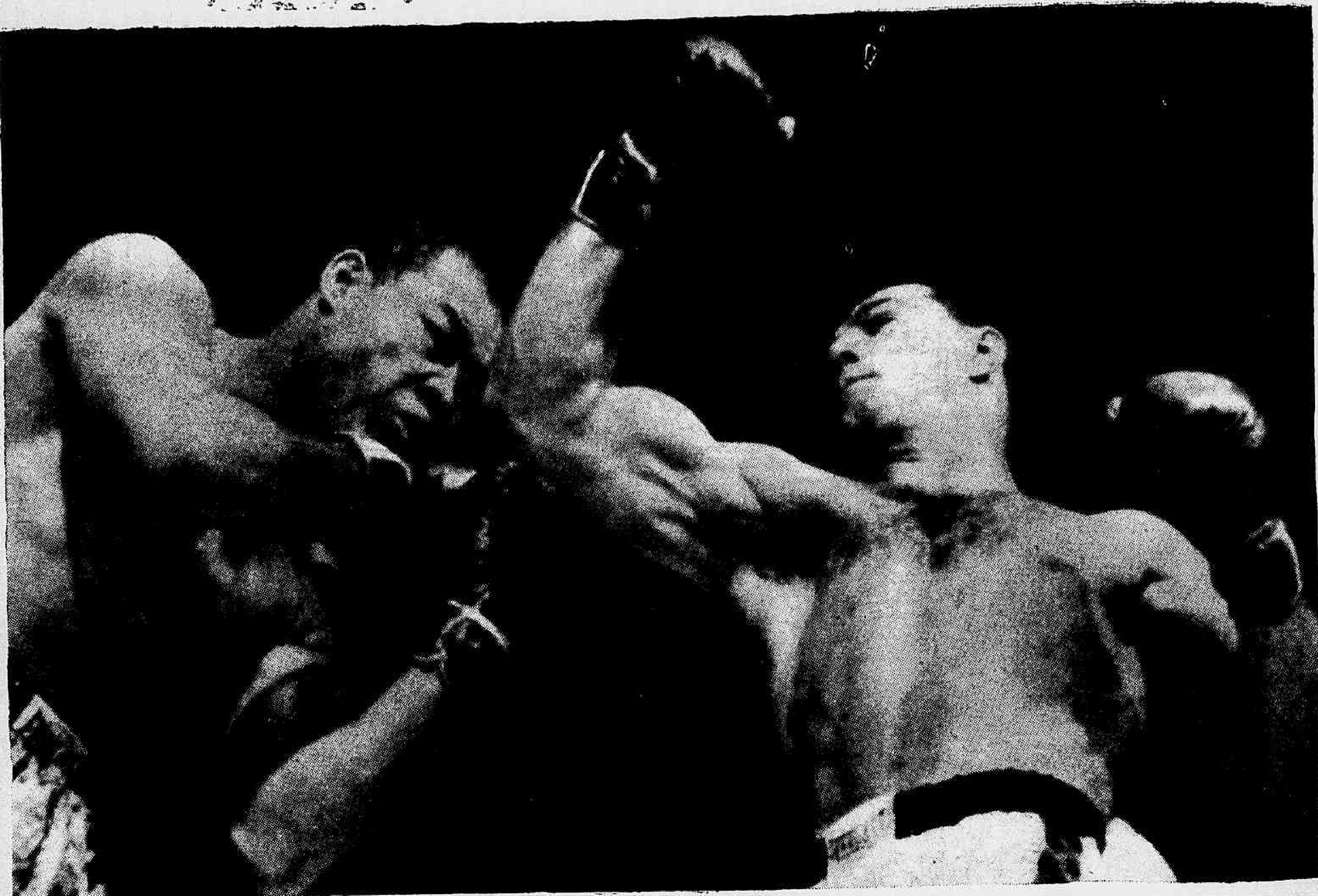


ÊSTE FOI O PRIMEIRO ENCONTRO DEPOIS DA SEPARAÇÃO — Quando os bisbilhoteiros de Hollywood viram o príncipe Aly Khan e Rita Hayworth de braços em Beverly Hills, onde ela possui sua luxuosa residência, pensaram no mesmo instante na reconciliação imediata. Os «flashes» entraram em ação, e êle aparentava no semblante o vestígio de uma esperança sólida...

A TERCEIRA VÍTIMA

À margem da «Rota de Napoleão», em Lurs, perto de Forcalquier, três turistas inglêses, o célebre dietético Sir Drummond, sua espôsa e sua filha menor, foram selvagemente assassinados. Acamparam ao ar-livre, a duzentos metros da fazenda Dominici, cujos habitantes, cêrca de uma hora da madrugada, ouviram sete estampidos de arma de fogo. Sir Drummond havia, realmente, recebido três balas e sua mulher, quatro. Quanto à infeliz Elizabeth, morrera a golpes de coronha. Êste fato monstruoso encheu de pavor e consternação os hospitaleiros habitantes da Haute-Provence. Forcalquier havia feito sensíveis obséquios às vítimas, e os investigadores, de pista em pista, se esforçam ativamente para agarrar o criminoso.





O punho de Rocky Marciano se tornou mais poderoso do que os de Joe Louis, o chamado «dinamitador de Detroit». Na luta com Louis, Marciano pôs o negro K. O. no oitavo «round». Mas ainda restavam outros negros campões e Marciano se preparava ativamente para bater-se com os mesmos e reconquistar o título máximo para os brancos. Na última semana de setembro, êle lutou e venceu. Belo presente para seu bebê...

UM MARCIANO CAMPEÃO NA TERRA...

ROCKY (rochoso) MARCIANO TREINOU PARA CAMPEÃO DE BOX E PARA PAI, AO MESMO TEMPO. FILHO DE IMIGRANTES ITALIANOS PAUPÉRRIMOS, ESTÁ HOJE MILIONÁRIO, DEPOIS DA LUTA ESPETACULAR EM QUE ARREBATOU DO NEGRO WACOTT O TITULO DE CAMPEÃO MUNDIAL DE BOX.

QUANDO Rocky Marciano dá um sôco com seus punhos de granito, as costelas do adversário chacoalham, dizem os entendidos em tais jogos para maiores que não se impressionam muito. E não podia deixar de ser assim. Seus dois nomes são um índice de invencibilidade e progresso: «rocky» vem de «rock», que em inglês quer dizer rocha, pedra, monólito, diabase. Rocky é uma coisa empedernida, pedrenta, penedia dura de roer. E Marciano é o filho de Marte, o deus da guerra... Um homem que leva tão fortes nomes só pode ser uma coisa invencível.

Rocky é filho de um emigrante paupérrimo. Levou uma vida de sofrimentos e dificuldades como qualquer João Ninguém em grandes cidades como Nova Iorque e outras semelhantes. Nasceu em Brockton, Massachusetts, e, desde mocinho, foi-



Senhoras das relações de sua espôsa foram à casa do campeão e ali organizaram uma sessão de tricotagem para presentear o herdeiro que se anuncia. Embevecido, o futuro papai olha uma das peças tecidas.

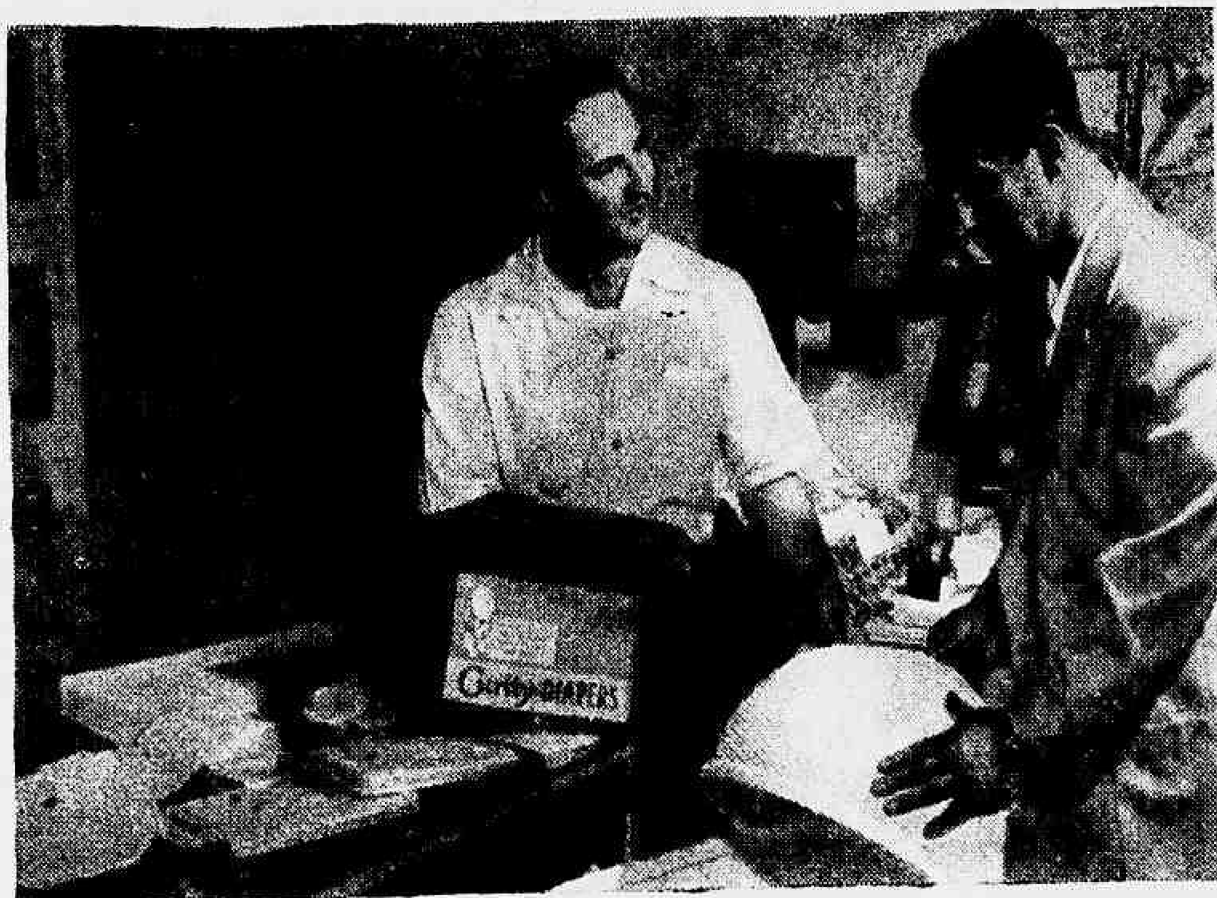
se apresentando como sério competidor ao título máximo de box internacional. Sua compleição física ia dizendo, ano a ano, que Rocky seria classificado entre os pesos-pesados dêste mundo. E assim foi. Mas o seu coração também ia crescendo à proporção que seus músculos o candidatavam a Rei do Ring. E, um dia, o herói do punho se enamorou de uma irlandesinha chamada Barbara. Um olhar hoje, um sorriso amanhã, tudo se resolveu em casamento à americana, com muita simplicidade e arroz depois do «conjugo vobis».

Mas o campeão de box não queria apenas casar-se. Êle, que comprara, com sua espôsa, uma casinha elegante nos arredores de Brockton, sua cidade natal, estava ansioso por ser pai. E assim sucederá, se já não sucedeu: Mrs. Marciano lhe comunicou que ia



Mas Rocky estava impaciente e não esperou apenas pela gentileza e solidariedade de suas amigas. Correu ao comércio de Brockton e comprou grande carregamento de coisas para bebês. Aqui o vemos mostrando suas habilidades à espôsa, uma americana de origem irlandesa. E quando ela notou que êle havia comprado muito mais do que o necessário, êle atalhou: — «Mas querida, não vamos ficar num só...»

ser mãe. A notícia se espalhou por tôda a cidade e várias senhoras das relações do casal se ofereceram para tecer o enxoval do futuro herdeiro de Marciano. Êle estava todo enganjento, e se preocupava muito mais com o nascimento do filho, do que com o encontro com o então campeão, o negro Joe Walcott. Como não podia deixar de ser, fêz um curso de puericultura e aprendeu a colocar e retirar fraldinhas de bebês. Comprou grande quantidade de coisas e berços, como se fôsse ser pai de quíntuplos... Quem sabe se a vinda de seu primeiro filho não lhe deu ímpetos «marcianos» para tornar-se um Pão de Açucar de granito, vencendo o seu adversário da maneira sensacional por que o fêz? A glória de ser pai, a vontade de dizer ao filho, alguns anos depois: «Fui campeão mundial de box com o pensamento em você, meu filho!»



Numa casa especialista em coisa para crianças, comprou um carrinho e só não adquiriu livros de histórias da carochinha porque o caixeiro disse que o bebê levaria uns cinco anos para compreender aquilo.



Rocky correu ao hospital-maternidade que há em sua terra e pediu que lhe ensinassem como pelejar com recém-nascidos. E seus punhos de aço ficaram suaves como se estivessem transformados em arminho.

Semana LITERÁRIA

NOTICIÁRIO

JORGE DE LIMA teve alguns de seus poemas traduzidos para o inglês por Melissa S. Hull. O volume tem o título de «Poemas» e a coletânea é bastante expressiva de nosso grande poeta.

★

O CLUBE DE POESIA de São Paulo convidou o poeta inglês Stephen Spender para realizar no Brasil uma série de conferências. Além das que fará em São Paulo, Stephen Spender pronunciará algumas palestras no Ministério da Educação.

★

CIRO DOS ANJOS partirá para o México, onde vai lecionar literatura brasileira.

★

DEVERÁ APARECER pròximamente, uma edição italiana de «Os Sertões».

★

APARECERÁ POR êstes dias o novo livro de Otávio Tarquínio de Souza, «D. Pedro II», na coleção Documentos Brasileiros.

★

A EDITÔRA GALLIMARD acaba de publicar em França «Capitaines Des Sables», uma tradução feita por Vanina do romance de Jorge Amado — «Capitães da Areia». Por sua vez, a editôra Horay-Flore lançou «Les Brebis Du Seigneur», tradução de Louise Delapierre do romance de Ferreira de Castro.

★

VAI APARECER a terceira edição do famoso livro de Rosalina Coelho Lisboa, «E a Seara de Caim», obra à qual se seguirá, como se sabe, «O Sangue de Abel».

POEMA INÉDITO DE PAUL VALERY

"Les Nouvelles Litteraires" divulgaram há pouco alguns poemas inéditos de Paul Valéry. Foram escritos em Montpellier, em 1890, à época em que Valéry se ligava por amizade a Gide e a Pierre Louys.

Entre êsses inéditos, escolhemos o que se segue, para oferecer aos leitores desta página:

CELLE QUI SORT DE L'ONDE

La voici! fleur antique et d'écume fumante
La nymphe magnifique et joyeuse, la chair
Qui parfume l'esprit vagabond de la Mer.
Celle qu'ne eau légère encore diamante!

Elle apparait!... dans le frisson de ses bras blancs
Les seins tremblent! mouillés à leurs pointes fleuries
D'océaniques et d'humides pierreries!
Des larmes de soleil ruissellent sur ses flancs!

Les graviers d'or, qu'amuse sa marche gracile
Croulent sous ses pieds fins, et la grève facile
Garde les frais baisers de ses pas enfantins!

Le doux golfe a laissé dans ses jeux fous et vagues
Où luit le souvenir des gouffres argentins
L'eau riante! et la danse infidèle des vagues!...

FORA DO PRELO

O PRIMEIRO MISTÉRIO — Em edição da Revista Branca, belo trabalho gráfico em prelo manual, aparece o livro de poemas de E.C. Caldas, «O Primeiro Mistério», com ilustrações de Darcy Penteado, sem dúvida um dos mais belos livros de poesia dêste ano.

NOÇÕES DE POESIA & ARTE — O poeta Alcides Pinto nos dá agora mais um livro de poemas, êste «Noções de Poesia & Arte», onde se confirmam suas qualidades, já reveladas em obras anteriores, edição Pongetti. Mais de espaço, comentaremos esta obra.

ALBERGUE DO VENTO — Edgard Braga, consagrado recentemente com seu grande livro, «Odes», vem de lançar mais um livro de poemas, «Albergue do Vento».

O POLIEDRO E A ROSA — O poeta Oswaldino Marques publica um livro de ensaios, um volume dos Cadernos de Cultura, do Ministério da Educação, enfeixando uma série de capitulos do maior interêsse, todos versando sôbre poesia.

UM AUTOR:

GEORGES SIMENON



PODEMOS dizer que Georges Simenon, o escritor belga consagrado na França e hoje um nome mundial das letras contemporâneas — graças principalmente ao interêsse que à sua obra dedicou André Gide — restabeleceu a categoria literária do romance policial. O gênero que nascera em berço de ouro, graças ao gênio de Poe, o verdadeiro inventor do policial, fôra se degradando, depois de Conan Doyle e de Edgar Wallace, aos poucos se transformando em mero divertimento, não de sub literatura, mas fora da literatura. Coube a Simenon trabalhar o gênero com cuidados e extremos de escritor, assim repondo no seu lugar a história policial. A criação do personagem central de seus romances de mistério, o Inspetor Maigret, não obedeceu às simples exigências do gênero: êle compôs um tipo diretamente colhido na vida, cuidou-lhe dos detalhes e, a tal ponto que, recentemente, nos deu uma autobiografia de Maigret de desusado interêsse humano e literário. Além disso, os enredos que arquiteta, para as suas aventuras, seguem também a mesma linha, apoiam-se na realidade recriada, nessa super-realidade que é própria dos romances. Assim, seus livros policiais se lastreiam de valores literários e correspondem, dentro de um gênero, ao que se pode exigir de um escritor autêntico, capaz de fixar os movimentos e os caracteres de seu tempo, com suas misérias e suas angústias, com suas paixões e contingências, em simples histórias de mistério e de crime, o que não tem escapado à crítica atual a começar por Gide, quem assinalou e Simenon um lugar entre os grandes romancistas de nosso tempo.

UM LIVRO:

"A VIDA DE LIMA BARRETO"

Francisco de Assis Barbosa vem com êste livro resgatar uma grande dívida de nossa geração para com o escritor carioca, Lima Barreto. Foi de fato nos livros dêsse negro de gênio que nossa geração encontrou consôlo ao tempo de sua formação espiritual, quando se praticava uma literatura inexpressiva e vazia de conteúdo humano, de densidade dramática, distante da vida, artificial e decorativa, essa que levou à definição pechisbeque de «literatura, sorriso da sociedade». Situado em uma época em que, desaparecidos os mestres do romance da geração de fundadores da Academia, caíra o romance brasileiro em completa dissolução, a Lima Barreto coube trazer a grande contribuição, aquela que resistiria galhardamente ao tempo, pelo seu lastro de sofrimento real e de extrema intimidade com a vida e com o meio brasileiro, no espaço e no tempo. O que veio depois foi o movimento modernista, cuja iconoclastia não conseguiu arredar de um milímetro, de sua posição, o autor de «Isaías Caminha» que ficou sendo, mesmo, por seu interêsse nacional e por sua alta categoria, uma espécie de exemplo nobilíssimo para os moços de 22. O que vimos, assim, foi o crescente interêsse que Lima Barreto veio tendo para a nossa geração a que êle oferecia, continuando as nossas mais altas tradições, até o advento dos melhores romancistas da nova era, Jorge Amado, Graciliano, José Lins, Otávio de Faria, Cornélio Pena e outros.

Francisco de Assis Barbosa realizou um livro de grande mérito, biografando Lima Barreto e guardando de um perecimento ameaçador a documentação dessa vida proba e cheia de misérias que tanto explica a obra do romancista. Desenvolvendo um esfôrço incomum, o jornalista chumbado à sua banca e ao cotidiano, levou cinco anos coligindo o material que agora apresenta neste volume de quatrocentas e tantas páginas, do qual avulta a figura do escritor, no seu destino inóspito e na bela obra que é um dos maiores legados de nosso tempo. O livro de Assis Barbosa é cheio de ternura, por mais que o autor procure mascarar-se de impassibilidade objetiva. Os toques líricos com que fala em Lima demonstram o interêsse e a emoção do biógrafo por êsse raro exemplar de homem e de escritor, envolvendo em uma atmosfera cordial, afetuosa, as páginas desta bela e interessantíssima biografia, livro completo e indispensável, tanto ao conhecimento do romancista, como ao de seu meio e de sua época. — EDMUNDO LYS.

Calças de côr preta com blusão de estampado original em um fundo branco.

No estampado do blusão ao lado é êste lindo vestido, digno de fazer um verão.

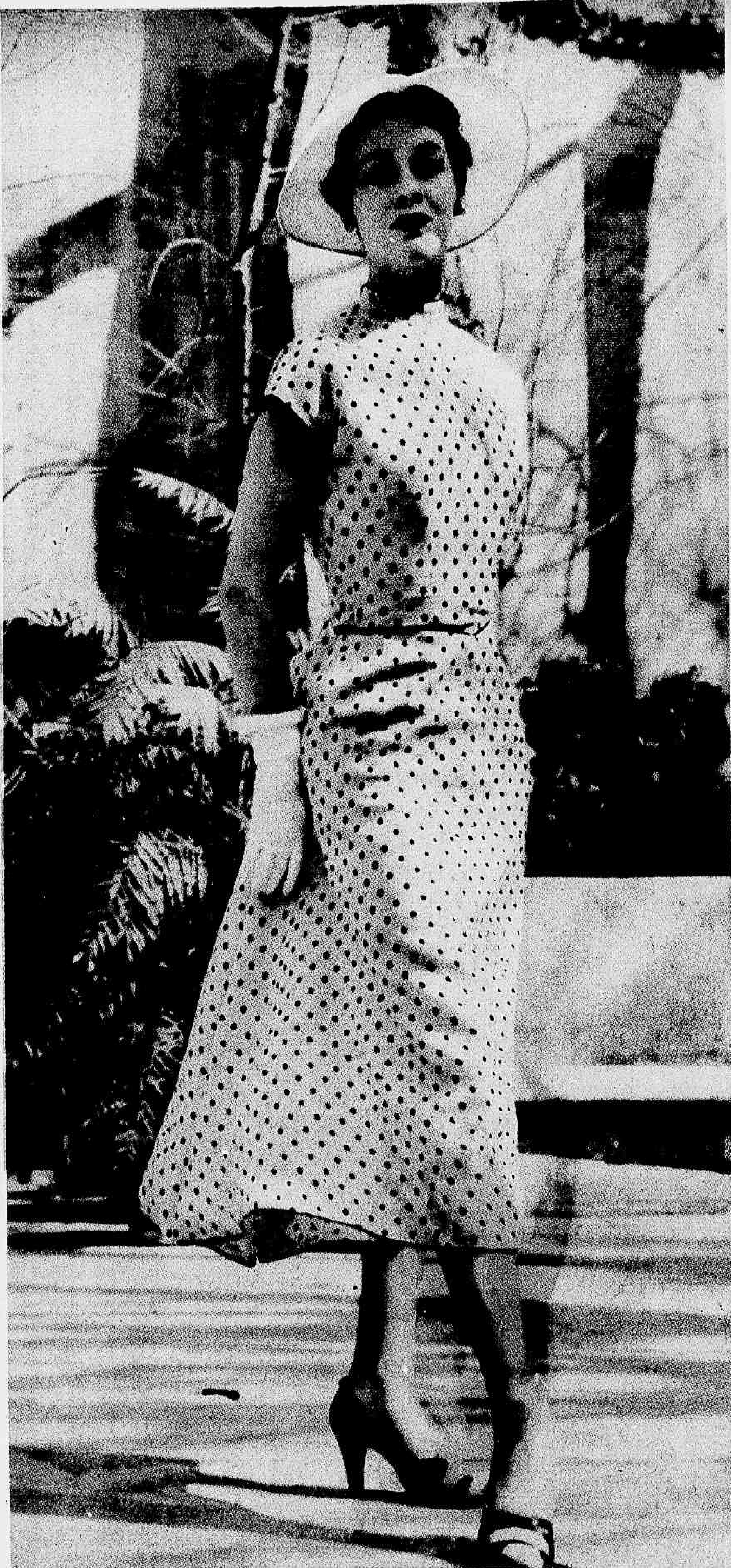




ESTAMPADO PRÊTO E BRANCO

com toques côr de laranja

Uma sugestão de Pirovano para o próximo verão

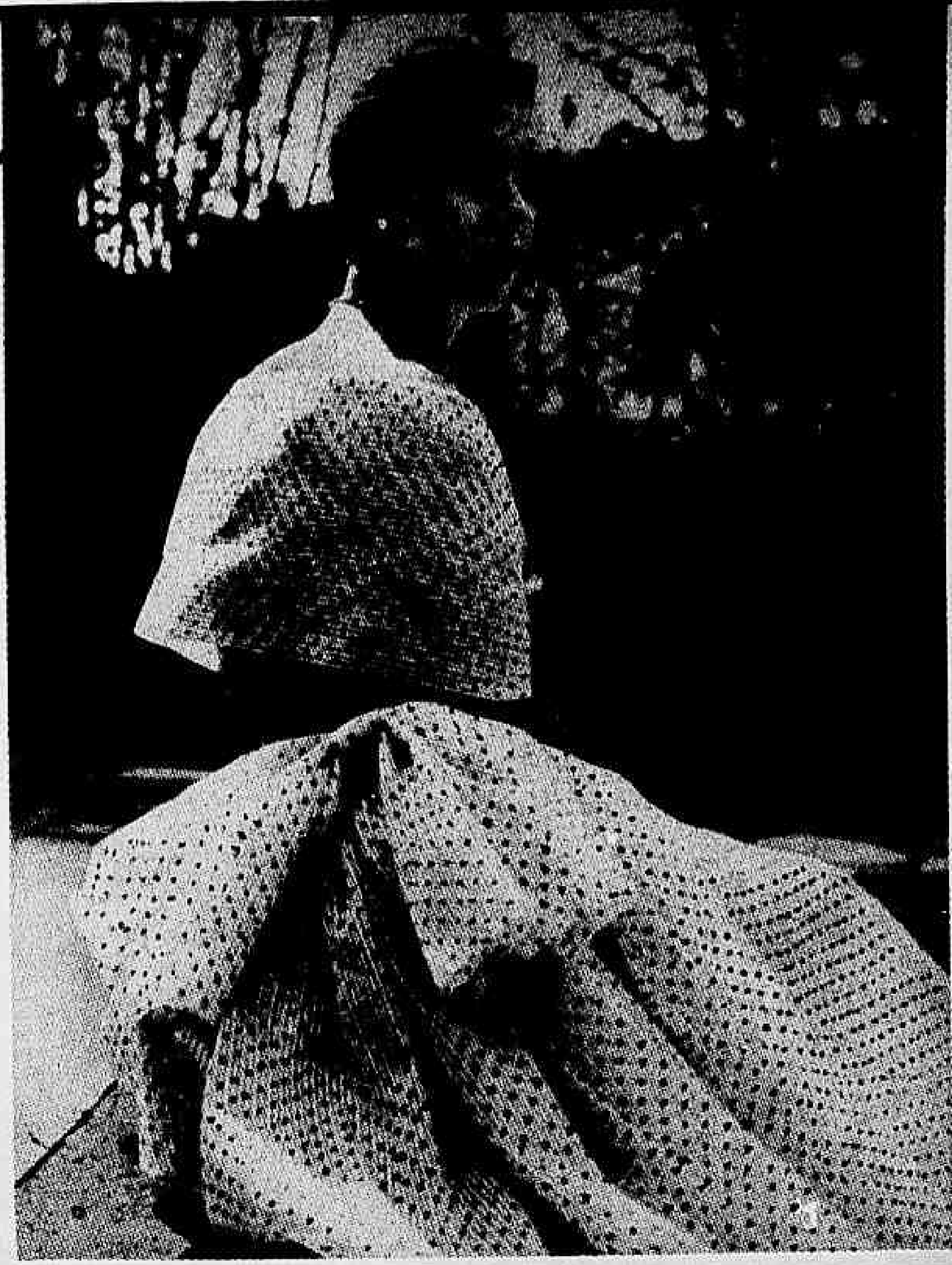




Modêlo de Tizzoni
em organza de pequenos "pois" pretos
grande laço na cintura
a gola que protege o decote
é prêsa apenas por um broche na frente
e pode ser tirada fàcilmente.

Para a noite

Da Itália nos veio
esta criação de Pirovano
em voile de sêda marfim com bolas pretas
o movimento do vestido
é todo nas costas
viezes de cetim prêto.







Linho branco

Vestido para muitas ocasiões, êste em linho branco bordado a mão, com festonados e "pois". Ficará lindo o bordado em linha preta.

Côr de mel

O vestido, em anarruga em tom de mel claro. O cinto, os sapatos e a bôlsa em couro natural. O chapéu em palha beige dourado.



dois modelos

A VIDA de NOEL ROSA

Contada por **ALMIRANTE**

CAPÍTULO III

O PAI DE NOEL ROSA, UM HOMEM DE VALOR ★ VIDA ATRIBULADA ★ FALÊNCIA E REABILITAÇÃO ★ NASCIMENTO DO COMPOSITOR ★ O IRMÃO DE NOEL ★ PRIMEIROS VERSOS ★ OS PEDALINHOS DE SEU ANÍBAL ★ SEU PROFESSOR DE VIOLÃO

NOEL Rosa nasceu no dia 11 de Dezembro de 1910, na Rua Teodoro da Silva, em Vila Isabel.

Por parte da sua mãe, descendia em linha direta de um médico português chamado Luís Corrêa d'Azevedo, miguelista ferrenho que, sob ameaça de ser deportado para a África, refugiou-se no Brasil, trazendo em sua companhia um filho de 5 anos, de nome Fortunato, que aqui cresceu, constituiu família e formou-se também em medicina. Um dos filhos de Fortunato chamou-se Eduardo. Nascido em Cantagalo, Estado do Rio, seguiu a carreira do pai, tornando-se médico ilustre, fazendo clínica brilhante em Juiz de Fora, onde se radicou. Eduardo Corrêa de Azevedo foi ainda fulgurante vocação para as letras, tendo deixado nome nos meios intelectuais mineiros. Colaborador assíduo de vários jornais, publicou então seus dois livros de versos — «Rimas sem arte» e «Catecismo».

De Juiz de Fora, Corrêa de Azevedo transferiu-se para o Rio, passando a residir no número 130 da Rua Teodoro da Silva (antes nº 30 e depois 392), casa que seu pai recebera de um amigo, como legado.

Três foram os filhos do grande poeta: Eduardo, médico ilustre e que gentilmente nos forneceu êstes dados; Carmen, que reside atualmente em Belo Horizonte; e Marta, já falecida, mãe de Noel Rosa.

O PAI

O pai de Noel chamava-se Manoel Garcia de Medeiros Rosa. Era natural de Leopoldina, Minas.

Filho único, aos 13 anos deixou sua cidade natal, rumando para Juiz de Fora, no propósito de ganhar a vida e promover o sustento de sua mãe, já viúva, pois que seu marido falecera um ano após o casamento.

De Juiz de Fora, veio êle para o Rio, onde contraiu a febre amarela, de que escapou, milagrosamente.



A MÃE DE NOEL ROSA. — dona Marta — que tão trágico fim teve, e seus dois queridos filhinhos: — Noel e Hélio. Fotografia tirada no Rio de Janeiro no ano de 1926.

Ocupando humildes empregos, conseguiu, entretanto, à fôrça de obstinação, matricular-se na Associação dos Empregados no Comércio, onde completou seu curso primário. Inteligente e dotado de invulgar disposição, aprendeu, sòzinho, a ler, a escrever e a falar, corretamente, o francês e o inglês.

Revelou, desde a infância, queda especial para as ciências dos números, chegando a estudar, também sòzinho, até mesmo a álgebra superior, levado por sua vocação inata de calculista exímio.

Mais tarde, trabalhou em casa comissária de café, na função de guarda-livros, até que se viu atraído para a gerência de certa camisaria então existente na Rua do Ouvidor, com a promessa de sociedade na firma, caso promovesse o equilíbrio das vacilantes finanças da organização. A sábia orientação que imprimiu aos negócios, salvou a casa da falência, mas a promessa de torná-lo sócio jamais foi cumprida.

Desgostoso, Medeiros Rosa, aliou-se a um antigo companheiro de comércio e empregou tôdas as suas economias fundando, na Rua Gonçalves Dias, um novo negócio de camisaria e roupas para homens, sob a firma Rodrigo, Medeiros & Cia. Era, porém, época ingrata para o comércio e o empreendimento fracassou, terminando em inevitável falência.

O esforçado homem prometeu a si mesmo limpar seu nome e resgatar integralmente tôdas as dívidas. Para isso, corajosamente, aceitou o sacrifício de afastar-se da espôsa e dos dois filhos menores — Noel e Hélio — indo prestar serviços, como agrimensor, em Araçatuba.

Cêrca de 8 anos viveu ali, segregado, trabalhando sem descanso, economizando ao sacrifício. Mas quando reapareceu nesta Capital, vitoriosamente, saldou até o último débito reabilitando seu nome honrado.

Não descansou ainda, porém. Pagas tôdas as contas, ficou, novamente sem um tostão. E viu-se forçado a voltar, mais uma vez, ao interior paulista, agora no intuito de reunir pecúlio a fim de promover o bem-estar dos seus. Infeliz dessa vez, adquiriu o impaludismo, em forma grave, o que o obrigou a recolher-se, quase inativo, à casa de seu cunhado, Dr. Eduardo Corrêa de Azevedo, na cidade de Jaú, de onde, mais tarde, retornou ao Rio. Graças à sua admirável competência, apesar de não ter realizado nenhum curso superior, a Manoel de Medeiros Rosa, em sua atividade de agrônomo, eram confiadas missões das mais difíceis e árduas. Como prova de sua operosidade nos ínvios sertões paulistas, resta o seu nome na estrada que abriu, ligando Luçanvira à barranca do

A VIDA DE NOEL ROSA contada por ALMIRANTE

Rio Paraná, na divisa de São Paulo e Mato Grosso e que até hoje é conhecida como a Estrada do Garcia. Longe estarão de imaginar os que ali transitam que aquêle Garcia que dá nome à estrada foi o pai do maior compositor popular do Brasil.

BRINQUEDO AQUÁTICO ★ TAMANCO LUMINOSO...

De volta a esta Capital, Manoel de Medeiros Rosa associou-se a um português, de nome Aníbal, que inventara interessante tipo de brinquedo aquático, um flutuante com pedais, precursor, sem dúvida, dos chamados «pedalinhos», tão populares, anos depois, nos lagos dos nossos parques e na Lagoa Rodrigo de Freitas. A indústria, em pleno andamento, e à qual Medeiros Rosa fornecera as migalhas econômicas que trouxera do interior, foi sustada por não lhe ter sido concedida a necessária patente, sob o pretexto de que, em Miami, já fôra registrado invento semelhante.

Eu ainda cheguei a ver tal aparelho.

Aí por 1929, num domingo, de tarde, quando o Bando de Tangarás realizava um de seus ensaios na residência de João de Barro, Noel foi ali procurado por seu pai. Desejava sua intervenção junto a Jerônimo Braga, pai de João de Barro e então diretor da Fábrica Confiança Industrial, a fim de que êle permitisse uma experiência no açude da fábrica e cedesse, para a mesma, o seu motor ajustável de barco de pesca.

Dada a licença, momentos depois, nossa atenção foi chamada para uma enorme algazarra que vinha da Rua Souza Franco. Interrompemos o ensaio e fomos verificar o que acontecia. Era um espetáculo divertido: um grupo enorme de garotos trazia, em charola, uma almanjarra exótica, formada por 3 imensos charutos de madeira impermeável ou de cortiça, mantidos em forma triangular por meio de hastes de ferro. Na parte superior, um assento destinado a seu único tripulante. Sim, porque aquilo era um aparelho aquático. Era o invento de «seu» Aníbal.

Postos n'água, com o motor aixado à ré, os charutos flutuavam, deslisando, obedientes aos movimentos do leme manejado pelo pilôto. O aparelho não possuía ainda os pedais, que seriam a única superioridade do invento.

Até mesmo os moleques das ruas, que enchiam as bordas do açude, divertidos com a exibição, perceberam, sem demora a puerilidade dos charutos aquáticos, e a demonstração decorreu entre piadas e chufas...

Como se tratasse de iniciativa sem a menor originalidade, pois que, naquela altura, flutuantes do mesmo tipo já eram comuníssimos nos hidro-aviões, começaram a surgir, nas rodinhas dos cafés do Boulevard, conhecedoras do caso, piadas gaiatas sôbre as descobertas de «seu» Aníbal, sócio do pai de Noel. Entre as utilidades que inventara — diziam — estavam a **máquina de fazer o vinco nas meias** e os **tamancos luminosos para que os maridos retardatários entrassem em casa, altas horas, em silêncio**...

DUAS TRAGÉDIAS

Por aquêle tempo, Manoel de Medeiros Rosa era funcionário interino da Prefeitura, exercendo suas funções em São Diogo, classificado sob a designação humilde, se bem que «pró-forma», de magarefe. Desempenhava, entretanto, cargo à altura de sua capacidade, tendo sido voz influente nas célebres questões do tabelamento do cafèzinho que, em princípios de 1931, provocava distúrbios pela cidade, com o fechamento de tôdas as casas do gênero, ameaçadas de cobrar 100 réis por aquilo que antes custava o dôbro.

Anos depois, esgotado por incontáveis fadigas, Medeiros Rosa baqueou. Passava dos 50 anos e começou a dar sinais da anormalidade que ia na sua mente. Andava prêsa de extrema mansidão que se refletia nos seus gestos, na sua quietude no falar. Mal se percebiam as palavras que dizia e que êle cercava de tons e olhares misteriosos. Fôra-se também para sempre aquela prodigiosa memória que o fazia repetir, integralmente, trechos de livros, artigos de jornais, poesias inteiras, que lera uma única vez, anos atrás...



O GAROTINHO NOEL, nesse tempo, não precisaria perguntar «Com que roupa eu vou?». A roupa era de marinheirinho e êle tinha 3 ou 4 anos...

Acabou recolhido numa casa de saúde, na Gávea, onde foi encontrado, em 1936, morto, debaixo da própria cama, enforcado com os próprios lençóis...

Determinismo, talvez.

Sua mãe, D. Bela, também se suicidara, aos 64 anos de idade, no quintal da casa em que residia, à Rua Teodoro da Silva, então 195.

IMPERICIA MÉDICA

No dia 11 de Dezembro de 1910, a pequena casinha da Rua Teodoro da Silva, 130, andava em rebolico. D. Marta sofria, nas aflições do primeiro parto. Seu médico assistente, Dr. José Rodrigues da Graça Melo, velho amigo da família, tinha a seu cargo uma parturiente «mignon», casada com um homenzarrão de quase dois metros de altura.

Tudo, porém, correu bem, mesmo tendo sido o menino extraído a **forceps**.

Nada se lhe notava de anormal, a não ser ligeira paralisia facial do lado direito, atribuída à compressão de nervo, anomalia que, aliás, se esperava cedesse ao fim de pouco tempo.

Passaram-se os dias, os meses, os anos e Noel conservava quase imobilizado seu maxilar inferior. Aos 6 anos, o mal era agravado pelo desvio do queixo que a idade acentuava. Foi tentada, então, a primeira operação visando corrigir o defeito. A bisonha ortopedia do tempo não encontrou solução para o caso e mais seis anos se passaram até que nova tentativa se levasse a efeito. Já, então, a consolidação da fratura era absoluta e de nada valeram os esforços dos bondosos pais.

E Noel, por isso, atravessou sua existência sob a pressão do estigma que tanto o magoava, especialmente depois que impiedosos companheiros de colégio passaram a qualificá-lo pelo apelido de «Queixinho».

MÃE E PROFESSÔRA

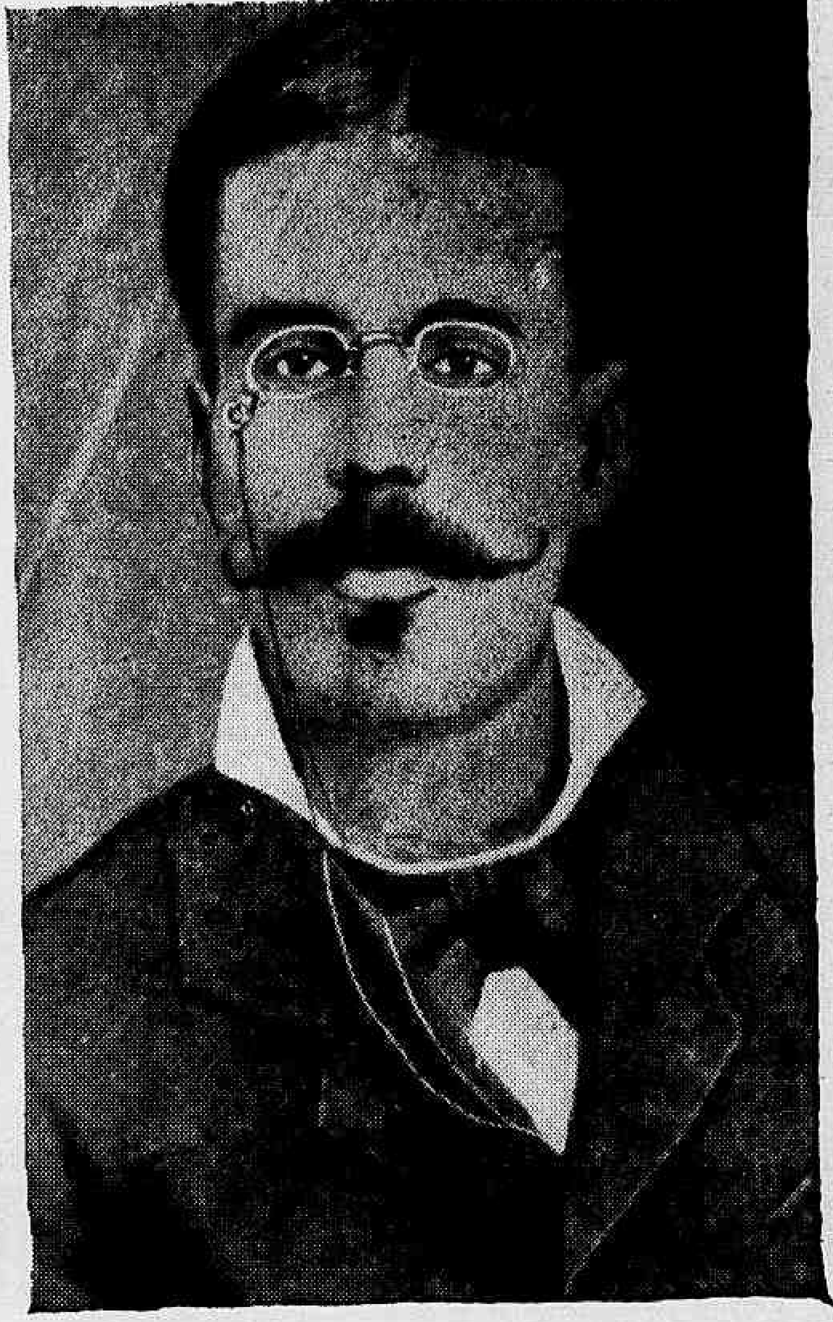
As primeiras letras, Noel recebeu de D. Marta, no colégio mantido por ela em sua própria residência e fundado por sua mãe D. Rita de Cassia Corrêa de Azevedo.



O PAI DE NOEL — Manoel Garcia de Medeiros Rosa. Mineiro, de Leopoldina. Viveu em Juiz de Fora. Depois veio para o Rio, onde Noel nasceu.



DONA MARTA DE MEDEIROS ROSA, a mãe de Noel, era professôra e foi a primeira que êle teve, aprendendo com ela as primeiras letras.



VOVÔ EDUARDO — Eduardo Corrêa de Azevedo, o avô de Noel, era médico, mas a medicina não lhe estancava a inspiração. Era poeta.

Aos 7 anos, o menino ingressou no Colégio Maisonette e a 28 de Dezembro de 1923 efetuava sua matrícula, sob o nº 175, no Colégio São Bento, onde permaneceu até o quinto ano, que cursou em 1928.

Em fins de 1930, para seguir, decerto, a tradição da família, entrou com seu pedido de matrícula na Escola de Medicina, cujas aulas freqüentou por dois anos — 1931 e 1932.

PROGNÓSTICOS QUE FALHAM

Será, talvez, um tanto forte dizer-se que Noel **freqüentou** as aulas da Escola de Medicina, e disto falaremos um pouco adiante. Aliás, Noel, segundo o depoimento de seus parentes mais chegados, jamais foi bom aluno em qualquer colégio que cursou.

Bom aluno, na expressão da palavra, foi seu único irmão, Hélio, quatro anos mais moço do que êle, nascido a 29 de Dezembro de 1914.

Desde cedo, Hélio votou-se inteiramente aos estudos. Era dotado de positiva inclinação poética, tendo, desde a mais tenra idade, a clara noção do ritmo. Os parentes guardaram a expressiva quadrinha com que êle, aos quatro anos, numa aula do jardim da infância dada pela própria Dona Marta, aludia a uma colega, de nome Sílvia, que praticara qualquer êrro:

Muitas vêzes acontece,
Como a Sílvia, agora, disse
Muitas vêzes acontece,
Não dizer senão tolice...

Com 8 anos, Hélio, como que seguindo o exemplo de seu pai, aprendera, sòzinho, inglês, escrevendo então a seu tio Eduardo curiosos bilhetes naquele idioma.

Tamanha precocidade levava sua avó, D. Rita, a exclamar, inúmeras vêzes, entusiasmada:

— Êsse Hélio é uma capacidade! E' um Rui Barbosa!

E, sem poder alcançar as reviravoltas do destino, vaticinava:

Não deixem demolir esta casa. Um dia, ainda colocarão aqui uma placa com êstes dizeres: «Aqui nasceu o grande Hélio Rosa!»

Longe estava a boa senhora de prever que, antes do irmão, Noel se projetaria como figura famosa de compositor popular e que a modesta vivenda iria ostentar, não a placa de glorificação, mas a de anúncio prosaico de construtor e arquiteto encarregado de substituir por moderno arranha-céu a casa que viu nascer o filósofo do samba...

Não era de estranhar que os rebentos daquele casal se revelassem com queda para a poesia, desde cedo. Descendiam de renomado poeta e, manifestar pensamentos com métrica e rima, seria pura obra de atavismo. Os primeiros versos de Noel, escritos na meninice, se bem que ingênuos e imperfeitos, parecem ditados pelo sofrimento que o acompanhou, passo a passo, pela existência a fora. Estranhos versos para um garôto de sua idade:

DESILUSÃO

Quando começou
A nossa amizade,
Eu só te pedia
Sinceridade.

Poderás te esquecer
Do meu sofrer;
P'ra fugir ao tormento,
Eu prefiro morrer.

Agora, tudo desfeito
Pela tua ingratidão,
Sòmente guardo no peito
Mais uma desilusão.

Se meu padecer
Te trouxer venturas,
Serei venturoso
Entre amarguras.

O PAI, A MÚSICA E O VIOLÃO

Em sua juventude, Manuel de Medeiros Rosa fôra excelente acompanhador de violão. Nunca estudou, mas sempre revelou intuição e gôsto pela música. Tinha sido amigo íntimo de Mário Pinheiro, voz fenomenal que surpreendeu a quantos acompanharam sua extraordinária trajetória, pois que, classificada, inicialmente como de tenor, transmudou-se literalmente a ponto de permitir a seu dono exibir-se, com retumbante sucesso, no prólogo do «Mefistófeles», bem como participar da inauguração do Teatro Municipal, encarnando o «Tapir», da ópera «Moema».

Com Mário Pinheiro, o pai de Noel se entregava a serenatas, não só acompanhando-o ao violão, como também cantando, êle mesmo, com sua afinada voz de tenor, as mais populares modinhas do seu tempo.

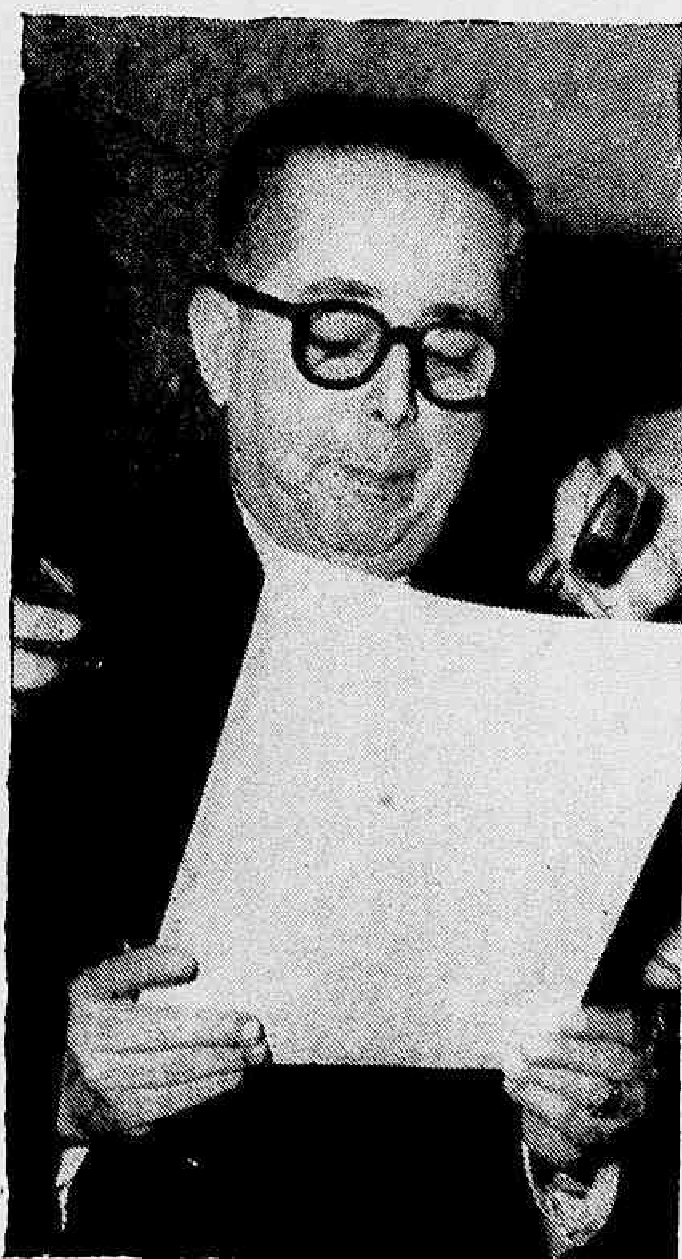
Foi êle quem incutiu nos filhos o gôsto pela música e pelo violão.

A SEGUIR — CAPÍTULO IV

O «Na Pavuna» dá origem a outros sambas — Começa Noel a defender a Vila — Como nasceu o «Com que roupa...» — O Hino Nacional em perigo... — O amor de Noel aos subúrbios — Latas de goiabada, querosene e outras, transformadas em instrumentos musicais.

NO BANCO DO BRASIL

FLAGRANTES apanhados no dia 14 do mês próximo passado, nesta capital, por ocasião da posse do sr. Francisco Vieira de Alencar, no cargo de Superintendente do Banco do Brasil, acontecimento que contou com a presença de tôda a Diretoria da organização, funcionários, elementos do nosso alto mundo financeiro e da imprensa. Na foto ao alto, vê-se o sr. Ricardo Jafet tendo à sua esquerda o sr. Ayres Montenegro, ex-Superintendente, que acaba de ser escolhido para chefiar a Comissão de Reforma do Banco e, à direita, o novo Superintendente. Ao centro o sr. Vieira de Alencar falando e, em baixo, parte da assistência que superlotou o salão onde se verificou a solenidade.





C O N V E R S A   D E   M U L H E R

RECORDAÇÃO DE UMA NOITE

FOI há muito tempo. Pouca gente e muita animação. Na confortável sala, Alba e Guilherme de Figueiredo recebiam um pequeno grupo de amigos. Entre os presentes, Clô Pereira Prado, Mira e Carlos Perry, Jesse e Silveira Sampaio, Murilo Reis, Carlos Thiré. Assunto dominante: subconsciente e psica-nálise. Pontificava Clô, muito justamente, pois havia feito um curso sério d quatro anos de psicanálise e recebido diploma, registrado em Londres, que é capital da «linha justa» freudiana. Inteligente, graciosa, sempre e cada vez mai bela, Clô contava casos de interpretações, prendendo a atenção geral, enquant esta cronista se punha a aquilatar das próprias possibilidades como candidat a psicanalista, pelas conclusões tiradas da observação da freqüência do em-prêgo de certos símbolos pela dissertante e pelo abuso que fazia da palavr «compulsivamente». A autoridade de Clô ia se evidenciando e um e outro s animavam a fazer consultas, impressionados ou curiosos. — Agora, no entanto ando afastada da psicanálise e muito absorvida pela peça que estou escrevendo — sorriu Clô, ajeitando o vestido sem alças que a envolvia estreitamente at abaixo dos ombros. Lindo vestido, «estilo cache-pot», explicara antes, desabro-chando no busto mas com um ajustamento interno conveniente, onde havian sido acamadas flores.

● Guilherme, auxiliado pelo eficiente «maitre» Thiré, renovava bebidas. E alguém recordou:

— Vocês se lembram daquela nossa volta da casa do Cavalcanti, depois de tanto champagne? De repente, o automóvel desviou-se de um caminhão enorme e se chocou com o que me pareceu, através da vidraça do carro, um burro de vinte andares. Não sei como não morremos todos... só morreu o pobre burro. Cheguei em casa com o vestido cheio de sangue do animal e com o precioso chapéu do Thiré (precioso para êle, que gosta de esconder a careca cheia de «it»). Mas a in-fluência da bebida me deixara infens ao clima de tragédia e eu me sentic isso sim, em invejável euforia, apesa de tudo. Achei a atitude tão notáve que para fazer face por algum tempo pelo menos, aos imprevistos dessa noss perigosa vida, passei uma semana « «champagne».

(Lembramo-nos do amigo, a quem ha-víamos perguntando: «Que tinha voc ontem, quando telefonou? Bebeu tant assim?». — «Qual», respondera êle «você bem sabe que nem sempre pre-ciso beber para ficar bêbado...»)

● **Para certas pessoas o «champagne» não é o melhor agente de exaltação, ne o melhor comandante de tropa de choque de fôro íntimo contra os embates d vida. E aquela que fizera a experiência de passar uma semana sob os eflúvio da incomparável bebida bem o sabia, já que havia confessado a sua hones-tidade intelectual — a mais rara — pois é uma das criaturas que conhecemo mais conscientemente munida de recursos espirituais e outros para enfrenta as complicações da existência.** — ISOLETTE

R O T I N A   D E   B E L E Z A

DEIXE SUA PELE RESPIRAR

A nudez foi o estado inicial do homem, abandonado para satisfazer contin-gências sociais e também para defesa contra temperaturas excessivas. Entre-tanto, os poros de nossa pele continuam feitos para respirar, e as roupas qu usamos privam nossa epiderme de tôda energia vital. O exagêro de agasalh é nocivo, provoca transpiração exagerada e pode ser responsável pela acumulaçã de gorduras na derme e provocar mesmo a acne, que se localiza tão fàcilment nos ombros e nas costas como no rosto. A pele necessita de respirar, é precis vitalizá-la à luz, ao ar e ao sol. O nudismo dá ao organismo os meios de luta contra a velhice e mesmo contra certos desequilíbrios fisiológicos e psicológicos; o princípio do nudismo é fornecer o meio de reagir contra os ataques do exterior. Depois do nascimento, a criança passa de uma temperatura sempre igual a outra mais baixa e variável. Para preservá-la do frio, ela é enrolada em panos; sua circulação pouco a pouco se habitua às novas condições, esfriará ou es-quentará a pele de acôrdo com o grau da temperatura exterior; essa adaptação progressiva se faz pelas influências do mundo exterior, que ativarão o mecanismo da regulação térmica; pouco a pouco pode-se permitir que sua pele reaja melhor pela supressão das cobertas, evitando apenas as variações meio bruscas.

● As crianças que vivem ao ar-livre, tratadas sem cuidados malsãos, são muito mais resistentes do que as crianças criadas «no algodão em rama». Da mesma maneira, o adulto que se habituou a usar roupa demais deverá aos poucos ir suprimindo o excesso de agasalhos, a fim de se tornar mais resistente às variações de temperatura. O quase-nudismo ativará sua circulação e pigmentará sua pele, concorrendo por conseguinte para robustecer seu organismo — poderá assim afrontar extremos de temperatura aos quais não podia antes se expor sem apanhar um resfriado ou uma congestão. O nudismo tem um duplo efeito moral e estético. Uma mulher (como um homem) nua ou quase, tomará consciência de suas imperfeições e tratará de corrigi-las. Se fôr gorda, controlará sua gulodice, seguirá um regime alimentar que lhe será benéfico à saúde. Para muitas o temor da gordura é o começo da beleza. Muitas vêzes também a preguiça terá que ser vencida, livrando da inatividade que pode ser causa de um desequilíbrio moral e portanto físico. Muitos não sabem que o nudismo é uma espécie de sistema filosófico que os adeptos chamam de ginosofia. Os ginósofos tratam de se porem a nu moral e fìsicamente, banindo o inestético dos pontos-de-vista moral e físico e proscrevendo a feiúra de seus domínios.

● **Mesmo sem ser ginósofa nem nudista integral, sempre que possível, ainda que no interior do apartamento, exponha o mais possível sua pele ao ar, à luz, ao sol. Em alguns casos o sol direto é contra-indicado, mas a sombra num exterior ensolarado não o é nunca. A sombra das árvores, que deixa filtrar um pouco de sol, é preferível à sombra das paredes. Tenha a coragem de procurar o local apropriado para usar apenas um minúsculo «bikini» e um estreito corpinho, com a cautela de ter perto um abrigo para um caso de mudança inesperada de temperatura. Tome banhos de ar, respire profundamente, areje o corpo. A pigmentação de sua pele tecerá o mais saudável vestido com que poderá contar para o inverno. Eis uma garantia de saúde e beleza que, pelos tempos que correm, é das menos dispendiosas.**

ARABELLE *a ultima sereia*

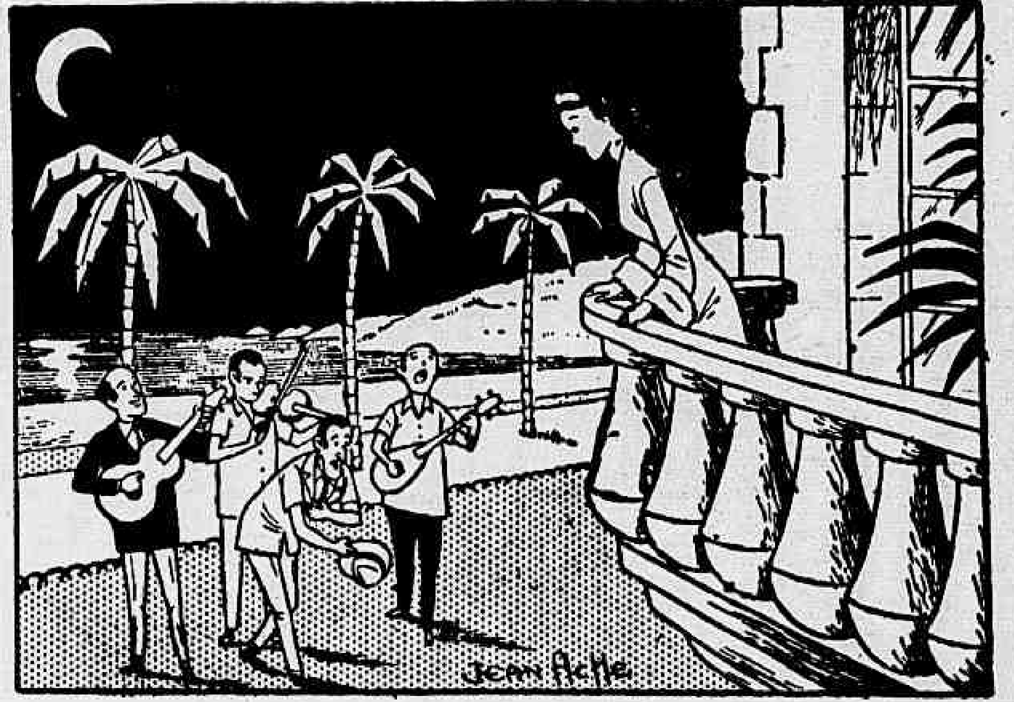
Por VANIA LAUREZ ★ Desenhos de JEAN ACHE






10 O tal desconhecido se mostrou muito interessado em Arabelle, e não se cansava de olhar para ela. A Sereia também se animou para o lado daquele desconhecido, e lhe sorriu amàvelmente. Arabelle se dirigiu para o mar e então começou a nadar. O desconhecido não a perdia de vista, acompanhando-a em todos os seus movimentos, auxiliado que estava por poderoso binóculo. A jovem estava contente por ter despertado as simpatias de um homem que lhe parecia de fina estirpe. Depois do banho e de ter ficado na praia durante várias horas, sob os beijos cariciosos de um sol de verão, dirigiu-se para o hotel em que se hospedara. À noite Arabelle não pôde conciliar o sono. Aquêle cavalheiro não lhe saía do pensamento. Ela o amava e era amada.



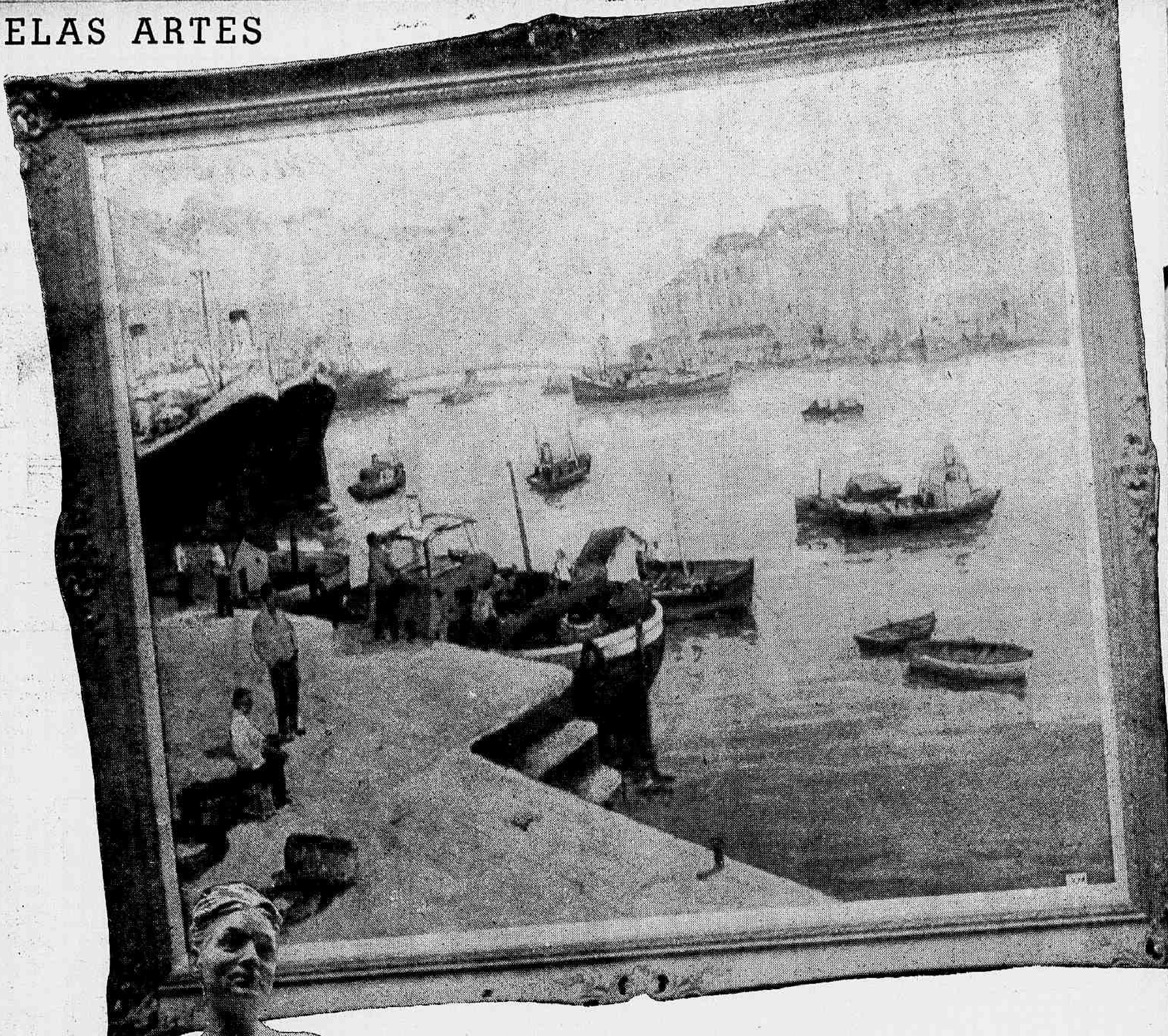


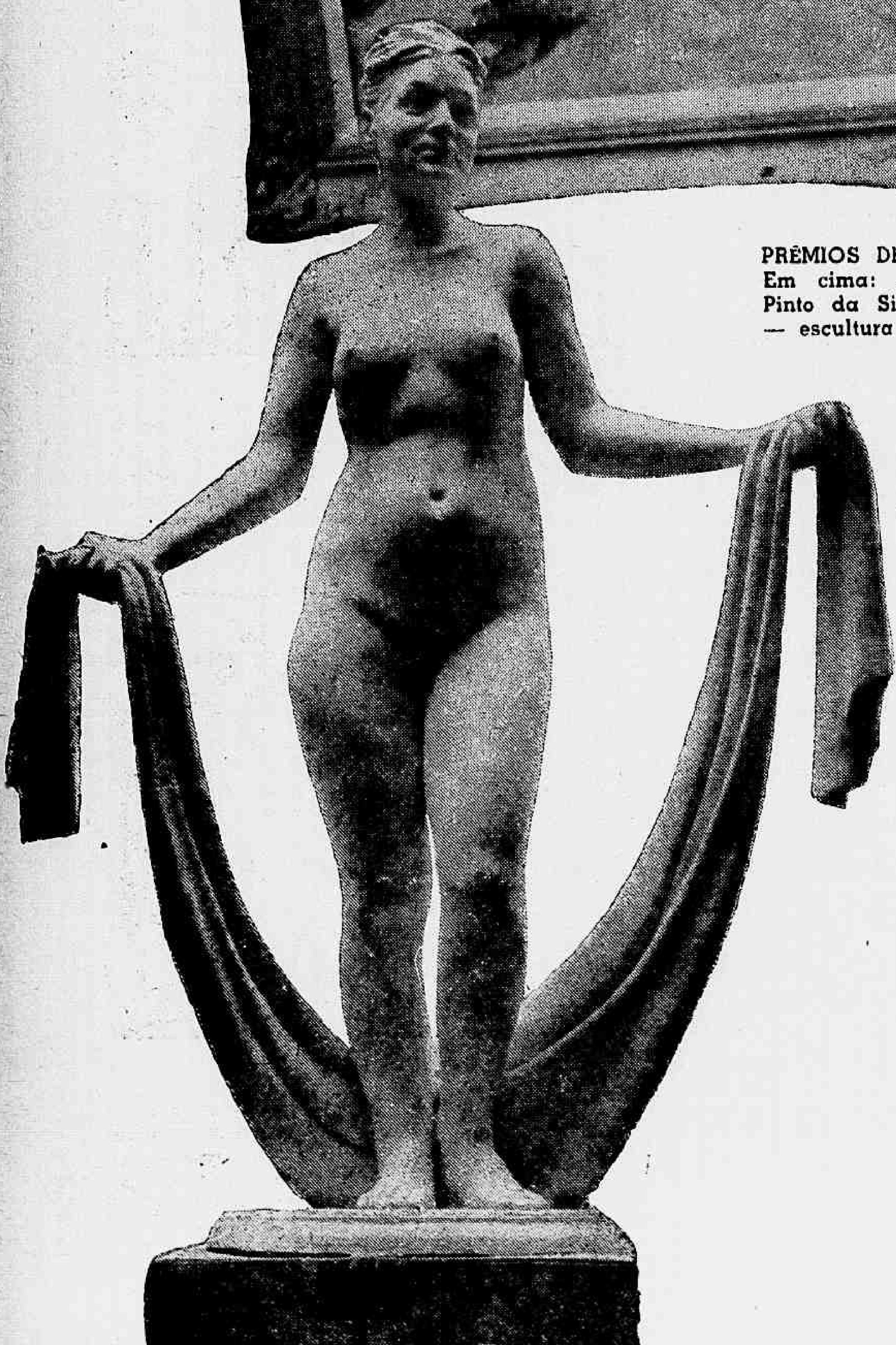
11 Mas, inesperadamente, ela ouviu bem perto da janela de seus aposentos os saudosos acordes de violinos, guitarras e violões. Uma serenata! Quanta poesia! Levantou-se da cama e chegou até a janela. Afastando a cortina, Arabelle reconheceu entre os seresteiros aquêle desconhecido que a havia encantado com seus olhares insistentes. Um dos serenatistas cantava uma linda canção. A jovem caminhou para o balcão de seu apartamento e sorriu amàvelmente para os apreciadores da poesia. Verificou então que era êle mesmo. Era o seu amado da praia que ali estava. Logo que a viu, o rapaz tirou o chapéu e lhe fêz longa e respeitosa reverência. Arabelle estava realmente encantada. «Que homem galante!» — murmurou ela, enquanto as harmonias se espalhavam.






12 No dia seguinte, ao tomar seu banho, Arabelle, no auge de sua felicidade, iluminada de alegria íntima, não pôde evitar de cantar aquelas árias melodiosas que, antigamente, atraiam os marujos em alto mar. Ela cantava com a sua voz irresistível de Sereia. Num dos aposentos vizinhos, um cidadão idoso fazia a sua barba matinal, quando começou a ouvir o maravilhoso canto de Arabelle. Perturbado pelas delícias daquela harmonia inebriante, o velhote saíu, como que hipnotizado, dirigindo-se ainda de camisolão e pincel ensaboado, na direção daqueles sons misteriosos... No mesmo instante, em outro quarto contíguo, a espôsa alarmada perguntava a outro hóspede, seu marido: «Ernesto, que está fazendo! Para onde vai você com êsses trajes?»





PRÊMIOS DE VIAGEM AO ESTRANGEIRO — Em cima: — VIAGEM — Óleo de Sílvio Pinto da Silva. Em baixo: — AINDA BELA — escultura de Luiz Bartholomeu Paes Leme

O SALÃO DE 1952

EM EXECUÇÃO O NOVO REGULAMENTO ★ EXPÕEM OS ACADÊMICOS ★ DOIS PRÊMIOS DE VIAGEM AO ESTRANGEIRO ★ REDUZIDA A COMISSÃO DE JÚRI ★ MENOR NÚMERO DE MEDALHAS DISTRIBUIDAS ★ AS PREMIAÇÕES

Texto de ALBERTO LIMA

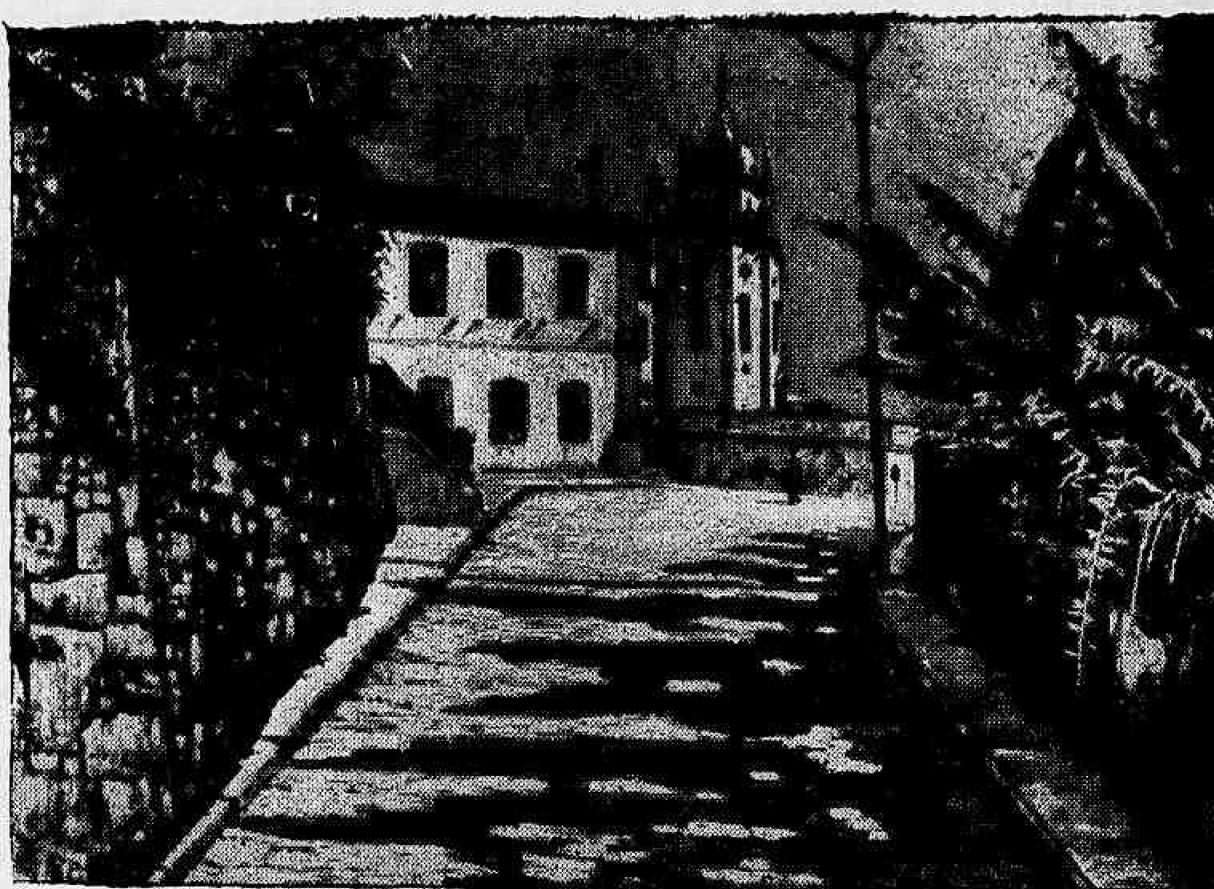
CONSTITUIU, como sempre, magnífico espetáculo, vibrante de beleza multicor, o Salão Nacional de Belas Artes de 1952.

Regulado seu funcionamento por nova lei parlamentar, sancionada pelo Presidente da República, teve o Salão de 1952 uma série de modificações em sua estrutura, há muito necessárias. A primeira foi a separação de suas divisões: a Divisão Geral e a Divisão Moderna. Com essa esperada medida, muito lucrou a maioria do público, que não mais terá obrigação de apre-ciar obras de difícil interpretação intercaladas com os trabalhos só-lidos de desenho e ricos de colo-rido, tal como nos salões apresen-tados desde o começo da Repú-blica até poucos anos passados. Volta, assim, o Salão Nacional de Belas Artes aos tempos áureos dos grandes mestres da pintura bra-sileira, que deixaram seus nomes gravados nos anais das Artes Plás-ticas.

A criação de mais um prêmio



VISTA ALEGRE — Óleo de Jurandir Paes Leme.



GLÓRIA DO OUTEIRO — Óleo de Lobragil Gomes Carôllo.

de viagem ao estrangeiro veio proporcionar aos nossos artistas plásticos maiores oportunidades que aumentarão, por certo, o estímulo tão necessário àqueles que, com amor e dedicação, vêm há vários anos concorrendo a tão visado laurel, cujo valor material, atualmente, está muito aquém do custo da vida nos países da velha Europa, sempre nova de motivos pictóricos.

Com a redução do número de membros do Júri, parece-nos que se tornou mais fácil a tarefa de seleção e premiação dos trabalhos apresentados.

O escultor Paulo Mazzucchelli e os pintores Jordão de Oliveira e Chlau Daveza, que constituíram a Comissão de Júri de seleção e premiação, dêste ano, a nosso ver, lutaram com muita falta de espaço, pelo que se depreende do grande número de trabalhos rejeitados, muitos dêles dignos de figurarem no certame oficial, conforme pudemos verificar na Primeira Exposição Livre de Belas Artes, organizada com trabalhos rejeitados do Salão oficial, reunidos na sede do Automóvel Clube do Brasil, dos quais destacamos, por exemplo, o quadro intitulado: «Rixa Gaúcha», de autoria do jovem pintor gaúcho Frederico Scheaffer.

A falta de espaço acentuou-se, ainda mais, como tivemos ocasião de constatar, na colocação de ótimos quadros, completamente prejudicados pela altura em que foram fixados, como, por exemplo: «Barracão Azul», do marinhista B. Pinto; «Águas de Canaã», do prof. Levino Fanzeres, e muitos outros.

Êste ano, concorreram aos prêmios de viagem ao estrangeiro 36 expositores, tendo o elemento feminino contribuído com apreciado contingente de artistas, tôdas possuidoras de medalhas de prata, e que são as sete seguintes: — Edith de Aguiar Thiel, Lully de Carvalho, Maria Luiza Staffa, Maria Luiza de Matos, Olga Mery, Celeste Aída do Nascimento e Hilda Borges Curty. Tôdas concorreram com trabalhos à altura do prêmio de viagem.

Reunido o Júri, foi proclamado o seguinte resultado: Sílvio Pinto da Silva e Luiz Bartolomeu Paes Leme, prêmios de viagem ao estrangeiro.

As demais premiações ficaram assim distribuídas:

SEÇÃO DE PINTURA — Medalha



LENDA DO MAR — Óleo de Edgard Walter Simons.

A SAÚDE DO BEBÊ

Predisposição à morte súbita na Criança

DR. SABÓIA RIBEIRO

● A morte súbita da criança ocorre às vêzes em circunstâncias verdadeiramente estonteantes. Não se trata de casos em que o menino já estava doente, e uma complicação mortal adveio de um momento para outro. Na difteria, por exemplo (e quantas vêzes um resfriado, na criança, sôbre uma difteria!), em plena convalescença, se pode verificar a parada do coração, de maneira imprevista!

Uma bronquite capilar pode também desfechar mal, por uma complicação de peritonite, de evolução fulminante. Os próprios transtornos da esfera gastro-intestinal, tão comuns na infância, devido a efeitos puramente tóxicos, podem, por sua vez, dar causa a uma pericardite logo mortal.

E não é raridade que os traumas obstétricos determinem uma meningite, com a morte do menino em instantes. Em todos êsses casos, pela autópsia, pode-se constatar a causa da morte. E, aliás, o estado de doença anterior, ou a afecção antes existente, serve de explicação à mesma, por êsse ou aquêle mecanismo.

Entretanto, a morte súbita de que tratamos neste momento, não tem essas origens, senão que ocorreu de maneira inteiramente imprevista.

Um estudo mais profundo dêsses casos permite ao médico precisar as causas dessa predisposição da criança à morte súbita. É entre as crianças, portadoras de um estado particular, nuns casos a chamada **diatese espasmofílica**, noutros o estado **timo-linfático**, que mais se observa a predisposição referida. Sôbre êsse terreno constitucional (mas a que às vêzes levam certas perturbações do seu **intercâmbio** nutritivo, como na **espasmofilia**), enxerta-se o acidente mortal não esperado.

● Na diatese espasmofílica, **observa-se uma excitabilidade nervosa que, às vêzes, dá lugar a certas manifestações como o** espasmo da glote e **tendências às** convulsões, **generalizadas ou simplesmente restritas a certas partes (geralmente pés e mãos). No** espasmo da glote, **a criança entra em asfixia, seguida logo de palor da face, contração do ângulo da bôca e dos olhos. As convulsões consistem em contrações clônicas e tônicas (abalos e rigidez do corpo), durante as mesmas, surpreendendo a criança em seu aparente estado de saúde.**

Em muitas crianças neuropáticas está o terreno sôbre o qual se desenrolam as manifestações já aludidas.

É entre as crianças no seu primeiro período de vida que mais costumam sobrevir êsses acidentes. Um sinal que pode evidenciar um estado de espasmofilia desconhecido é a referência ao chamado estridor laringeu. Consiste no seguinte: Diante de uma excitação mínima, e às vêzes até espontâneamente, no próprio sono, ao rir, ou chorar, ou ainda ao mamar em decúbito lateral, ou com glutoneria; enfim, num momento de afrontamento ou irritação, a criança emite um ruído particular da garganta, parecendo o cacarejo dos galináceos. As provas de investigação médica revelam uma super-excitabilidade galvânica, às vêzes abaixo de 5 miliamperes.

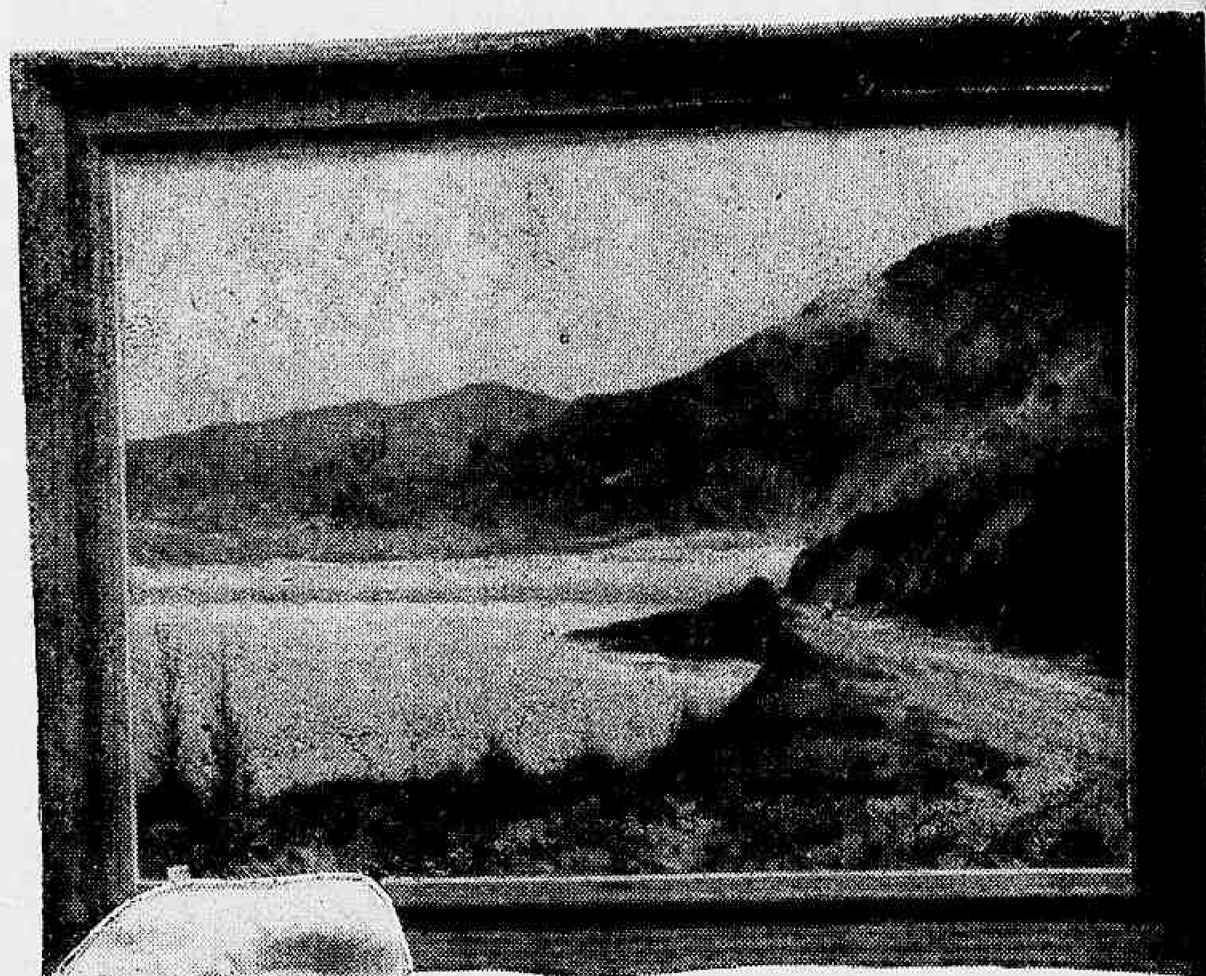
● Com êsses e outros elementos do exame direto da criança é possível diagnosticar a **diatese espasmofílica** e prevenir as situações acima. O **estado timo-linfático** caracteriza-se pelo aumento considerável dos órgãos linfóides e, principalmente, **aumento do timo**. Nos antecedentes da criança, colhem-se sempre referência à manifestações diatésicas da primeira infância, o eczema, as bronquites, os surtos gripais constantes, as anginas.

De tal modo que parece o estado timo-linfático a própria diatese exsudativa que se modificou; e o confirma o fato de ser mais identificado na criança mais crescida, ao contrário da última.

Naquele, apenas restou da última o caráter de aumento de orgãos como o baço, o timo, os folículos da base da língua, as tonsilas e os folículos intestinais (que a autópsia depara sempre). O ponto de partida para o diagnóstico do estado timolinfático é, em primeiro lugar, o aspecto geral da criança. Pálida, pele delgada, tendência obesa. O exame radiológico deparará o característico aumento do timo.

Com essa vinculação à própria diatese exsudativa, é de suspeitar sempre do **estado timo-linfático** quando, nos antecedentes da criança, há referências às manifestações da diatese exsudativa, anteriormente (bronquites, eczemas, surtos de amigdalites). O diagnóstico do estado timo-linfático, na criança, reveste sem dúvida uma importância muito grande. A rigor, nas crianças por êle atingidas, como se depreende do exposto, as intervenções cirúrgicas devem ser precedidas dos cuidados necessários, o que sòmente o exame radiológico do timo poderá orientar devidamente.

BELAS ARTES — O SALÃO DE 1952



RECANTO DE CABO FRIO — Óleo de autoria de Heitor de Pinho.



de ouro — Heitor de Pinho; Medalhas de prata — Edy Gomes Carôllo, Solon Botelho, Waldemiro Freire de Castro e Walter Feder; Medalhas de bronze — Augusto Seabra, David Correa Savedra, Eduardo Mac-Dowell, Euclides Luiz dos Santos, Francisco Cea, Hildo Borges de Castro, Lafayette Gonçalves Rêgo, Maria Luiza Teixeira e Silva, S. Bogatin e Antônio Augusto Gonçalves; Menções honrosas — Felipe Fucks, Hildebrando da Silva, João Anastácio Braga, José Amélio, Laíse Teles de Souza, Maria Pereto, Nisia Luck, Nyldo Cognac, Paulo Pereira Lima, Robert de Capol, Rosemarie Riedel, Rudolf Riehl, Samuel Salvad, Santi Bullo, Zeferina Miniato.

DESENHO E ARTES GRÁFICAS — Medalhas de bronze — Jaime Hora, Segismundo Pinto Martins; Menções honrosas — Querubino de Azevedo e Julian C. Gonçalves

CABEÇA da pintora e escultora Maria Luísa Maciel Pinheiro — trabalho de Paulo Mazzucchelli



DEBULHANDO MILHO — Óleo de Armando Viana.

AUTO-RETRATO — Óleo de autoria da pintora Lully de Carvalho.

SEÇÃO DE ESCULTURA — Medalha de ouro — Celita Vaccani; Medalha de prata — Maria Routier Duarte; Medalhas de bronze — Dulce Teixeira Cantão, Renato Braga De Miguez Garrido; Menções honrosas — Eulando de Aguira Vidal, Giovanna Dellape, Luiz Valentim e Maurício Salgueiro.

SEÇÃO DE ARTE DECORATIVA — Medalhas de bronze — Alice de Holanda Cavalcanti, Jeanne Cillier, Maria d'Oliveira Rocha, Lea Mendes S. Gomes; Menções honrosas — Antonieta Barreto do Carmo, Hele Coelho Marques, José Martins, Maria Antonieta Aboim Theodoro e Nelson Reis Jardim.

SEÇÃO DE GRAVURA — Não houve premiação.

BUSTO DE MADAME ROUTIER — Gêsso de José Pereira Barreto.

À LUZ DA PSICANÁLISE

CRÍTICOS E GOZADORES

DR. LUIZ FRAGA

● Por que encontramos com mais facilidade os homens que criticam ao invés de encontrarmos realizadores? Por que são justamente êstes os que mais abusam? O poder de abusar é uma faculdade, ou antes, uma virtude negativa, peculiar exclusivamente ao homem. Os irracionais gozam os dons da natureza, nos limites de suas faculdades, até se satisfazerem. Com a saciedade os seus desejos cessam. Infelizmente, para o homem, nada o satisfaz. Seus desejos são exorbitantes. Cansado, mas insatisfeito, êle sente necessidade de lhes dar um têrmo. E' uma revelação do sentimento moral. Êle o proclama em mandamentos e ordenações, na família, na tribo e no Estado. Originam-se, assim, as leis humanas. Leis imperfeitas mas um testemunho de nossa preocupação de liberdade e de racionalidade. São a base da civilização.

● Não acha que o Brasil está atravessando uma fase difícil em sua vida política e social?

— E' uma frase que se ouve de todos. Poderia ser gravada em disco e êste disco ser tocado em tôdas as vitrolas. De nada adiantaria. Há uma preocupação inata no gênero humano: criticar. Entre os latinos esta preocupação tem aspectos líricos. São os grupinhos dos cafés, das esquinas, das boticas e das portas dos cinemas. Todos «resolveriam» os problemas nacionais se colocados à frente dos destinos do país.

Parece que desapareceram do globo os homens de boa-vontade. Ficaram, porém, os críticos. Críticos demolidores. Os que se não preocupam com a razão, mas com os homens, com os lugares.

● Já é tempo de agir melhor. Ao cidadão cabe o direito de esclarecer. Esclarecer não é combater e, muito menos, ridicularizar. Devemos argüir com a razão, no sentido filosófico. Há duas revelações universais. Uma exterior — a natureza: a outra interior — a razão a primeira fala dos sentidos são locais as suas percepções, diversas e fugitivas. A outra tem idéias gerais e eternas: unidade, generalidade e eternidade.

— Que é aconselhável fazer?

— Habituamo-nos, em filosofia-política, a julgar os problemas sociais com paixões e sensações. Julgamos mal. Fazemos injustiças. Atacamos ou defendemos sistemàticamente. Julgamos o homem, desprezando o ideal. Preocupamo-nos até com os seus traços físicos e a sua vida privada. Insistimos numa lógica que é a nossa, que enxerga, às vêzes, numa linha única, como se usássemos «antolhos»... Influimo-nos pela simpatia ou antipatia. Não fazemos análise. Escalpelamos. Por isso não nos é dado produzir convicção, quando a razão, em ciência política, não tem argumentos, nem categorias, nem antinomias; é a razão, isto é, a luz.

C U P Ã O

Nome ....

Pseudônimo ....

Data do nascimento ....

Estado civil .... Profissão ....

Residência ....

CORPO ESBELTO E FACEIRO

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu us constante remove as particulas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

M U L T I F A R M A

Rua Direita, 191 — 6º andar

Remessas pelo Reembolso

SÃO PAULO

B É L - H O R M O N

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE ....

ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

VENENO NAS VEIAS

(Cont. da pág. 23)

— O dinheiro não é tudo. — Disse êle num bocejo e dormiu.

Helen apagou a luz irritada.

E continuou irritada, embora tentasse convencer-se de que era para o bem de David e que assim que êle encontrasse Barney tudo estaria solucionado. Mas Adela continuou telefonando sem aviso prévio, às vêzes até diretamente para o escritório de David e, embora Barney ainda não tivesse aparecido, havia sempre um convite para uma festa, para uma «première» de gala, uma estréia importante e como o marido estava fora poderia David ir buscá-la em casa? E era tudo para o bem de David. Acontece, porém, que, embora êle tivesse conhecido uma porção de pessoas interessantes e ambiciosas como êle, Barney Mercer ainda não aparecera. David estava ficando magro e desanimado e quando êle perguntava a Helen se ela não ficava zangada de vê-lo sair quase tôdas as noites sem ela, a espôsa respondia que não. Que mais poderia ela dizer? Então êle dizia que ela era formidável e que êle não gostava de sair sem ela mas que, inegàvelmente, não lhe desagradava sair, pois, pela primeira vez na vida, tinha oportunidade de estar com pessoas que sempre desejara conhecer. Não se referia aos amigos íntimos de Adela, porque êstes eram ricos e pretensiosos e David os imitava para divertir a espôsa e as crianças, mas com o pessoal do teatro êle se sentia como cavalo de circo quando ouve a música tocar; êste sim era o seu mundo e era aí que Adela o estava levando com a promessa de conhecer Barney Mercer e Rachel Eldon e David começou a trabalhar, escrevendo uma nova peça, enquanto tinha alternativas de entusiasmo e desânimo.

— Se ao menos tivéssemos certeza de que Adela vai mesmo falar com êles... — costumava dizer Helen.

E David, abraçando-a, replicava:

— Helen, querida, às vêzes eu penso em desistir de tudo, pois se eu tivesse realmente valor subiria sem ajuda.

E Helen lembrou com saudade do tempo em que sua vida era pacata e agradável, antes de ter encontrado Adela. As noites tranqüilas que passavam em casa... mas disse, altruìsticamente:

— Você não deve desistir, querido.

Então, uma tarde David telefonou do escritório avisando-a de que Adela acabara de convidá-lo para um «cocktail» em sua casa. Helen replicou, muito animada:

— Que bom, mamãe vem aqui hoje e poderá ficar com as crianças, assim eu posso ir com você...

— Está bem, vou avisar Adela de que você também irá. — Disse êle.

Quando Mrs. Andrews chegou, Helen foi aprontar-se. Vestiu o que tinha de melhor e estava em frente ao espelho, ajeitando o chapéu, quando David chegou.

— Onde você arranjou êste chapéu? — Perguntou David.

— E' um presente de aniversário que mamãe me deu adiantado.

O marido sentou-se perto dela admirando-a pelo espelho, mas seus pensamentos pareciam muito distantes quando falou:

— Telefonei a Adela, mas ela não estava. O marido atendeu e eu expliquei que hoje você poderia acompanhar-me e se êles não se importavam de ter uma convidada extra. . Êle disse que seria um prazer... eu nunca tinha falado com êle, mas pareceu-me muito amável e extremamente surpreendido.

— Vá aprontar-se, querido, é tarde.

— Sim, já vou, mas não creio que Mercer esteja lá. A minha nova peça sabe, é sôbre uma mulher tão perfeitamente bela que ninguém vê nela senão uma estátua magnífica; apenas um homem conseguiu descobrir nela uma mulher real, humana e maravilhosa, porque êste homem está apaixonado por ela. Que tal? Helen sentiu um estranho apêrto no coração, como se acabasse de ouvir uma revelação que há muito temia ouvir e disse:

— E' um enrêdo que pode acontecer. Quem o inspirou... Adela?

— Creio que sim. Ela é tão linda... Sua beleza é como um véu misterioso por trás do qual deve existir algo maravilhoso, deve existir alguém que c compreenda...

Helen quis replicar que êle estava enganado, que sob aquela maravilhosa beleza nada mais havia a não ser orgulho, egoísmo e futilidade, mas nada disse.

O número 25 da rua Westminster Belgravia, era uma elegante casa em estilo Georgiano. Parecia recém-pintad e as janelas tinham o parapeito florido; tudo ali denotava gôsto e riquez e Helen, instintivamente, sentiu qu Adela morava ali.

Êles foram conduzidos a um encantador «living-room» no primeiro anda onde um «poodle» negro e um gatinh siamês, sôbre o tapête perto da lareir pareciam fazer parte da decoraçã Mas... nem um outro convidado c algo que denotasse que alguém ma era esperado além dêles. Sentaram-s os dois num sofá, meio sem jeito. Ent Adela apareceu. Trazia amplo vesti de tafetá e um precioso colar de p dras. Entrou esfusiante, estendendo mãos para Helen. Tinha as faces a gueadas e parecia muito fatigada nervosa.

— Oh! Helen, que prazer que vo também tenha vindo. Vinham um outras pessoas também, mas eu um jeito para que não viessem e c vocês ainda não conheciam Fitz, ac melhor que jantássemos apenas quatro. Oh! Fitz, esta é Helen Mag amiga de infância, e David, o mar dela, que se diverte tentando escre peças teatrais.

Helen corou e olhando para Da sentiu a mágoa que o invadiu ao ou a insinuação. E ambos cumprimenta Fitzjames — «o marido desatencios Êle era um homem alto, forte, de r inteligente e voz suave e bondosa. Helen êle pareceu culto, paternal e tanto triste, principalmente quando tava a bela espôsa. E conversou a velmente:

— Foi bom o senhor telefonar e tarde, Mr. Magee. Imagine que nem sabia que íamos ter uma fe hoje aqui. Eu ia até jantar no clu pois Adela me disse que ia sair...

Helen sentiu o coração dispar A tenção nervosa era geral, era dente que já tinha havido uma c ali e que outra estava para acontec Adela baixou a cabeça sôbre uma b deja de copos, enquanto seu belo ro corava de raiva. David apertava lábios controlando-se. Helen tomou copo que lhe ofereceram e falou n nervosa:

— Foi uma pena que você cancel os outros convidados por nossa ca Adela. David queria tanto conh Barney Mercer e Rachel Eldon, mas parecem tão evasivos...

Adela levantou o rosto para H e um sorriso irônico passou pela f nomia de Fitzjames, quando disse

(Conclui no próximo núm

MANAUS - WASHINGTON NUM FORDECO

(Conclusão)

O Cacique é todo-poderoso. E' um homenzarrão forte e saudável, com autoridade de rei. «Dengosa» fêz tremendo sucesso entre os «Canelas» e, graças a ela, aqui estou com o amigo, em plena Copacabana, respirando êsse ar gostoso da cidade maravilhosa.

CHEGADA A RECIFE

Os trajes de Correia da Cunha são pitorescos e atraem a atenção dos freqüentadores de Copacabana. Mais parece um existencialista de Sartre, vivendo nos «boulevards» do Quartier Latin, em Paris, do que um modesto filho das selvas amazônicas. De fato, cabelos longos, barba crescida, bonèzinho de jóquei, camisa xadrez vermelha e preta, sandálias esportivas e um sorriso aberto na bôca, dir-se-á tudo dêle menos que seja um homem rude, habituado à luta no interior nortista. «Só possuo dois trajes: o de apresentação e o de briga!... — exclama o amazonense. — O de apresentação é para as ocasiões... E' um linho branco bacana mesmo que usei nas recepções de Recife, João Pessoa e Salvador. Nestas três cidades recebi carinhosa acolhida não só da massa popular como dos seus governantes. Deram-me amparo, ofereceram-se banquetes, falei nas emissoras, fui festejado, grande gente, seu moço, grande gente. De Salvador, na Bahia, até ao Rio as estradas são formidáveis, cem por cento. No Sul, perto de Ilhéus, sofri uma grande perda: meu cachorro Trigueiro. Não resistiu, coitado, morrendo. Senti muito. Era um cão fiel, amigo no duro da gente. Trigueiro lá está enterrado no solo baiano tão cheio de glórias. Pobre Trigueiro...» — e Carlos Correia da Cunha enxuga uma lágrima dos olhos.

ABANDONARAM A PROVA

— «Quando larguei de Manaus — continua o aventureiro — estava acompanhado. Éramos três: dois mecânicos e eu no volante. Meus dois companheiros me deixaram no Pará. Não resistiram, não. Queixavam-se de cansaço, de esfôrço demasiado, de saudade da família. Na verdade, faltava-lhes espírito de luta. Faltava-lhes vontade de vencer a prova. No Maranhão, consegui outro parceiro. Era um jovem. No mesmo dia, logo após a largada, também êsse entregou os pontos. Chovia copiosamente e estava com receio de apanhar resfriado» — sorri — Carlos Correia da Cunha, fazendo ironia...

Várias pessoas se aproximam da nossa mesa. O povo descobrira o paradeiro do dono da «Dengosa». Queriam vê-lo. Falar-lhe. Estava já formado um grande grupo. E o herói amazonense é crivado de perguntas.

— Qual o seu esporte predileto? — interroga uma graciosa morena de olhos muito vivos e grandes.

— «Automobilismo, senhorita — responde. — Só me interesso pelo que diz respeito a automóveis. Não sou apreciador de nenhum outro esporte. Nem mesmo do futebol... Espero encontrar nos Estados do sul (dentro de trinta dias prosseguir viagem para Buenos Aires) a mesma acolhida de que fui alvo no norte».

AMAZONAS — ESTADOS UNDOS

Carlos Correia da Cunha será recebido pelo sr. Getúlio Vargas em audiência especial. Nessa ocasião, explicará ao Chefe da Nação o que tem sido o seu «raid» automobilístico e a trajetória, aliás enorme, que ainda falta para chegar ao seu ponto final. a capital dos Estados Unidos da América do Norte. Dentro de quatro semanas continuará viagem, devendo partir para São Paulo. Da metrópole bandeirante rumará para Curitiba, Pôrto Alegre, Montevidéu, Buenos Aires. Depois de transpor os Andes, viajará por todos os países da costa do Pacífico, galgando a América Central para então finalizar o seu fabuloso «raid» automobilístico, visitando o México e a terra de Tio Sam.

A RONDA DA MEIA...

(Cont. da pág. 50)

seria a formação da carreira policial com acesso à magistratura.

OUTRO PROBLEMA SÉRIO

Numa cidade que cresce assustadoramente e em que os edifícios de apartamentos se multiplicam, torna-se fácil a proliferação do lenocínio. Daí, a atividade ininterrupta do aparelho policial para reprimi-lo com segurança.

O combate a essa perniciosa chaga faz-se, via de regra, através das denúncias chegadas ao setor especializado da Delegacia de Costumes. E' um trabalho que requer pessoal experimentado e incapaz de ceder ao canto de sereia de determinadas mulheres. Exercendo vigilância por dias indeterminados sôbre uma casa suspeita, a polícia, em geral, consegue lavrar o precioso flagrante.

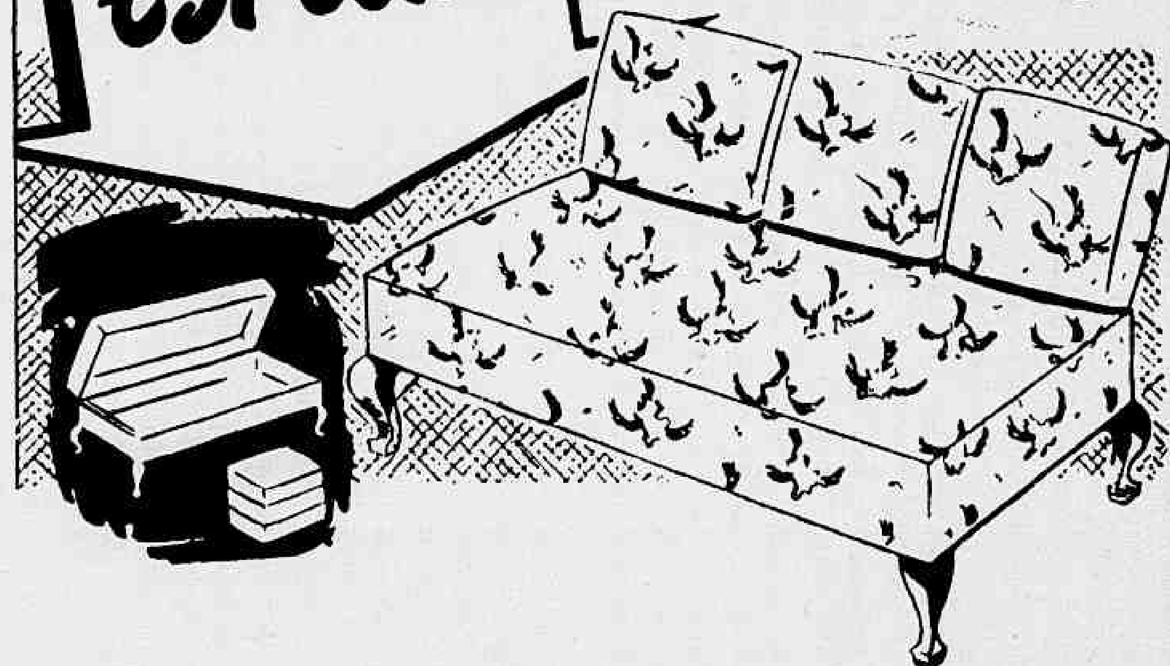
Êste o caso ocorrido no 1768 da Avenida Presidente Vargas. Vinte dias de fiscalização permanente foram feitos pelo investigador Bezerra e seus companheiros sôbre o apartamento 402, a fim de pegar o uruguaio Antônio Garrido num flagrante de corrupção de menores. Após êsse paciente trabalho, conseguiram as autoridades da Delegacia de Costumes pôr a mão no cínico e repelente indivíduo que, apesar dos seus cinqüenta e quatro anos de idade, vivia desvirtuando indefesas mocinhas.

O comissário Daltro de Almeida, em seus dez anos de atividade policial, acha que «uma das mais árduas tarefas da Polícia é a repressão ao lenocínio, principalmente na parte referente ao rufianismo. A maior dificuldade das autoridades reside no fato das vítimas dêsses ignóbeis indivíduos, conhecidos como rufiões, negarem as atividades daqueles a quem sustentam com os proventos do meretrício. Muitas vêzes é necessário grande esfôrço para colhêr provas de que o rufião não possui os meios compatíveis com a vida que ostenta.»

A par dessas dificuldades, luta a Delegacia de Costumes com a deficiência de transporte, a falta de verba e outros meios indispensáveis ao bom trabalho policial. Por isso, exigir mais do que realizam os homens que, sob a chefia do comissário Daltro de Almeida, zelam pelos bons costumes na Cidade Maravilhosa, é humanamente impossível.

Trabalho dos mais ingratos, a considerar-se a degradação moral da maioria de mundanas, cujo linguajar é dos mais imundos, êle implica numa série de medidas nem sempre colocadas à disposição das autoridades. Basta dizer-se que uma transviada para se ver processar por vadiagem é preciso estar em condições de saúde, o que é verificado no Instituto Médico Legal. Caso contrário, não será difícil voltar ao «trotoir» cotidiano, sabido que a lei não permite a detenção por mais de vinte e quatro horas. Isto, atendendo-se que ao serem julgadas em precário estado físico, jamais aceitam o tratamento que lhes é oferecido num estabelecimento hospitalar do Govêrno. Preferem continuar no comércio pecaminoso.

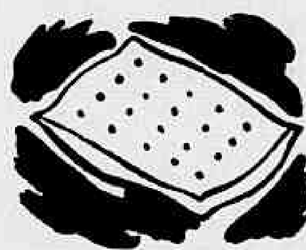
No setor de meretrício e lenocínio da Delegacia de Costumes, ao ensejo desta reportagem, assistimos à detenção de mulheres; à fiscalização das zonas da Praça Mauá, Praça Independência, Lapa, Avenida Mem de Sá, Glória, Beco do Rio, Cinelândia, Copacabana; a flagrantes de lenocínio e corrupção de menores. Nem uma só vez notamos a prática de qualquer ato de violência ou intimidação daqueles que se excediam em seus amôres. Agindo com prudência e a indispensável energia, detectives e investigadores iam reprimindo os excessos e chamando às falas as mariposas. Aliás, entre os próprios policiais, o comissário Daltro de Almeida é conhecido como autoridade moderada, incapaz de permitir quaisquer atos que deprimam o bom nome do Departamento Federal de Segurança Pública.



SUMIER-MALA

"SUMIER" POPULAR

VENDAS A PRAZO



TRAVESSEIRO DE MOLAS

A Indústria de Colchões Ostermoor Ltda., orgulha-se de apresentar ao público o "Sumier" Popular. Belíssimo móvel, de fabricação esmerada, com 3 almofadas, pés em estilo "Chipandale" e todo forrado em tecidos diversos. Colchões ventilados de molas, solt. Cr$ 1.250, casal Cr$ 1.700, 5 anos de garantia, "Sumier" tipo mala com pés "chipp", e 3 almofadas Cr$ 1.300, idem com 2 gavetas Cr$ 1.600, "box-spring" com pés "chipp" e 3 almof. Cr$ 1.700, idem com 2 gavetas Cr$ 2.000, idem tipo mala Cr$ 2.000, TRAVESSEIROS VENTILADOS DE MOLA 1 Cr$ 130, par Cr$ 250. Nos encarregamos da confecção de quaisquer estilos de móveis estofados, reformas, com os mínimos preços. — INDÚSTRIA DE COLCHÕES.



SUMIER 2 GAVETAS

OSTERMOOR LTDA.

Rua Senador Furtado, 30 (Pça. Bandeira) — Tel.: 48-0824. Caixa Postal 3.979. Sempre às ordens de interessados do interior do país.

BALANÇA . . MAS . . .

(Cont da pág. 21)

um menino franzino, tão magrinho que muita gente achava que êle não podia ter nove primaveras, e sim menes. Estava em companhia de vários colegas de estudo numa escola de sua terra natal, quando alguns meninos o desafiaram a equilibrar uma vassoura no queixo. Bob não teve dúvidas: colocou a vassoura no local devido e, como se estivesse num circo e já fôsse um filhote de foca, fêz o número. E' verdade que não foi uma coisa muito perfeita; mas que causou admiração aos meninos; não se discute. A partir daquele momento, êle viu que seria capaz de equilibrar muitas outras coisas.

Aos dez anos já fazia êle proezas incríveis, como a de equilibrar, de uma vez, seis cadeiras! Atualmente está com trinta anos no costado, e sua habilidade é proclamada por todo mundo, que o vê a desafiar a lei da gravidade, erguendo no queixo e na bôca, os mais diversos objetos. Tudo o que êle puder suspender acima do queixo, pode ser equilibrado, declara com a maior convicção. Coisa curiosa: diàriamente anda êle em busca de novos objetos para equilibrar, e seus feitos se tornam dia a dia mais fáceis. Se bem que, mui raramente tais objetos caíam aos pés, desequilibrados, já lhe têm sobrevindo certos acidentes, dentre êstes alguns de visíveis gravidade. Mas tudo isso sucede em função de sua tenacidade para atingir a perfeição na arte do «balança mas não cai». Em 1949, quando estava tentando equilibrar uma dessas máquinas para aparar a relva, tão conhecidas nos serviços de jardinagem, êle quis aumentar o programa com um número sensacional: subir a uma escada com aquilo suspenso de seu queixo. Mas êle se esqueceu de contar os degraus da escada, e, quando chegou ao último, pensando que ainda houvesse mais algum, pisou em falso e lá veio aquela almanjarra ao chão; o cortador de grama caiu de jeito a atingir-lhe o tornozelo, causando-lhe esmagamento, o que o forçou andar de muletas durante vários meses. Aí então não era êle quem equilibrava as muletas, e sim estas ao seu pobre corpo avariado.

Mas Bob, logo que se restabeleceu do acidente, continuou a fazer os seus exercícios de equilibrismo amador e gratuito, entre amigos, no seu lar e no próprio escritório, nas horas de folga, como provamos com as fotografias desta página. Não parece coisa muito difícil. Qualquer leitor poderá tentar, como experiência que servirá para equilibrar... o orçamento doméstico!

O CÍRIO DE NAZARÉ

(Cont. da pág. 11)

rua Haddock Lôbo, onde ficou até ao dia seguinte. Nessa procissão os fiéis conduziam velas e queimavam fogos de artifício, tocando a banda do Corpo de Bombeiros. No dia seguinte, domingo, houve missa e comunhão geral. Às nove horas a imagem de N.S. de Nazaré voltou em grande procissão para a Matriz de São Francisco Xavier, onde permanecerá até para o ano. As comemorações se repetiram a 19 e 26 de outubro, com encerramento solene e missa às 9,30 no Altar de N.S. de Nazaré e bênção aos

montada do Cavaleiro ia caindo no abismo, apareceu N.S. de Nazaré e o salvou, enquanto o veado se despenhava nas águas e desaparecia. O outro milagre se deu por ocasião de um naufrágio no Rio Pará, quando a mesma Virgem milagrosa apareceu aos aflitos e os salvou de afogamento irremediável.

O povo paraense não esquece os benefícios e a proteção de sua Santa, e, todos os anos, mais de duzentas mil pessoas, reunindo gente de Belém, arredores, cidades do Estado e de outros pontos do Brasil, festejam dia e noite, por meio mês, sua protetora imaculada, dentro da maior ordem, apesar de reinar delirante alegria, a mais sensacional agitação do povo que se diverte, reza paga promessas e ama. Por que se dá o nome de Círio a procissão de N.S. de Nazaré em Belém? Porque é a única a realizar-se pela manhã, cada devoto levando à mão uma vela, um **círio**? Seja como fôr, o Círio de Nazaré na capital do Pará é um milagre de fé, um milagre de ordem, um milagre de tradições.

DIÁRIO DE EVA BRAUN

(Cont. da pág. 15)

4 DE MARÇO DE 1935 — *(Três dias depois de o Exército Alemão ter marchado sôbre o Sarre) — Estou mortalmente infeliz. Não posso escrever-lhe e êste "Diário" registra apenas a minha dor. Êle veio sábado para o grande baile de Munich. Passei com êle horas inesquecíveis até as 12 horas, quando então fui ao baile com a sua permissão. Não estêve aqui por catorze dias; estou muito infeliz e sem paz de espírito. Não sei o motivo por que se zangou comigo. Talvez por causa do baile; mas êle me deu permissão. Hoffmann me deu entradas para "Noites vienenses", mas eu não irei. Estou muito triste.*

11 DE MARÇO DE 1935 — *Estou desesperada. Vou comprar comprimidos para dormir. Porque não morro? Antes nunca o houvesse visto. Por que o diabo não me leva? Seria melhor do que suportar a vida que levo. Quando êle diz que me ama, êle o diz sèriamente, mas não cumpre. Por que me tortura tanto em lugar de pôr um fim a tudo isto?*

16 DE MARÇO DE 1935 — *Êle vai a Berlim outra vez. Vejo-o menos do que o usual. No momento é natural que mostre menos interêsse por mim, pois que está ocupado em assuntos políticos. Vou a Zugspitze com Gretel hoje. Talvez com isso me acalme. Preciso ter paciência. Eis tudo.*

1 DE ABRIL DE 1935 — *Ontem, fomos convidadas para jantar com êle no "Four Seasons" (famoso hotel de Munich, por suas saborosas iguarias). Estive sentada ao seu lado por três horas e não lhe disse uma palavra. Ao levantar-se, deu-me um envelope com dinheiro, o que já fizera anteriormente. Se, ao menos, houvesse juntado uma palavra de afeto, eu me sentiria feliz. Mas nunca se lembrava de fazer isso.*

29 DE ABRIL DE 1935 — *(Começa a perseguição do Partido Nazista contra os judeus, e muitos dêles estão deixando o país) — As coisas estão difíceis. Eu cantarolo "As coisas melhorarão", mas isso não ajuda muito. A casa está pronta, mas eu não posso ir visitá-lo. O amor parece que não está no momento em seu pro- ... Berlim*

tler) tem agora uma substituta para mim. Seu nome é Walkure (que, literalmente traduzido quer dizer Valkyrie, uma das virgens mitológicas que escolhiam suas vítimas nos campos de batalha) e ela bem se assemelha a uma Valkyrie, incluindo as pernas. E são as pernas dela que o seduzem. Se é verdade, em breve êle se aborrecerá dela, a menos que tenha o talento de Charlotte, para vencer aborrecimentos. Por que se inquietaria êle com o que venha a acontecer comigo? Eu o esperarei até o dia 3 de junho. Escrever-lhe-ei pedindo uma explicação pelo correio. O tempo está magnífico, e eu, a amante do maior homem da Alemanha e do mundo, tenho que manter-me em casa e olhar o tempo através da janela. Êle tem sido pouco compreensivo e me mantém distante quando seus amigos estão junto dêle. Bem, "cada um procura fazer sua própria cama..." Eu confesso que tenho muita culpa nisso. E lamento que isso suceda na primavera.

28 DE MAIO DE 1935 — *Mandei-lhe uma carta que deve ser decisiva para mim. Será que êle considera isso tão importante como eu penso? Bem, veremos. Se eu não receber uma resposta dêle esta noite, tomarei minhas 25 pílulas e morrerei pacìficamente. Será prova do seu grande amor a mim, o passar três meses sem dizer-me uma palavra gentil? Sei que está muito ocupado com problemas políticos; mas, não haverá hiatos nos mesmos? E o que dizer do ano passado, quando êle estêve tão preocupado com Rohm (Ernst Rohm, líder dos Camisas Pardas, que foi executado no expurgo de 1934; uma conspiração fôra descoberta contra Hitler), e com a Itália, mas que tinha tempo para estar comigo? É verdade que eu não estou em situação de julgar se a presente situação é muito pior. Penso que deve haver outras razões. Não por falta minha, estou certa. Talvez haja outra mulher, se bem que eu duvide que seja a tal de Walkure. Que outras razões poderá haver? Não acho nenhuma.*

P. S. — Meu Deus. Temo que não receba nenhuma resposta hoje. Talvez que minha carta lhe tenha chegado às mãos em momento inoportuno. Ou seria preferível que eu não a houvesse escrito nunca. De qualquer forma uma incerteza é muito pior do que um fim súbito. Bom Deus, fazei que seja possível eu falar-lhe ainda hoje: amanhã será tarde demais. Decidi tomar 35 comprimidos que me darão a morte certa. (A depressão nervosa de Eva passou, e ela não ingeriu as pílulas).

PAULO ROBERTO . . .

(Cont. da pág. 6)

sileira, da qual faz parte, e onde apresentou diversos números, ao piano, em acordeon e na harpa.

Maria Célia parecia um anjo sentada diante da harpa. Suas mãos pequeninas e brancas passavam ligeiras pelas cordas do instrumento derramando pelo ar, sons que pareciam vir do céu.

Sua irmãzinha Elza também segue seu exemplo. Nessa mesma festa que assistimos, as duas apresentaram um número ao piano, que arrancou de um maestro, que fôra especialmente convidado, mas do qual não nos lembramos o nome, que disse com ênfase: — Eis aí duas grandes artistas.

Nessa época, não sabíamos que Maria Célia era filha de Paulo Roberto. Agora compreendemos porque êle diz que é um homem feliz.

POETA TAMBÉM . . .

Há uma coisa que muitos leitores e mesmo muitos ouvintes desconhecem. Paulo Roberto também é poeta.

Respostas ao teste

1—1520
2—Sanson
3—Leste setentrional
4—4 (Minas, Mato Grosso, Amazonas e Goiás)
5—Mato Grosso
6—Uma palmeira
7—Mata branca
8—Cascavel
9—Cêsto de bôca apertada
10—Tauaçu
11—A França (1659)
12—Do Pará (1746)
13—No segundo (1º está a Costa do Ouro, África)
14—Cinco anos
15—Grande violinista.

Em suas horas de repouso, quando seu espírito vagueia, em noites de luar principalmente, Paulo Roberto senta-se e escreve lindos versos.

No dia da morte de Roosevelt, por quem Paulo Roberto sentia verdadeira admiração, o poeta se revelou mais uma vez e, depois de alguns momentos, nasceu um belo poema, que atendendo ao nosso pedido insistente, Paulo Roberto nos cedeu e do qual transcrevemos alguns versos:

À MEMÓRIA DE ROOSEVELT

Recebe agora — ó Terra das Américas —
No melhor dos teus berços de humus [e de sombra,
A luminosa semente de bondade
Que vai baixar, em breve, ao teu [seio fecundo.

. . . .

Dali, daquela ferida ainda recente e [vermelha
rasgada no teu seio — ó Terra —
vai brotar uma árvore nova, com certeza.
E ela — a Árvore Nova — distenderá [folhagem pelo céu
desabrochando em flores de luz, e frutos [de ouro,
dando uma sombra acolhedora e mi- [lagrosa.

Tem que ser diferente de outras sombras,
a sombra da Árvore Nova do milagre!
Ela consolará o coração dos bons,
dará vigor ao coração dos fracos,
e adoçará o coração dos maus.

Recebe — ó Terra das Américas —
no melhor dos teus berços de humus [e de sombra,
a luminosa semente de bondade
que vai baixar, em breve, ao teu seio [fecundo.

Como vêem, Paulo Roberto é também poeta. Tinha razão Roquete Pinto quando nos dizia que Paulo Roberto é um homem de valor.

Realmente, não só no Rádio, mas em vários outros setores, Paulo Roberto nos dá provas de seu valor.

Por isso, que nos perdoe o plágio, mas só podemos repetir. — Paulo Roberto, «você é quem brilha», portanto, «Honra ao Mérito».

A RONDA DA MEIA . . .

(Cont. da pág. 57)

A Justiça não cria, pròpriamente, embaraços à polícia — afirmou o chefe da seção de meretrício e lenocínio. Creio que as dificuldades que surgem em alguns casos, resultam mais da distância em que se coloca uma e outra organização judiciária. O atual chefe de Polícia tem procurado a maior aproximação possível entre as autoridades judiciárias e policiais. O ideal

(Cont. na pág. 49)

VARIZES E HEMORRÓIDAS
TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO
HEMO-VIRTUS
VARIZES: FRICCIONE A POMADA NAS VARIZES E TOME O LIQUIDO
HEMORRÓIDAS: TOME O LIQUIDO E APLIQUE A POMADA NO LOCAL
NAS FARMÁCIAS
Usar durante três meses.

ALBUM DE A Cena Muda PARA 1952

E' mais um maravilhoso presente aos fãs do Cinema, do Teatro, do Rádio e da Música. Fotografias dos artistas em tamanho grande com biografias completas. Muitas páginas coloridas embelezam, extraordinàriamente, esta edição do "Álbum". Páginas de texto com história, notas e informações preciosas. À venda em todos os vendedores de revistas do Brasil, nas Capitais dos Estados e nas cidades do interior.

Preço Cr$ 25,00



COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA - RUA MARANGUAPE, 15 - RIO

FILHO, MEU FILHO

Texto e ... O MARTINA

...GENS:

JEAN	RENATO SCANZINI
MÁRIO	FRANCO FABRIZZI
ZAIRA	LUIZA ALLIANI
SOLANGE	LICIA NA...
DUPUIS	MAXIMO ...AVILLA
JOANA	NIETTA ZOCCHI

CAPITULO 19 (Resumo da parte já publicada)

No solar da família Dupuis, tudo [illegible] a muita alegria. Com verdadeira ternura de mãe, Solange prepara uma lauta mesa para a criança e o cego. Enquanto isto, Mário, Zaira e Jean escapam à perseguição da polícia, que os procurava com veemência. Vendo-se perdido, Mario narra a Zaira a sua fuga das fileiras da cavalaria polonesa. Os dois combinam falar claramente à Justiça. Em Varsóvia a família Dupuis espera inùtilmente a vinda de Mário com o garoto. Resolvem ir até ao circo para colher alguma informação ou saber o que aconteceu à criança ...

CHEGANDO AO CIRCO O SR. DUPUIS É INFORMADO DE QUE MÁRIO E JEAN HAVIAM SAIDO HÁ BASTANTE TEMPO...

—o—





O COMISSÁRIO NÃO TINHA CIÊNCIA DE NENHUMA DESGRAÇA OCORRIDA A UM CEGO E A UM MENINO...

—o—



SIM, SOU EU A SENHORA QUE OS ESPERAVA, PORÉM NÃO VIERAM!...

ENTÃO... SANTO DEUS! PARA ONDE FORAM AQUÊLES DOIS POBREZINHOS?!...

NÃO CRÊ QUE NO ULTIMO MOMENTO TENHAM MUDADO DE IDEIA, POR QUALQUER MOTIVO? NÃO SEI QUAL MAS TALVÊS, PELAS SUAS PALAVRAS.

NÃO, NÃO! ÊLES SE DIRIGIRAM PARA SUA CASA. MOMENTOS ANTES O GARÔTO QUERIA SAIR COM ZAIRA, MAS ELA...

CARAMBA! E ZAIRA ONDE ESTÁ?

ZAIRA? DE QUEM ESTÁ FALANDO?

DISSE-ME TAMBÉM QUE DESAPARECEU A MOÇA... ZAIRA PROVAVELMENTE ESTÁ JUNTAMENTE COM ELES...

NÃO CREIO, SR. COMISSÁRIO: ZAIRA SAIU MUITO ANTES E FOI À CASA DE UM TIO...



DE MINHA NETA: HOJE SAIU PARA FAZER ALGUMAS COMPRAS E AINDA NÃO VOLTOU:

PENSAVAMOS QUE ELA EM VEZ DE VIR DIRETAMENTE PARA CÁ, TIVESSE IDO SE ENCONTRAR COM MÁRIO E A CRIANÇA... PORÉM O SENHOR DIZ QUE NÃO OS VIU!

GEO, DEVEMOS PROVIDENCIAR ALGUMA COISA LOGO!...



OBRIGADO SR. COMISSARIO. AQUI TEM O MEU CARTÃO DE VISITA: DESEJO PRESTAR-LHE ALGUM ESCLARECIMENTO.

DESCREVE-LOS! CARAMBA! SOU CAPAZ DE FAZER UM RETRATO COMPLETO DOS DOIS!

ESTÁ BEM: DESCREVA-ME DETALHADAMENTE O RAPAZ E A MOÇA... FAREI TUDO PARA OS ENCONTRAR!

O PROFESSOR PRESTA TODOS AS INFORMAÇÕES PRECISAS DOS DESAPARECIDOS, DEPOIS SAE COM GEO, E O COMISSÁRIO...

—o—







PASSA UM DIA, PASSAM DOIS DIAS, E SOLANGE ENTREGUE A UMA PREOCUPAÇÃO INSOLITA SENTE-SE PRESA DE ANGÚSTIAS...







75







AS INFORMAÇÕES ENVIADAS AOS DISTRITOS DERAM COMO RESULTADO A CAPTURA DOS FUGITIVOS...









76



NAQUELE INSTANTE UM AGENTE ANUNCIA A ENTRADA DE DUAS PESSOAS CHAMADAS A DEPOR...

O CARTAZ DA SEMANA



IVANY RIBEIRO

Novelista exclusiva da

RADIO BANDEIRANTES

a mais popular emissora paulista

A RONDA DA MEIA NOITE

ALTAS HORAS, DETECTIVES E INVESTIGADORES ZELAM PELOS BONS COSTUMES ★ O SERVIÇO DE REPRESSÃO DAS MARIPOSAS ★ A JUSTIÇA E A AÇÃO DA POLÍCIA

Reportagem de ARMANDO MIGUEIS **Fotografias de ALRAM MILAN**

ALI por volta de 1944, o bem intencionado Alcides Etchegoyen, num infeliz golpe estratégico, arrasou o quartel-general do meretrício. Da noite para o dia, como num passe de mágica, centenas de casas foram fechadas. Milhares de mundanas, por sua vez, voltaram à laje fria dos xadrezes, enquanto ultimavam-se providências para que fôssem encaminhadas a outros destinos. Porém, a medida do democrático e honesto militar redundou num seríssimo problema. E' que, uma vez libertas, essas infelizes criaturas buscaram nos bairros familiares e nos edifícios domiciliares os recantos escusos para seus amôres ilícitos.

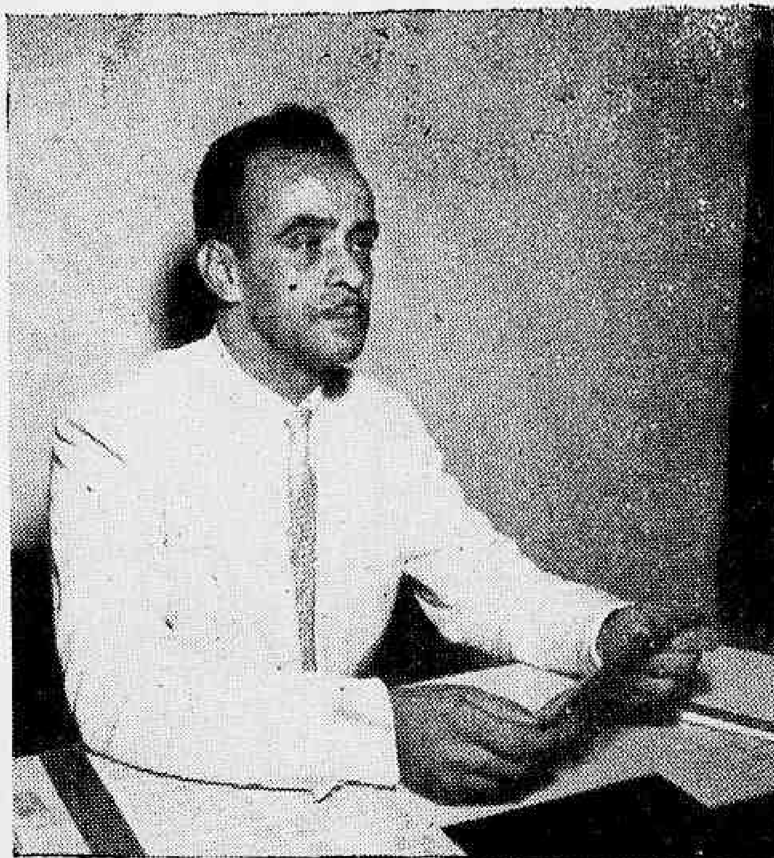
Mas não parou nesse ponto a gravidade da questão. Surgiu, ainda, o caso dos assaltos a casais desprevenidos e o aumento do índice de defloramentos. Daí, o ligeiro recuo das autoridades policiais que, através de medidas de tolerância, procuraram sanar o grande mal. Acontece, porém, que a invasão dos bairros familiares pelas criaturas de vida fácil estava a reclamar providências mais enérgicas, a fim de salvaguardar o decôro público. Por isso, a entrega do setor especializado da Delegacia de Costumes a uma autoridade que, à primeira vista, pareceu capaz de eliminar tão perigoso quisto.

PADILHA NA RIBALTA

O delegado Cícero Brasileiro de Melo sondou o ambiente policial. Uma autoridade pareceu-lhe indicada para o duro mister. Conhecido como intransigente no cumprimento do dever, Deraldo Padilha viu-se,



Vinte dias de pertinaz vigilância ao 1678 da Av. Presidente Vargas coroaram de êxito o trabalho do investigador Bezerra contra a corrupção.



Daltro de Almeida substituiu Deraldo Padilha no setor de repressão ao meretrício e lenocínio, com muito critério, sem excessos de poder.



O detective Guilherme ouvindo promessas regeneração; entretanto, a ficha desta marip vai recebendo novos dados sôbre detençõ

de um momento para outro, guindado à direção dêsse setor.

À frente do serviço de repressão, Padilha conquistou, de imediato, uma popularidade pouco invejada. E' que agindo, algumas vêzes, com violência, não tardou em ocupar a primeira página dos órgãos da imprensa carioca. Mulheres de vida fácil, rufiões da pior espécie e exploradoras do lenocínio, tremiam só em ouvir o nome de Padilha, tamanho o combate que êste lhes movia. Aliás, não estamos aqui para defender suas atitudes, nem aprovar seus atos, sabido que êstes, em geral, contrariavam a própria lei. Todavia, Deraldo Padilha deu uma vassourada em regra nos antros da prostituição, fazendo tremer seus alicerces.

Um dia, porém, diante das acerbas críticas das autoridades judiciárias, Deraldo Padilha foi afastado da Delegacia de Costumes e removido para um distante distrito policial. Hoje, ao que soubemos, encontra-se à disposição do gabinete do Chefe de Polícia.

A saída do famoso comissário provocou autêntico carnaval entre os transgressores da lei. Êstes previram um abrandamento no combate ao comércio infame. E diversos bairros viram-se, inesperadamente, invadidos por uma chusma de meretrizes, caftens e rufiões.

COPACABANA CONTRA A INVASÃO!

Bairro essencialmente cosmopolita, com suas «boites», suas casas de diversões e seus edifícios de apartamentos, foi assaltado por centenas de mundanas que, desgarradas da Lapa e outras zonas de má reputação, encontraram campo fácil a seu comércio.

A essa altura, porém, levado por mão de mestre, assumia a direção do setor de meretrício e lenocínio da Delegacia de Costumes, uma autoridade que jamais fugiu ao cumprimento da lei, nem tampouco abusou do poder de polícia.

O bacharel Daltro de Almeida, cuja fôlha de serviços no Departamento Federal de Segurança Pública é das mais limpas, assestou, prontamente, suas baterias para reprimir a situação em que se encontrava a metrópole carioca.

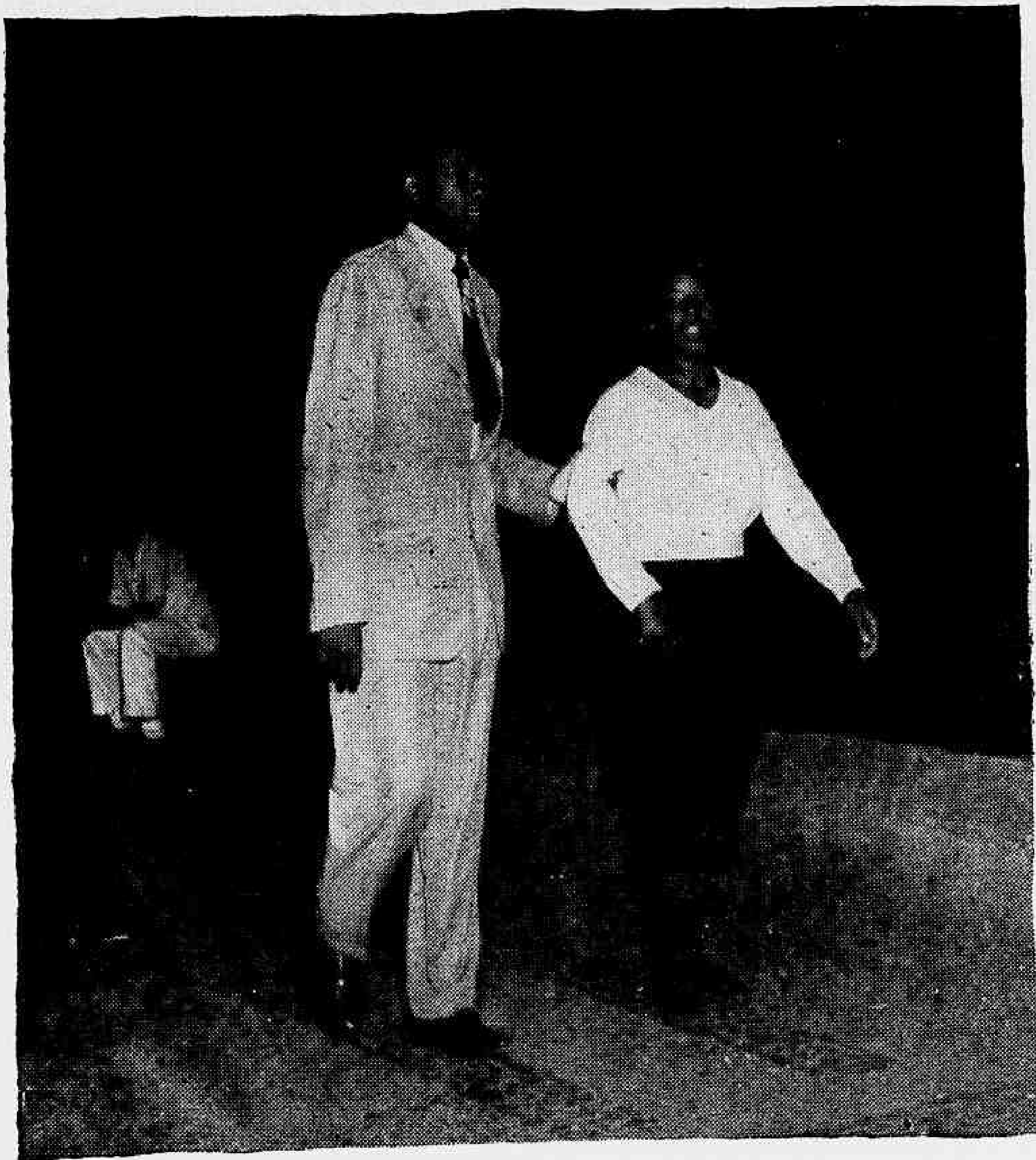
Coadjuvado por doze detectives e quarenta e sete investigadores que, diga-se de passagem, mal ganham para viver, o antigo responsável pela seção de Tóxicos e Mistificações iniciou, sem qualquer alarde publicitário, uma campanha das mais benfazejas. Campanha que se vem fazendo sentir em tôda sua plenitude, sendo fácil constatar a higienização dos principais focos de mundanas.

Daltro de Almeida sabe, perfeitamente, que o meretrício é um problema social de difícil solução. Aliás, confessou-nos considerá-lo como «um mal necessário, pois a experiência temnos demonstrado ser impossível extirpá-lo». Êsse é, em parte, o ponto de vista do Ministro Nelson Hungria que, em recente conferência, afirmou «a volta do Mangue merece aplaus

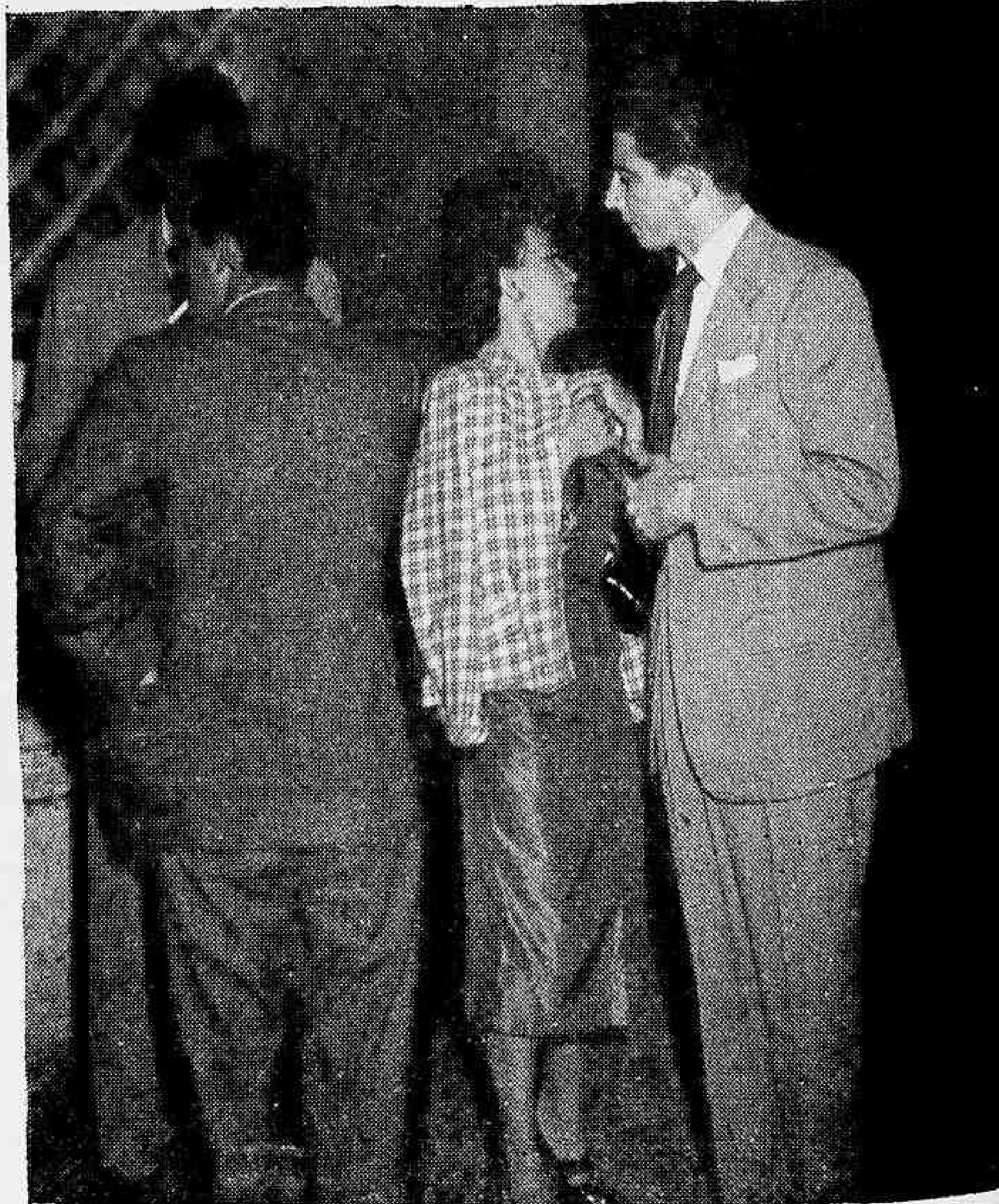
COMO RESOLVER?

Do próprio chefe da seção espe
lizada da Delegacia de Costumes,
uma ronda noturna, em que assisti
à detenção de quarenta infelizes,
vimos a declaração de que a me
solução para êsse problema é res
gi-lo ao mínimo, evitando-se o
transbordamento, a sua propagação
medidas radicais tomadas contra a p
tituição, como a que se verificou
alguns anos em relação ao Man
não só ocasionaram as piores co
qüências à sociedade carioca,
também criaram problemas da
alta gravidade para o aparelham
policial desta cidade.

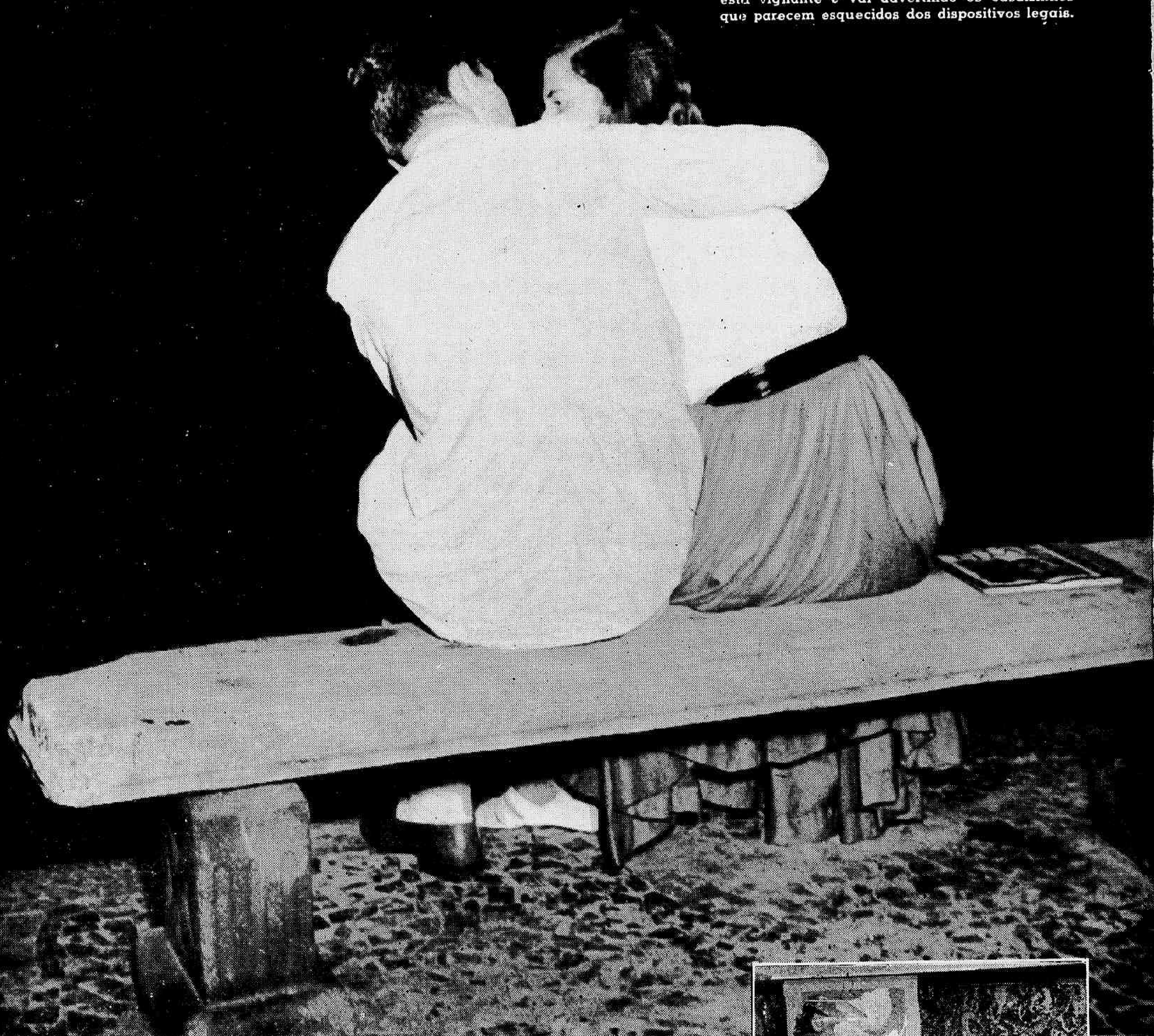
O ideal seria que houvesse um
tabelecimento público, para onde
dessem ser encaminhadas as deca
e aí internadas compulsòriamente.



Cenas que se repetem tôdas as noites. Esta criatura vai segura por um dos auxiliares do comissário Daltro de Almeida para ser submetida a exame médico. Se gozar saúde, será processada por vadiagem e punida.



Saída da penitenciária de Bangu, esta infeliz não resistiu às s ções da vida airada. Detida pela turma da Delegacia de Costu implorou clemência; mas nada conseguiu. Será novamente process



A Avenida Atlântica é um viveiro de cenas de alcova. A polícia de Costumes — sob a chefia do comissário Daltro de Almeida — está vigilante e vai advertindo os casaizinhos que parecem esquecidos dos dispositivos legais.

estabelecimento teria os meios apropriados ao tratamento de saúde das internadas, bem como os de sua recuperação para a sociedade.

Infelizmente, nesse ponto, o Estado descuida-se do problema. Entrega à polícia a solução do caso, como se esta seja suficiente para a recuperação das mundanas. A Polícia, por sua vez, acha-se a braços com o encaminhamento das mesmas, conhecidas as dificuldades criadas pelo nosso Código Penal. E' comum verem-se mulheres que, após um mês de internamento na Penitenciária de Bangu, são detidas outra vez em pleno «trotoir».

OS MEIOS DE REPRESSÃO UTILIZADOS

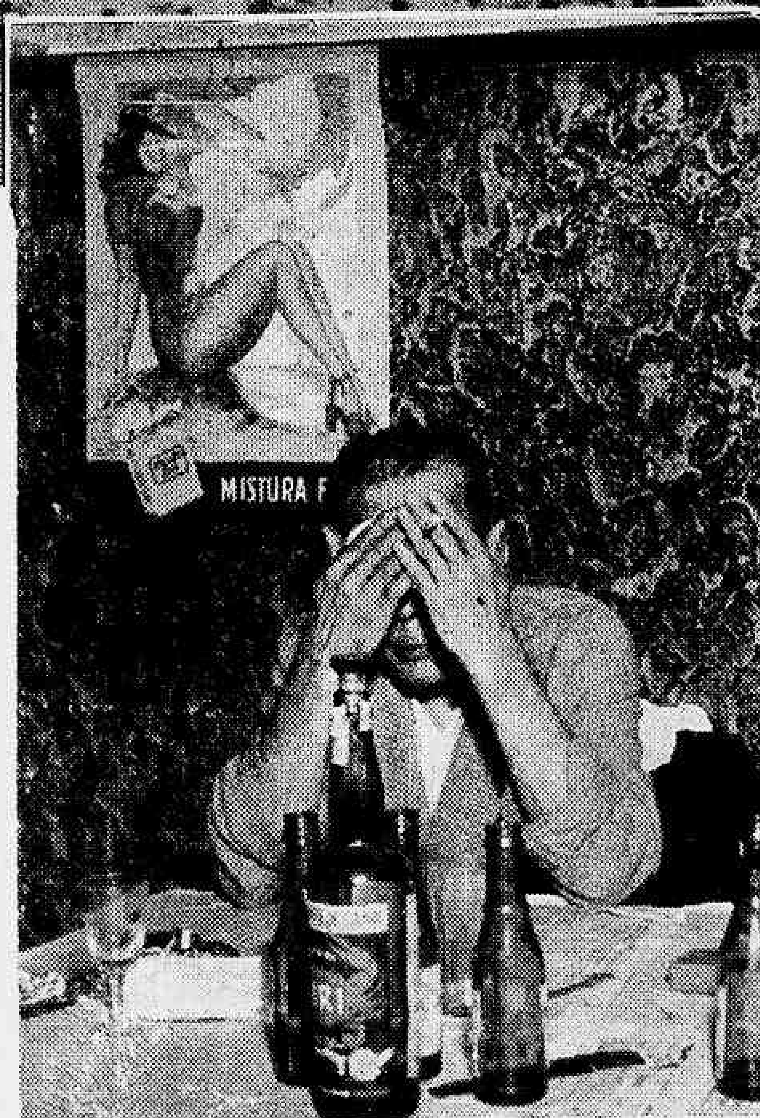
Procurando não ferir a lei, as autoridades do setor especializado da Delegacia de Costumes valem-se dos mais benignos meios para reprimir o meretrício desenfreado. Deixemos, porém, que o comissário Daltro de Almeida explique quais êsses meios:

— Na atividade repressora, tanto maior seria o raio de ação do nosso setor, quanto pudéssemos dispor de elementos materiais, principalmente pessoal e transporte. Com os meios de que dispomos, nem sempre satisfatórios, vimos exercendo constante vigilância contra o perambular das mundanas pelas ruas da cidade. Trabalhando com várias turmas de auxiliares, temos combatido com a máxima energia as mulheres de vida fácil que fazem movimento na rua. A essas infelizes aplicamos as medidas que nos autorizam as leis. As meretrizes ainda jovens, damos conselhos e em seguida as mandamos embora. Quando são reincidentes, como medida de preservação social, enquadramo-las na figura jurídica do artigo 59 da Lei das Contravenções Penais (Vadiagem). As que são comprovadamente doentes tentamos encaminhá-las, sem resultados, por não haver medida compulsória, a hospitais. Para êsse fim estão à disposição o Hospital Eduardo Rabelo, onde são tratadas as meretrizes portadoras de doenças venéreas, e o São Sebastião, onde poderão ficar em tratamento as que são atacadas de tuberculose. São essas as medidas usuais aplicadas contra a prostituição que, embora represente um sistema de conduta imoral, não constitui crime.

A JUSTIÇA É CEGA; E AS AUTORIDADES?

Tornou-se praxe, porque não dizer, afirmar que a Justiça entrava a ação das autoridades policiais. E' que estas, via de regra, não se conformam com o recurso do «habeas-corpus», recriminando o juiz que o concede. Por isso, quando em contato com o bacharel Daltro de Almeida, procuramos sondá-lo a respeito.

Autoridade refratária aos processos violentos, sua opinião sôbre a ação daqueles a quem compete zelar pelos direitos assegurados ao cidadão é, indiscutivelmente, valiosa. **(Continua na página 50)**



Antônio Garrido, corruptor de menores fisgado pelo investigador Bezerra. Garrido não soube honrar seus cinqüenta e quatro janeiros e está sendo processado.



O ÚLTIMO FLASH

CHEGOU O MENINO PRODÍGIO! — Desceu do avião, vindo do Ceará, dos «verdes mares bravios», Francisco Dorismar Arrais, o menino-prodígio que está assombrando a todos. Tem uma memória prodigiosa, conhece história e biologia, discute filosofia, cita autores, enfim é um pequenino Pico de La Mirandola, de sete anos, que como o gênio da Idade-Média, pode-se gabar de saber tudo, de **omni re scibilli**... Fala-se que o govêrno deve aproveitar essa precocidade e assim é, mas aproveitá-la com orientação e não enchendo-lhe a cabeça, desnorteadamente com tôdas as noções disparatadas, que um ser humano ávido de saber possa, com uma mente privilegiada, apreender, sem método, sem ordem ou sem plano. Que esta terra prodigiosa e inaproveitada convenientemente, saiba aproveitar o seu menino-prodígio!

MÓVEIS e DECORAÇÕES



projeto da CASA NUNES



Visite as novas exposições

— preços ao alcance de todos —

Grupos Estofados

— especialidade de nossas oficinas —

Tapêtes Feitos à mão

de grande beleza e originalidade

Tapêtes e Passadeiras

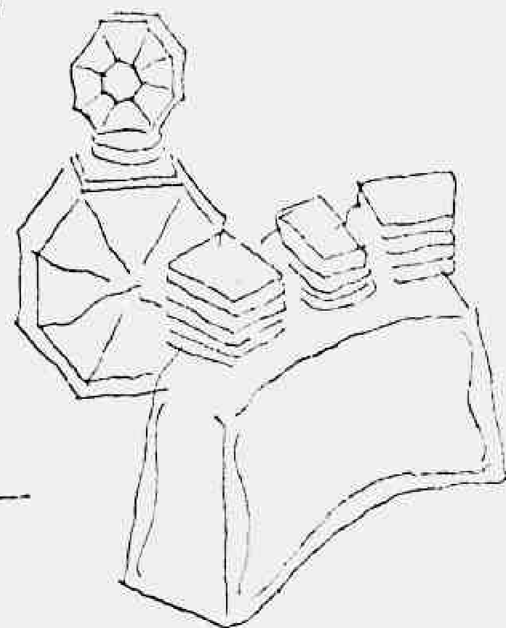
de forração, de tôdas as larguras, em côres lisas e com flores



65 rua da CARIOCA 67 — RIO

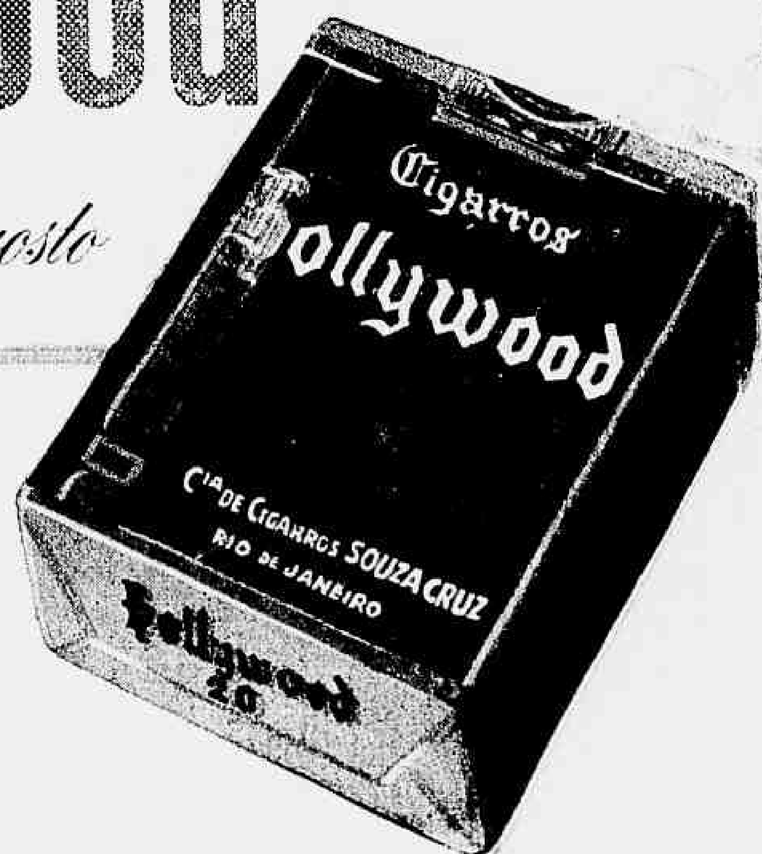
Uma legítima consagração...

O apurado bom gosto de uma elite consagrou os perfumes francêses como os mais finos e raros... Esse mesmo agudo senso de seleção, peculiar aos que se distinguem pela elegância, deu aos cigarros Hollywood uma insuperável tradição de alta classe.



cigarros **hollywood**

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ